

Faculdade de São Bento

Everton Toresim

**O Movimento de Interiorização segundo Santo Agostinho
como via do reestabelecimento moral do Homem**

São Paulo, 2013

O Movimento de Interiorização segundo Santo Agostinho como via do reestabelecimento moral do Homem

Monografia apresentada à Faculdade de São Bento como exigência parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Joel Gracioso.

São Paulo, 2013

Orientador:

Prof. Dr. Joel Gracioso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

Prof. Dr. Pedro Monticelli

A Naiara e a meus pais,

Com profunda gratidão...

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, à Deus, Verdade imutável e fonte de toda sabedoria, que habita no interior de nossa alma; início e fim de toda vida interior. A meus pais, Evanir Toresim e Sueli Aparecida de Jesus Toresim, pelo fundamento de toda vida intelectual, humana e espiritual que me sustentaram na caminhada acadêmica.

À Naiara Cristine Ferreira, pelo amor e companheirismo, seja nos agradáveis momentos de descontração, seja pelas profundas partilhas sobre a vida interior. À ela que permanece comigo sempre em um só coração, e uma só alma.

Aos professores da Faculdade de São Bento, mestres de profundo conhecimento e sabedoria, que, com seu jeito peculiar, fizeram-me avançar na maturidade intelectual. Em especial, ao Prof. Dr. Joel Gracioso que me inspirou a estudar Santo Agostinho de Hipona e que acompanhou-me em todo o processo de orientação.

A todos os caríssimos amigos do Mosteiro de São Bento que fizeram e fazem parte da minha história neste tempo em que nos deparamos com o mistério da Filosofia. Em especial, Dom Alberto e Dom João Marcos que muito me ajudaram, Dom João Batista, Josivaldo, Josiel, Everton, Fernando Goto, João Renam, Ericsson, Ir. Eduardo.

Aos estimados funcionários da Faculdade, em especial pela sua presença discreta e essencial: Geraldo, José Roberto, Cido, Nanci, Priscilla.

A todos os meus amigos da Fraternidade Frassati, de modo especial ao Jonas, Mariana, Flavia, Tiago e Rodrigo.

A todos da Comunidade Dominus Salus, pelo tempo em que me proporcionaram um concreto amadurecimento humano e espiritual.

Ao Mosteiro de São Bento por ser um lugar de refúgio e oração onde pude neste tempo me encontrar com Deus.

*“Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti.
Ó virtude de minha alma, entra nela e molda-a a ti, para que a tenhas e possuas sem mancha
nem ruga”¹.*

¹ AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 437.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar o movimento de interiorização na Filosofia de Santo Agostinho de Hipona. Mais que isso, pretende associar este movimento interiorizante com o reestabelecimento moral do homem que deve voltar os olhos para o interior de si mesmo a fim de conhecer-se. Iniciando o percurso pela abordagem do problema filosófico nas obras *Soliloquia*, *Contra Academicos*, *De vera Religione* e *Confessiones*, identificamos o movimento de interiorização que é justamente a passagem das criaturas mutáveis exteriores, para o interior do homem e o encontro de sua alma racional, e, por fim, sua ascensão a Deus, Verdade imutável. Posteriormente passando pela exposição da importância da interiorização na salvação do homem pela fé, refletimos, sobretudo, com as obras *De vera Religione* e *De quantitate Animae*, sobre as idades do homem interior e os graus de atividade da alma. Por fim, chegamos à reflexão sobre a interioridade na salvação do homem pela razão, refletindo com as obras *De vera Religione* e *Confessiones*, sobre a redescoberta do movimento “de fora para o interior, e de interior para o alto” como reestabelecimento moral do homem. Longe de pretender uma resposta inédita dentro do corpo de estudos Agostinianos, este trabalho visa, sobretudo, o exercício da investigação filosófica, nos limites de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-Chave: Agostinho. Movimento. Interiorização. Mutável. Imutável. Razão. Verdade. Moral.

BREVIARIUM

Hoc studium intendit inquirere de motu in internalization Philosophia S. Augustini Hipponensis. Quin introferendo motus una cum sis homo moralis reestablishment intra oculos nostros dirigamus ad te scires. Starting in itinere venientem in opera philosophica quaestionem Soliloquia, Contra Academicos, in libro De Vera Religione et Confissiones identify quod sit praecise loco creaturarum mutabilis motus internalization exterioris hominis interioris et congressus eius animam rationalem, Denique veritatem incommutabilem Dei ascensione. In nulla internalization momenti postea per fidem salvetur homo, cogita maxime et de Quantitate Animae opera De Vera Religione et in saecula modum operatio interior. Postremo, venimus ad considerationem in interioritatis propter salutem hominum, et considerans opus De Vera Religione, in patefactione Confissiones motus "a medio ad apicem intus et extra ', ut instauratio morali hominis. Volo inauditum procul respondere infra corpus Augustiniano studiis, opus hoc maxime studet studio philosophica, intra limites labor Cursus Expleto.

Palavras-Chave: Augustinus. Motus. Internalization. Mutabilis. Immutabilis. Ratione. Veritas. moralis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – O Movimento Interiorizante Agostiniano.....	12
1.1. Nas obras <i>Soliloquia</i> e <i>Contra Academicos</i>	12
1.2. Estrutura do Livro <i>De vera Religione</i>	18
1.3. Análise do Movimento Interiorizante.....	22
1.4. Nas <i>Confessiones</i>	27
CAPÍTULO II – A interioridade na salvação do homem pela Fé.....	36
2.1. Origem do mal e defectibilidade da alma.....	36
2.2. A restauração do homem começa pela fé na autoridade.....	41
2.3. As Idades do homem exterior e do homem interior.....	44
CAPÍTULO III – A interioridade na salvação do homem pela Razão.....	54
3.1. Das coisas sensíveis e mutáveis às inteligíveis.....	54
3.2. Da razão interior à Verdade Imutável.....	59
3.3. Da unidade imperfeita das coisas mutáveis à Unidade perfeita do Uno.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

Introdução

O trabalho que se apresenta nas linhas que hão de desenhar-se na sequência versa sobre um tema central na filosofia de Santo Agostinho: o movimento de interiorização. Para que o homem chegue a alcançar a verdade imutável, faz-se necessário realizar o movimento que basicamente define-se pelo sair das coisas materiais, mutáveis e exteriores, e voltar-se para o interior de si mesmo; posto isto, é preciso transcender o próprio interior a fim de alcançar a Deus, verdade eterna e imutável.

Este é o argumento fundamental usado pelo Bispo de Hipona para realizar todo o movimento de interiorização: passar das coisas mutáveis para as imutáveis. Este também é o argumento que norteia todo este trabalho de conclusão de curso. À luz deste argumento, logo podemos perceber que as coisas exteriores deste mundo, portanto as coisas materiais, são perecíveis e mutáveis e desta forma, quando o homem deseja fruir delas acaba por escravizar-se a algo que não lhe pode dar a vida feliz e a sabedoria.

O homem preso às coisas materiais e mutáveis acaba por tornar-se escravo delas, e acaba servindo-as e não servindo-se delas. Por este motivo é necessário voltar-se para o interior de si mesmo, pois é no interior do homem que a verdade habita, como nos diz o próprio Agostinho: “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem”². Sair da exterioridade e voltar-se para o interior é o primeiro passo para realizar o movimento de interiorização; não é tudo, porém. É o primeiro passo porque no interior o homem encontra sua “mens”, a mente, ou seja, o homem encontra a razão, a inteligência e a vontade.

Uma vez que se redescobre como um ser racional, o homem também descobre que pode julgar todas as coisas materiais e mutáveis presentes fora de si, na exterioridade. Percebe, portanto, que é um ser superior a todas as demais criaturas mutáveis e, desta forma, não mais serve a estas coisas, mas coloca-se acima delas, pois é dotado de uma alma racional. Descobre que a verdade habita em seu interior, e não fora, e que esta verdade é perene. É através desta verdade que o homem é capaz de julgar as demais criaturas; todavia, este homem não produz a verdade – produz conhecimentos através dela – pois eis que ele constata a existência da verdade e que esta está ontologicamente acima dele. Como, então, a alcançar?

Este é o segundo passo que damos no movimento de interiorização a fim de alcançar a Verdade imutável; eis como diz o próprio doutor Hiponense: “E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão”³. Uma vez que o homem encontrou dentro de si a mente, torna-se capaz de julgar todas as demais criaturas mutáveis. Porém, a sua razão também é mutável, o homem interior também é mutável à sua maneira, visto que pode adquirir novos conhecimentos ou perde-los.

² *De vera Religione*, XXXIX, 72: “Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 02 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 98.

³ *Ibidem*: “et si tuam naturam mutabilem inveneris, transcede et teipsum. Sed memento cum te transcendis, ratiocinantem animam te transcendere”.

Sendo desta maneira, para encontrar a Verdade imutável, o homem deve transcender a si mesmo.

Isto acontece no instante em que este homem, constatando sua natureza sujeita a mudanças, ultrapassa e transcende a sua própria alma que raciocina. Transcende sua “mens” e se dirige à própria luz da razão: a Verdade Imutável, Deus. Assim, redescobre não apenas a si mesmo e quem é, mas descobre também que há uma gradação hierárquica na ordem do saber. Esta se enuncia pela ordem do conhecimento sensível, pois o homem julga todas as coisas mutáveis exteriores a ele através da razão, e pela ordem do conhecimento intelectual, pois o homem descobre a própria Verdade Imutável acima de sua “mens”, luz que ilumina sua razão, para submeter-se a ela. Assim temos: as coisas mutáveis exteriores que submete-se ao homem, e este submete-se, por sua vez, à Verdade imutável, e portanto a Deus.

Nesta redescoberta de quem é e da gradação hierárquica à qual está chamado a viver, o homem realiza seu reestabelecimento moral, torna-se livre, podendo julgar a tudo através da Verdade Imutável, pois está unido a ela. A fim de investigarmos este movimento de interiorização que trouxe o homem até a presente descoberta, propomos um caminho de reflexão neste trabalho. Ele inicia-se no capítulo primeiro, onde iremos investigar como se realiza o movimento de interiorização apoiando-nos nas obras de Agostinho intituladas *Soliloquia*, *Contra Academicos*, *De vera Religione* e *Confessiones*. Posteriormente, no capítulo segundo, investigaremos como se estabelece a interioridade na salvação do homem pela fé na autoridade divina concentrando nossas reflexões na obra *De vera Religione* e *De Quantitate Animae*. Posto isto, no capítulo terceiro, abordaremos a interioridade na salvação do homem pela razão continuando nossas reflexões nos escritos Agostinianos *De vera Religione* e nas *Confessiones*. Enfim, propomos neste trabalho um estudo sobre o movimento de interiorização, uma redescoberta do movimento “de fora para o interior, e do interior para o alto”, como reestabelecimento moral do homem; uma discussão nas obras supraditas de Agostinho com foco principal no *De vera Religione*.

Capítulo I: O movimento interiorizante Agostiniano

Sabemos que o estudo sobre o tema do movimento de interiorização é um dos mais instigantes e importantes na obra de Santo Agostinho. De fato, versa sobre o voltar-se a si mesmo, para o interior de si mesmo em vistas de buscar e encontrar a Verdade. Esta última, não a encontraremos na exterioridade, ou seja, nas coisas deste mundo, nos seres corpóreos e mutáveis, passíveis de serem levados pela lei das mudanças sucessivas. E por que não encontrá-la aqui? Justamente pelo fato de que os seres corpóreos, não possuindo a suma perfeição, são mutáveis e por esta causa deterioram-se. Em contrapartida, porém, o ser incorpóreo, sumamente perfeito porque imutável, jamais se deteriora, permanecendo sempre o mesmo. Ele é a Verdade! Por isso exorta-nos o doutor Hiponense a não desejarmos ir para fora de nós mesmos, mas sim voltarmo-nos para o interior, pois é no homem interior que habita a Verdade. A filosofia de Agostinho é sempre:

“uma reflexão que visa a um absoluto de verdade e de valor. Sua conversão implica uma reflexão da passagem do “profano” ao interior como lugar privilegiado da verdade. Mas a volta ao interior assume imediatamente um caráter sacral, porque o encontro da verdade na “mens” é um encontro de Deus, e esse encontro se tece nos atos de louvor, de dom e de amor – na Confissão propriamente agostiniana”⁴.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso pretendemos aprofundarmo-nos neste problema – que pode ser chamado também de “metafísica da experiência interior”⁵ –, investigando como acontece o movimento de interiorização a fim de encontrarmos as estruturas da alma e a Verdade que habita no homem interior. Deste encontro do homem com a Verdade resulta o seu reestabelecimento moral, pois que deixa de buscá-la fora de si, nas coisas mutáveis e passageiras, e, portanto, de estar apegado a elas, para buscá-la onde de fato pode encontrá-la: no interior, onde habita Deus, para viver a partir dele. Nos parágrafos que se hão de desenhar na sequência nos propomos um caminho de reflexão para desenvolver o tema apontado. Começaremos a refletir a partir da Obra de Agostinho intitulada *Soliloquia* e o *Contra Academicos*; depois seguiremos para o *De vera Religione*. Realizaremos na sequência uma análise da interioridade nas *Confissiones*. Desejamos, porém, deter-nos posteriormente na obra *De vera Religione*, analisando-o em paralelo às obras *De Quantitate Animae* e *Confissiones*, a fim de aprofundarmo-nos mais precisamente em como aparece o movimento de interiorização nestes escritos de Santo Agostinho de Hipona.

1.1. Nas obras *Soliloquia* e *Contra Academicos*

Assim como traçamos nosso caminho no parágrafo supradito, desejamos começar nossas reflexões partindo da obra do doutor Hiponense intitulada *Soliloquia*. Esta obra, composta por dois livros, é uma espécie de monólogo onde Agostinho dialoga consigo mesmo, ou mais precisamente, com sua razão – donde se deriva o nome *Solilóquios*. Nela, ele busca, sobretudo, uma reflexão em vistas de explanar o problema da procura de Deus, da verdade e da imortalidade da alma. O santo encontra-se no ano de 386, na cidade de

⁴ Lima Vaz, Henrique C. de. *Ontologia e história*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 79.

⁵ *Ibidem*, p. 77.

Cassiciaco para onde se retirou logo após sua conversão a fim de viver recluso dedicando-se ao estudo, à filosofia e à meditação juntamente com Mônica, sua mãe, e alguns de seus amigos. Agostinho coloca-se como discípulo da razão, que por sua vez o instrui diante de seus questionamentos.

No início do segundo livro, quando Agostinho começa a investigação acerca da imortalidade da alma, encontramos também uma reflexão importante acerca do movimento de interiorização. Ele inicia o diálogo com a razão afirmando crer que Deus estará presente para auxiliar-nos na investigação filosófica, portanto seu ponto de partida é a fé que já lhe fornece o objeto a ser procurado pela razão. Esta última pede a ele que então faça uma oração a fim de invocar a Deus brevemente. Segue-se, pois, o diálogo:

“Deus sempre o mesmo: que eu me conheça a mim mesmo; que eu te conheça. Pronto: já rezei. – Tu, que queres te conhecer, sabes que tu és? – Sei. – De onde sabes? – Desconheço. – Sentes-te como simples ou múltiplo? – Desconheço. – Sabes que te moves? – Desconheço. – Sabes que pensas? – Sei. – Logo, é verdadeiro que tu pensas? – É verdadeiro. [...] Portanto, sabes que existes, sabes que vives, sabes que entendes”⁶.

Agostinho inicia a oração pedindo a Deus que conheça a si mesmo e, portanto, que chegue ao conhecimento de Deus. Assim, mostra-nos que para conhecer a Deus é preciso começar pelo conhecimento de si mesmo, através do qual chegaremos ao conhecimento também de Deus que mora no homem interior. A razão pergunta, então, a Agostinho, que deseja conhecer a si mesmo, se sabe que existe; ao que responde que sim. Não conhece, porém de onde o sabe. Não conhece também se é um ser simples ou múltiplo nem que se move. Sabe, no entanto, de algo muito importante: Sabe que se pensa, e conseqüentemente é verdade que pensa. Neste primeiro passo, notamos que o doutor Hiponense começa a olhar para o interior de si mesmo, para a sua alma – e nela, para a “Ratio” –, na qual encontra o fato de pensar sobre si mesmo e da verdade incontestável de que pensa.

Disto que fica posto decorre que a verdade habita no homem interior e que ela é imutável. Diante dessas reflexões começamos a notar a evidência agostiniana do “Cogito”, usada na refutação do ceticismo. O conhecer a si mesmo começa pelo conhecimento de que existimos e de que pensamos, e o encontrar a verdade do fato que pensamos. Enquanto os céticos afirmam não ser possível encontrar a verdade incondicionalmente válida, Agostinho mostra que “quem duvida sabe que duvida, sabe que esse saber é verdadeiro e tem certeza disso. Este possui assim um saber certo de algo verdadeiro, através do qual a dúvida, se uma verdade em geral existe, é suspensa por meio de algo verdadeiro que sabe ainda na dúvida. Ainda na dúvida sei que duvido, penso, vivo, procuro a verdade segura”⁷. Chegamos a uma verdade e certeza incontestável: a existência da pessoa que pensa. “A certeza da existência do

⁶ *Solilóquios* II, I, 1: “- Deus semper idem, noverim me, noverim te. Oratum est. – Tu qui vis te nosse, scis esse te? – Scio. – Unde scis? – Nescio. – Simplicem te sentis, ane multiplicem? – Nescio. – Moveri te scis? – Nescio. – Cogitare te scis? – Scio. – Ergo verum est cogitare te. – Verum. [...] Ergo esse te scis, vivere te scis, intellegere te scis”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 10 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Solilóquios*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 55-56.

⁷ Coreth, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 122.

ente pensante é, portanto, imediatamente fundada sobre a certeza da existência do pensamento, por oposição a qualquer outra certeza ulterior, e essa verdade incontestável é também a primeira de todas as certezas”⁸. Assim, esta primeira de todas as certezas, incontestável, é justamente a do pensamento, da qual decorre necessariamente a existência da pessoa.

Ao chegar aqui, podemos notar a semelhança da doutrina de Agostinho sobre o Cógito com a de Descartes, séculos depois desenvolvida. Certamente os pontos que aproximam o pensamento Agostiniano ao Cartesiano refletem o fato de fundar um conhecimento e verdade segura e incontestável na própria existência da pessoa que pensa, ou “eu-pensante”. A existência do pensamento é apresentada pelos dois filósofos como sendo a mais evidente dentre todas, pois mesmo se aquilo que estamos a pensar esteja errado, ainda prevalece a verdade do fato que pensamos, a qual não pode ser negada. Decorre disto que sempre será verdade que pensamos e que, portanto, existimos, e assim essa verdade é perene e estável, pois até mesmo para errar e nos enganarmos é preciso que antes existamos. Se não existimos, jamais seria possível que fossemos enganados. No entanto, o Cogito, tal como concebido por Descartes no início da Idade Moderna, é

“racionalisticamente reduzido à verdade e certeza científicas. O eu pensante torna-se sujeito puro que, aparentemente incorpóreo e sem mundo, se contrapõe à objetividade. Não é assim em Agostinho. Para ele o saber a respeito do próprio pensar está ligado à experiência viva de si mesmo. Na medida em que penso e vivo, penso na vida concreta, sei e tenho certeza de mim mesmo”⁹.

Desta maneira – passando brevemente por esta questão, uma vez que nosso objetivo no presente trabalho não é uma comparação filosófica entre Agostinho e Descartes –, encontramos pontos que se aproximam entre a filosofia de ambos pensadores quanto à fundamentação da verdade incontestável no ente que pensa; todavia, notamos ainda diferenças cruciais, pois enquanto o sujeito pensante de Descartes existe apenas enquanto pensa (o cogito ergo sum) – sem falar do método da dúvida e das ideias inatas –, para Agostinho o pensar está ligado à experiência do movimento interiorizante que leva-nos a constatar a verdade no interior.

No mesmo contexto de Cassisíaco para onde havia se retirado com seus amigos logo após sua conversão, Agostinho havia escrito também sua obra *Contra Academicos*. Nestes seus escritos é muito clara sua intensão de demonstrar que homem algum está condenado ao ceticismo, pois é capaz de chegar à verdade em geral, que lhe é acessível. Para realizar o movimento interiorizante e encontrar a verdade no homem interior, e, conseqüentemente encontrar a Deus, faz-se necessária a refutação do ceticismo radical, ou seja, refutar àqueles que sustentam que nada pode ser demonstrável. Ao vencer o desespero de encontrar a

⁸ Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, p. 90.

⁹ Coreth, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 122.

verdade, ao mesmo tempo em que chega a possuir certezas, Agostinho salva o pensamento deste desespero e desobstrui o seio da filosofia¹⁰. De fato:

“Os acadêmicos negam que se possa saber o que quer que seja. O que os conduz a essa conclusão é a definição de verdade posta por Zenão: uma coisa é compreendida e percebida como verdadeira quando nela não se encontra qualquer característica que pertença ao erro; de onde Carnéades conclui que, por nenhum conhecimento ser assim, nenhuma certeza é possível. Mas, primeiramente, esses homens deveriam perceber que sua posição é contraditória, pois pretendem simultaneamente possuir a sabedoria e ensinar que nada se sabe. Se nada se sabe verdadeiramente, não seria mais simples dizer que a sabedoria é impossível? Pois parece estranho dar o nome de sábio a um homem que, nada sabendo, não sabe sequer porque vive, como deve viver e tampouco se vive”¹¹.

No capítulo nove do terceiro livro do *Contra Academicos*, Agostinho começa a analisar as implicações da definição de Zenão. Ao descrever a postura dos acadêmicos como aqueles que “negam que se pode saber algo”¹² –, ele logo lança o questionamento para encontrar a base de tal afirmação. Respondem-lhe justamente que é da definição de Zenão; ao que o doutor Hiponense retruca: “Se ela é verdadeira, aquele que a conhece sabe alguma coisa, se é falsa, não deveria abalar homens tão fortes”¹³. Com isto, Agostinho já aponta para a contradição interna existente na própria postura dos acadêmicos, pois se a definição de Zenão é verdadeira, eles conhecem algo verdadeiro, portanto, uma verdade certa. Em contrapartida, se a definição de Zenão é falsa, isto não deveria abalar estes homens que acreditam nada encontrar de verdadeiro, sem mencionar que o próprio fato de não encontrar nada verdadeiro já seria uma certeza que se lhes impõe sobre esta própria impossibilidade. Mais a frente, ele dirá novamente: “Se não o puderes (refutar a definição de Zenão), já tens uma proposição que percebes como certa. Mas se a refutares, então é que não há nada que te impede de conhecer a verdade”¹⁴. Eis a contradição lógica apresentada por Agostinho, pois se não podemos refutar a definição de Zenão, já encontramos uma proposição, uma verdade certa e o ceticismo está refutado; do contrário, se a refutamos, então não há obstáculo nenhum que nos impeça de conhecer a verdade certa, o que também automaticamente já refuta o ceticismo.

O que desejamos mostrar aqui é a existência, ainda que em germe, do fundamento da verdade certa e imutável que pode ser encontrada pelo exercício racional, que se desdobrará no *Soliloquia*, e nas obras posteriores do autor, como prova do Cógito e o fundamento do ser.

¹⁰ Cf. Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, p. 84.

¹¹ *Ibidem*, p. 85-86.

¹² *Contra Academicos* III, IX, 18: “Negant Academici sciri aliquid posse”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 12 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Contra os Acadêmicos*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 118.

¹³ *Ibidem*: “Nam si vera est, non nihil veri novit, qui vel ipsam novit; sin falsa, non debuit constantissimos commovere”.

¹⁴ *Contra Academicos* III, IX, 21: “esse posse: quod si non potueris, hanc ipsam quam percipias habes; si autem refelleris, unde a percipiendo impediaris non habes”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 12 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Contra os Acadêmicos*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 120.

É através deste exercício racional que o homem encontra uma certeza ainda que na dúvida, que será a prova de que pensamos, e este fato como verdade incontestável e refutação do ceticismo acadêmico. Este também é o primeiro passo para realizarmos o movimento de interiorização, pois a razão dobra-se sobre si mesma a fim de chegar a esta verdade. Concluimos essa questão a respeito dos acadêmicos com as mesmas palavras de Gilson sobre a definição de certeza por eles adotada: “Se a considera como certa, isso que a propósito ela é, então ele tem, por isso mesmo, ao menos uma verdade; se a considera apenas como provável, deve ao menos admitir que ela é ou verdadeira ou falsa, e essa proposição disjuntiva é também em si mesma uma certeza. Eis os acadêmicos já abatidos em seu próprio terreno”¹⁵.

Agora, Voltemo-nos ainda, uma vez mais, ao *Soliloquia*. A atividade racional exercida por Agostinho já no trecho anteriormente citado desta obra – a saber: *Solilóquios* II, I, 1 – mostra a superioridade da razão diante dos sentidos externos, capaz de captar o mundo, enquanto que o sentido interno pode apreender a si mesmo. Esta capacidade da Ratio já faz aparecer o movimento interiorizante, já nos põe a caminho de descobrir e conhecer o homem interior. A razão, ao dobrar-se sobre si mesma e pensar a si mesma, ou seja, pensar aquele que pensa¹⁶, descobre-se existente e a verdade que pensa e existe. Desta forma, encontramos em nós a verdade. Esta, porém, não é tão somente um saber sobre nós mesmos, mas um saber sobre a verdade necessária e eterna, não encontramos apenas as verdades contingentes, mas também verdades necessárias da razão, pois Agostinho continua a refletir:

“– Se este mundo permanecer para sempre, é verdade que o mundo subsistirá para sempre? – Quem duvidaria disso? – E se não permanecer, não é verdade que o mundo não subsistirá? – Nada a contradizer. – E quando tiver perecido, se é que há de acabar, então não será verdade que o mundo pereceu? [...] – E parece-te que possa existir algo verdadeiro e não existir a verdade? – De modo algum. – Portanto, existirá a verdade ainda que o mundo acabe. – Não posso negá-lo. – E se perecer a verdade, não será verdadeiro que a verdade terá perecido? – Quem o nega? Mas o verdadeiro não pode existir se não existir a verdade. – Há pouco concordei com isso. – Portanto, a verdade não perecerá, de modo algum”¹⁷.

Como dizíamos a pouco, a razão ao dobrar-se sobre si mesma descobre a verdade, e esta é de caráter necessário e eterno como nos demonstra Agostinho através da reflexão exposta no parágrafo anterior. A razão pergunta primeiramente a ele se é verdade que este mundo subsistirá para sempre se permanecer para sempre, ao que responde: “Quem duvidaria

¹⁵ Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, p. 86.

¹⁶ Cf. Novaes, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: Estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: discurso editorial, 2007, p. 190.

¹⁷ *Solilóquios* II, II, 2: “– Si manebit semper mundus iste, verum est mundum semper mansurum esse? – Quis hoc dubitet? – Quid, si non manebit? nonne ita verum est mundum non esse mansurum. – Nihil resisto. – Quid, cum interierit, si interiturus est? nonne tunc id erit verum, mundum interisse? [...] – Quid illud? Videtur tibi verum aliquid esse posse, ut veritas non sit? – Nullo modo. – Erit igitur veritas, etiamsi mundus intereat. – Negare non possum. – Quid, si ipsa veritas occidat? nonne verum erit veritatem occidisse? – Et istud quis negat? – Verum autem non potest esse, si veritas non sit. – Iam hoc paulo ante concessi. – Nullo modo igitur occidet veritas”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 12 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Solilóquios*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 58-59.

disso”. Pois bem, mas se o mundo não permanecer para sempre, é também verdade que o mundo não subsistirá, ou seja, a verdade permanecerá subsistindo ou não o mundo, por isso ela é superior a ele e independente dele, a verdade é por si mesma e é necessária. A reflexão segue-se. A razão pergunta se é possível que exista algo verdadeiro e não existir a verdade, ao que o interlocutor responde que não. Aqui percebemos que a verdade eterna ou imutável é quem garante a veracidade daquilo que é verdadeiro, ou seja, sem a verdade eterna não é possível existir nada de verdadeiro no mundo, pois o que há no mundo de verdadeiro, participa da verdade eterna. Agostinho está chamando nossa atenção neste ponto porque está retomando o conceito platônico de verdade: “Propriamente verdadeiro não é o fato singular nos acontecimentos passageiros, mas a verdade eterna, geral e inalterável, como Agostinho frequentemente diz, a verdade imutável. Pensa, como Platão, em leis lógicas, matemáticas, bem como éticas e metafísicas”¹⁸.

Na sequência lógica do diálogo, ele mesmo conclui que a verdade existirá ainda que acabe o mundo, pois ela o transcende, está para além dele, é eterna. Muito interessante é a reflexão que se segue: “E se perecer a verdade, não será verdadeiro que a verdade terá perecido?” Aqui nitidamente notamos a contradição lógica que a suposição do perecimento da verdade traz em si mesma, pois mesmo supondo que a verdade há perecido, continuará sendo verdade que a verdade pereceu, e dessa forma a verdade subsiste. A própria contradição lógica do perecimento da verdade torna-se o argumento que sustenta sua perenidade, e por isso declaramos que a verdade encontrada é incontestável, imutável e eterna. Segue-se então a última conclusão de Agostinho: “Portanto, a verdade não perecerá, de modo algum”. O fundamento das verdades eternas não pode de modo algum provir da experiência do mundo sensível e externo à alma, pois este, além de estar submetido aos sentidos, é mutável. Porém é interessante notar que a experiência está submetida às normas dadas que não provém dos sentidos, mas da verdade eterna:

“Quando, por exemplo, apreendemos algo como unidade, a ideia de unidade não tem sua origem na multiplicidade das impressões sensíveis, mas é anterior a estas: enquanto verdade eterna que dirige nosso pensamento. [...] Agostinho reconhece, tal como Platão, um elemento “apriorístico” do conhecimento, situado nas ideias eternas enquanto condições normativas anteriores ao nosso pensamento. Diferentemente de Platão, porém, elas não subsistem em si mesmas, mas exigem um fundamento incondicionado e imutável de sua validade: Deus como a verdade eterna mesma”¹⁹.

Disto decorre que, assim como a razão julga todas as coisas no mundo sensível com base na Verdade, pois que a razão – e, conseqüentemente, o homem – é superior a tudo aquilo que é capaz de julgar, da mesma forma não haverá algo que seja superior à própria razão?

¹⁸ Coreth, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 123.

¹⁹ *Ibidem*.

Logo percebemos que este algo acima da razão é a Verdade, que julga e modera a razão ²⁰. Não somos nós que julgamos a Verdade, mas somos julgados por ela:

“Não somos nós que determinamos que o eterno deve ser preferido ao temporal, ou que sete mais três são dez; apenas descobrimos que é assim [...]. É claro, outrossim, que tais verdades não se situam no mesmo plano da razão humana, posto que esta é mutável, ao passo que aquelas são imutáveis. A razão progride no saber; elas, ao contrário, são insuscetíveis de progresso. Donde se segue que não são inferiores nem iguais à razão, mas superiores a ela” ²¹.

1.2. Estrutura do Livro *De vera Religione*

Pois bem, uma vez que iniciamos nossa explanação do tema na obra *Soliloquia*, expondo o que fica explicado acima, convém-nos agora continuar nossas reflexões passando a analisá-la no *De vera Religione* a fim de que continuemos a aprofundarmo-nos no assunto proposto. Antes, porém, desta análise propriamente dita, faremos uma breve contextualização da estrutura desta obra. Esta obra mencionada – o *De vera Religione* – Agostinho a escreve por volta do ano de 390, portanto alguns anos mais tarde que o *Soliloquia*. Em contraste com esta última, o Filósofo deseja tratar como tema principal a prova, contra os maniqueus, de que o Cristianismo é a única religião verdadeira. Já vemos nestes escritos um Agostinho mais maduro. Seu contexto não é mais aquele de Cassiciaco, mas encontra-se ele como que numa fase de transição. Sua mãe – Santa Mônica – já havia falecido e ele achava-se na sua cidade natal, a pequenina Tagaste, já por volta de uns dois anos. Aconteceu que numa viagem a seu amigo Valério – então Bispo de Hipona –, Agostinho é aclamado como Presbítero pelo povo. É neste contexto, entre a sua conversão e ordenação presbiteral, que se dá a redação do texto sobre a *Verdadeira Religião*.

Nesta obra do Santo Doutor podemos encontrar como que um resumo ou uma introdução de toda sua Filosofia. Uma das grandes intensões de Agostinho ao escrevê-la é também de converter a outro seu amigo: Romaniano, a quem outrora fora atraído por ele à falácia do Maniqueísmo. É contra a doutrina destes últimos que Agostinho posiciona-se, sobretudo contra a tese das duas naturezas: do bem e do mal ²². É um tratado de conhecimento racional de Deus. Nela, podemos notar a capacidade da razão de elevar-se do visível ao invisível, e do presente ao eterno, independente da autoridade e antes ainda dela mesma. Essa pequena obra de Agostinho é composta de seis partes. Na introdução a elas, dos capítulos de um a seis, encontramos como que uma apologética geral. Ele afirma que

“o paganismo não chegou a formar uma religião digna desse nome, visto que religião é o conjunto de um culto, de uma moral e de uma doutrina, capazes de conduzir o homem à felicidade. O paganismo apresenta incoerências escandalosas

²⁰ Cf. Novaes, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: Estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: discurso editorial, 2007, p. 155.

²¹ Ibidem, p. 156.

²² Cf. *Retractationes* I, 13, 1.

entre culto, doutrina, sacerdócio e filosofia. O culto é supersticioso, criticado e desprezado pelos filósofos”²³.

Defende ele que o cristianismo conseguira realizar este ideal religioso, através de sua coesão interna e de sua doutrina bem constituída. Segue o autor esse movimento lógico: parte das divergências religiosas entre os filósofos e o povo e as incoerências da religião pagã; passa a analisar a opinião de Sócrates sobre os deuses e a vitória do cristianismo através da transformação operada pela Igreja. Depois, analisa a questão dos ideais almejados pelos filósofos pagãos não serem conquistados por eles, mas encontrados da Igreja Cristã; decorre disto a apresentação dos critérios para a busca de uma verdadeira religião: coerência entre ensino e prática e a conservação da integridade. Finaliza com o sentido providencial das heresias.

Posto isto, Agostinho começa a discorrer sobre os grandes temas a serem tratados, o que constitui a primeira parte da obra, dos capítulos de sete a dez. Neles, o santo dirige-se a Romaniano para mostrar-lhe a essência do cristianismo: a restauração divina da humanidade realizada na história. É preciso primeiramente crer e ter fé para aproximar-se desta realidade e perceber o critério fundamental: para aproximar-se de Deus, ser imutável, faz-se necessário desapegar-se de tudo aquilo que é mutável e temporal. Ele começa apresentando os motivos de adesão à Igreja católica e os traços fundamentais da verdadeira religião. Passa a analisar, então, a dupla via para chegar até Deus: a fé e a razão, iniciando o caminho pela fé. Posteriormente discorre sobre os erros dos maniqueus, cujos principais são em apresentar dois princípios e duas almas; por fim, apresenta a origem dos erros em matéria religiosa, falando sobre o único Deus a ser adorado e a religião perfeita.

Ademais, entramos na segunda parte do livro, dos capítulos onze ao dezessete. Nela encontramos a demonstração da verdade da religião católica, sobretudo em relação ao maniqueísmo com sua cosmologia dualista, contrapondo-se ao monismo cristão e ao Deus único:

“Num primeiro esboço, mostra-nos a vida às voltas com a morte. Deus é o autor da vida, somente. Se a vida inclina-se para a morte é por uma falta voluntária contra a ordem estabelecida por Deus. Todo mal se reduz ao pecado, abuso desse livre arbítrio – desconhecido dos maniqueus – e o castigo do pecado. Alteração, queda, corrupção, multiplicidade – esses males aparecem como perpétua desagregação orientada para o nada ou a perversão. Depende do homem, porém, opor-se a isso, pelo esforço contínuo de voltar à unidade divina”²⁴.

Extensa é esta segunda parte a qual se inicia com uma explanação sobre a origem da vida e da morte, sobre Deus Incriado e o mal como o menos ser. Passa a falar sobre o desligamento de Deus e explica a razão da queda do primeiro homem; mostra sua volta para Deus: da dispersão ao uno e a restauração final de nosso corpo. Posteriormente analisa a questão da queda dos anjos no fato de terem amado mais a si mesmos do que a Deus, a

²³ AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 19.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

questão da soberba, e mostra que a origem do pecado está relacionada com o livre arbítrio. Discorre sobre o ato voluntário de pecar, mas também sobre os benefícios da liberdade e chega à questão da sanção do pecado. Entra então na explanação sobre os benefícios da encarnação do Verbo apresentando Cristo como filho de Deus, como Deus e homem, como mestre de vida exemplar. Finaliza, pois, apresentando os sinais sagrados, a unidade e a excelência da doutrina expressa nos dois testamentos.

Dito isto, entramos na terceira parte do *De vera Religione*. Nela aparece, sobretudo, a questão da bondade da criação e a origem do mal que agora é aprofundada e explicada como possível somente nos seres criados porque não possuem o ser absoluto, que por sua vez é Deus, e por isso a criatura é mutável e corruptível, enquanto o criador é imutável como a verdade também o é. Dos capítulos dezoito ao vinte e três, Agostinho irá afirmar que a criação é algo de belo e bom em si mesmo, e Deus como fonte e origem de todo ser. Passa a explicar que todo ser é bom, porém deteriorável e mutável, e Deus como sumo bem e sumo ser. Fala da origem e defectibilidade da alma, entrando nas questões sobre a definição do pecado original, o mal vindo das más ações e suas consequências, bem como das erradas imaginações maniqueias. Continua colocando a ilusão da alma seduzida pela fugaz beleza dos seres corpóreos mutáveis e passa a discorrer sobre a beleza, que em nada desagrade os justos. Por fim, afirma que o vício é contra a natureza da alma e entra na questão da beleza da restauração final.

Na quarta parte, por sua vez, encontramos Agostinho a discorrer sobre a salvação do homem pela via da fé, na autoridade da revelação. Nos capítulos vinte e quatro ao vinte e oito, o doutor começa a apresentar o caminho da verdadeira religião tal como ele mesmo a experiência. Tal caminho começa pela fé através da qual penetra o homem a um testemunho superior preparando-o para a reflexão racional, a fim de realizar o programa da salvação. Segundo ele, é-nos necessário começar pela fé porque como estamos mergulhados naquilo que é temporal, precisamos também de um tratamento temporal que chama à salvação não os sábios, mas os crentes²⁵. Ele inicia este trecho de seus escritos nos narrando a pedagogia divina a nos conduzir das coisas sensíveis às invisíveis; é neste momento da obra, de maneira muito evidente, que aparece a dinâmica do movimento de interiorização, tão importante para nós neste trabalho. Passa a falar sobre o critério da autoridade a fim de discernir em quem crer, apontando para a história, para a profecia e os milagres visíveis. Posteriormente, analisa as idades do homem, conduzindo-nos pela reflexão a encontrar o homem velho, voltado para o exterior e para sua condição terrena, enquanto que o homem novo é interior e espiritual. Argumenta ainda a respeito das idades da humanidade no seu processo evolutivo, finalizando com a questão das normas da pedagogia adotada e sobre a ação dos profetas e dos evangelizadores.

Entramos, então, em sequência, na quinta parte da obra, penetrando através dos capítulos vinte e nove ao trinta e seis. Aqui, vemos Agostinho discorrer sobre a salvação do homem pela via da razão, pois, através daquilo que a fé já nos fornecera, a razão agora pode realizar seu caminho passando do visível ao invisível e do temporal ao eterno. Reflete sobre uma lei de harmonia, beleza e unidade, esta última sendo “absoluta, transcende o tempo e o

²⁵ Cf. AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 69.

espaço, sendo acessível não aos sentidos, mas somente ao espírito”²⁶ entendido como “mens”. A “Ratio” consegue então realizar a passagem daquilo que é mutável para o imutável e a verdade eterna. Agostinho contempla o espetáculo da natureza e julga sobre a grande superioridade do homem. Encontra ele as verdades eternas, superiores à própria razão, a harmonia que exige unidade e a lei imutável acima de nossos juízos. Passa a falar sobre Deus que está acima de nossa razão, e a sua verdade como lei suprema de julgamento; esta verdade como julgamento do Verbo. Apresenta então o exemplo do arquiteto encontrando os vestígios da unidade, o testemunho dos sentidos com suas limitações, a análise da sensação e o juízo sobre as imagens, percebendo a falsidade das fantasias da imaginação. Termina afirmando que a alma pacificada é capaz de submeter-se plenamente a Deus, e que o Verbo de Deus é a própria Verdade à qual devemos nos assemelhar.

Na sexta e última parte finalmente, dos capítulos trinta e sete ao cinquenta e quatro, vemos o doutor Hiponense realizar a exposição da tríplice restauração do homem operada pela reflexão. A análise crítica da sensação feita por ele no capítulo anterior leva-nos a perceber a origem da impiedade e da idolatria, que por sua vez desdobra-se em degradação moral, levando-nos ao erro religioso. Isto é evidente no momento em que observamos a razão sendo arrastada pelos sentidos e apegada àquilo que é temporal, tomando as criaturas pelo criador de todas as coisas para adorá-las. Isto consiste em idolatria. Agostinho mostra-nos a tríplice escravidão na qual cai o homem levado pelas suas paixões e idolatrias enunciadas na Sagrada Escritura como a concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e orgulho das riquezas (I Jo 2,16)²⁷. Aqui, a reflexão deverá realizar a tríplice restauração do homem que encontra a verdade no seu interior para reconquistar os grandes bens: a beleza, a liberdade e o saber.

O ponto de partida de Agostinho neste capítulo trinta e sete é a descrição da impiedade como servidão, como adorar as criaturas no lugar de Deus, do que se desdobra a tríplice concupiscência. Após, discorre sobre o retorno que podemos realizar dos vícios à beleza primeira, através do encontro com a verdade no homem interior, e mesmo na certeza da dúvida; argumento que está intimamente ligado ao que vimos acima no *Soliloquia*. Fala posteriormente da ordem e da beleza reconhecidas pela reflexão, do belo encontrado mesmo no castigo do pecado, e entra na primeira restauração humana: a reflexão, como um remédio contra a concupiscência da carne. No capítulo quarenta e cinco, por sua vez, nos mostra a segunda restauração: a caridade, remédio contra a soberba e o orgulho e conduz a reflexão mostrando que é invencível aquele que ama a Deus e ao próximo, tornando-se justo. Entra então, na terceira restauração do homem: a busca da verdade primeira, remédio contra a vã curiosidade; encontra o deleite de descobrir a verdade chegando ao fim da busca. No movimento lógico que se segue, discute as regras para a interpretação da revelação e o valor das Sagradas Escrituras chegando aos degraus para viver as virtudes, onde distingue as aspirações dos insensatos e dos sábios e a relação entre culpa e castigo. Conclui a obra com diversas exortações: Não amar as concupiscências; guardarmo-nos dos falsos cultos; libertar-

²⁶ Cf. AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 22.

²⁷ BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

nos dos falsos temores; adorar somente ao Deus Trino aderindo a cada uma das pessoas da Trindade.

1.3. Análise do Movimento Interiorizante

Posto isso – a estrutura da obra *De vera Religione* descrita nos parágrafos supraditos –, passemos agora a analisar como aparece nestes escritos de Agostinho o movimento interiorizante. Devemos considerar, no entanto, que o modo como aparece a interioridade na terceira e quarta parte serão tratados nos capítulos dois e três, respectivamente, deste trabalho. Agora nos convém apenas pôr o problema tal como ele aparece nesta obra a fim de continuarmos nossas reflexões assim como já a iniciamos a partir do *Soliloquia*. Para fazê-lo, voltemos o olhar de nossa razão para este pequeno fragmento do capítulo trinta e nove, do qual desejamos apontar seus pressupostos e suas implicações: “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes a tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão”²⁸.

Agostinho faz aqui uma afirmação essencial: “Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas”. Quando diz: “Noli foras ire”, ou seja, “não queiras ir para fora de ti mesmo”, para a exterioridade, ele nos exorta a não nos determos com as coisas deste mundo porque são mutáveis. Os seres corpóreos e mutáveis são levados pela lei da mudança sucessiva, justamente porque não possuem a suma perfeição; são mutáveis e por esta causa se deterioram. O critério aqui para encontrar a verdade é justamente deixar as coisas mutáveis para abraçar a imutável: a verdade! E esta habita no homem interior. Por isso exorta-nos o doutor Hiponense a voltarmos a nós mesmos, para o interior, onde encontraremos a verdade que tanto desejamos. E por que habita a verdade no homem interior? Porque este homem pensa:

“Se não percebes bem o que digo, e duvidas que isso seja a verdade, toma consciência, pelo menos, de que não duvidas de que tenhas duvidado. [...] Depois, penso assim sobre essa mesma norma: Quem quer que perceba intelectualmente que duvida, percebe uma verdade. Possui uma certeza sobre esse objeto. Possui, pois, uma certeza sobre um objeto verdadeiro. Por consequência, quem quer que duvide da existência da verdade, possui em si mesmo, algo verdadeiro, de onde tira todo fundamento para a sua dúvida. Ora todo verdadeiro, só é verdadeiro pela verdade. Não possui, pois, o direito de duvidar da existência da verdade aquele que de um modo ou outro chegou à dúvida”²⁹.

²⁸ *De Vera Religione*, 39, 72: “Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas; et si tuam naturam mutabilem inveneris, transcendes et teipsum. Sed memento cum te transcendis, ratiocinantem animam te transcendere. Illuc ergo tende, unde ipsum lumen rationis accenditur”. <http://www.augustinus.it/html>. Acesso em: 14 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 98.

²⁹ *De Vera Religione*, 39, 73: “Aut si non cernis quae dico, et an vera sint dubitas, cerne saltem utrum te de iis dubitare non dubites. [...] Deinde regulam ipsam quam vides, concipe hoc modo: Omnis qui se dubitatem intellegit, verum intellegit, et de hac re quam intellegit certus est: de vero igitur certus est. Omnis ergo qui utrum sit veritas dubitat, in seipso habet verum unde non dubitet; nec ullum verum nisi veritate verum est. Non itaque

Neste pequeno trecho do *De Vera Religione*, Agostinho retoma o argumento usado no *Soliloquia*, por outro ângulo, porém. Se neste último ele refletia sobre a verdade que há no fato de pensarmos e, portanto, chega ao “Cógito”, ou seja, fundamenta a existência do ser na verdade incontestável do pensar, no primeiro ele parte da dúvida para chegar à mesma verdade. No desenrolar do texto do capítulo trinta e nove, ele afirma que a verdade habita no interior do homem e segue argumentando que se duvidamos que isso seja verdade, então devemos tomar consciência de que não duvidamos que tivemos essa dúvida. Portanto, temos a certeza de que duvidamos de algo, do que decorre que há sempre uma certeza, ainda que a dúvida exista. Novamente notamos que a própria existência da dúvida é uma prova incontestável da existência da verdade e da certeza. Assim, todo aquele que percebe intelectualmente que duvida, percebe uma verdade: a existência e certeza da dúvida. Desta maneira, possui uma certeza sobre um objeto verdadeiro, do que podemos concluir que a verdade certa e incontestável existe. Todo aquele que duvida da existência da verdade, possui em si mesmo algo verdadeiro, de onde tira fundamento para a sua dúvida e, dessa forma, não possui o direito de duvidar da existência da verdade aquele que chegou à dúvida.

Chegamos aqui à mesma evidência que havíamos chegado quando analisamos o *Soliloquia*: a existência da verdade no homem interior. Porém, no *De Vera Religione* aparece ainda algo novo. Agostinho havia dito: “E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes a tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão”³⁰. Ele nos exorta a dirigir-nos à própria luz da razão que já descobriu a perenidade da verdade voltando-se sobre si mesma. Para isto é necessário ir além de nós mesmos e ultrapassarmos para transcendermos nossa alma que raciocina. Ora, qual será a fonte da própria luz da razão? Deixemos que o próprio Agostinho nos aponte o caminho:

“Depois, se tens certeza de que duvidas, procura o fundamento dessa certeza e então, certamente, não será mais à luz de nosso sol, mas à luz verdadeira, que vindo ao mundo, ilumina todo o mundo, que a encontrarás. Essa luz não é visível a nossos olhos, nem aos olhos que nos fazem ver as imagens impressas na alma, nem pelos olhos do corpo, mas sim por aqueles olhos que nos fazem dizer às nossas imaginações: Não, não sois vós que eu procuro, não sois o Princípio, graças ao qual eu vos ordeno, repelindo o que me mostrais de fealdade, e aprovando o que em vós encontro de belo. Porque ela é mais bela – aquela luz interior – com a qual eu aprovo e desaprovo. Ela mesma agrada-me acima de tudo. Prefiro-a não somente a vós, (ó imaginações vãs), mas a todos os objetos corporais de onde vos retirei”³¹.

oportet eum de veritate dubitare, qui potuit undecumque dubitare”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 14 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 99-100.

³⁰ *Ibidem*, p. 98.

³¹ *De Vera Religione*, 39, 73: “et si certum est te esse dubitantem, quaere unde sit certum: non illic tibi, non omnino solis huius lumen occurret, sed lumen verum quod illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum. Quod his oculis videri non potest; nec illis quibus phantasmata cogitantur, per eosdem oculos animae impacta; sed illis quibus ipsis phantasmatis dicitur: Non estis vos quod ego quaero, neque illud estis unde ego vos ordino; et quod mihi inter vos foedum occurrerit, improbo; quod pulchrum, approbo; cum pulchrius sit illud unde improbo et approbo: quare hoc ipsum magis approbo, et non solum vobis, sed illis omnibus corporibus

Neste trecho, Agostinho afirma que ao procurarmos o fundamento da certeza, já encontrada anteriormente no homem interior, não será à luz de nosso sol que a encontraremos, ou seja, o fundamento da certeza não está fora de nós, no âmbito da exterioridade e da materialidade perecível e mutável, pois a verdade e certeza encontrada é imutável e perene; será, pois, outro o seu fundamento. Essa luz não é, portanto, visível nem aos nossos olhos físicos, porque não está fora de nós, e nem aos olhos que nos fazem ver as imagens impressas na alma porque estão voltados para o conhecimento racional que adquirimos através dos sentidos. Outrossim, o fundamento da certeza e da verdade será encontrado à luz verdadeira, aquela luz que vindo ao mundo, ilumina todo o mundo, tal como afirma o Evangelista: “Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1,9) ³². Ora, esta luz é Cristo, esta luz é Deus que habita no homem interior. Ele é o ser incorpóreo, sumamente perfeito porque imutável, que jamais se deteriora, permanecendo sempre o mesmo. Ele é a suma Verdade! Por isso exorta-nos o doutor Hiponense a não desejarmos ir para fora de nós mesmos, mas sim voltarmo-nos para o interior, pois é no interior do homem que habita a Verdade. Ele é esta luz que enxergamos por aqueles “olhos que nos fazem dizer às nossas imaginações: Não sois vós que eu procuro, não sois o Princípio, graças ao qual eu vos ordeno, repelindo o que me mostrais de fealdade, e aprovando o que em vós encontro de belo”, ou seja, Deus é esta suma Verdade, fundamento de tudo aquilo que é verdadeiro e, portanto, o critério pelo qual julgamos todas as coisas e a tudo ordenamos. Esta luz interior é a mais bela! É com esta luz da Verdade que aprovamos ou desaprovamos todas as coisas, não apenas as impressões sensíveis que nos veem através dos sentidos, mas ainda todos os objetos corporais.

Deparamo-nos, neste momento, com aquilo que chamamos na filosofia agostiniana de “doutrina do conhecimento ou da iluminação”. Desenvolvida sobre a influência do neoplatonismo, Agostinho a fundamenta no “fato de que nós, seres temporais, contingentes e mutáveis, podemos conhecer verdades eternas, necessárias e imutáveis; ora, só Deus é eterno, necessário e imutável; logo, tais verdades nos são conhecidas por um contato imediato com Deus. Ao gênero destas verdades pertencem os objetos ideais da matemática, da estética e da ética” ³³. Vemos em Agostinho o retomar do pensamento neoplatônico, porém, ao mesmo tempo, ele o supera, pois enquanto em Platão as ideias eternas constituem o mundo das ideias, no doutor Hiponense as ideias são pensamentos do próprio Deus, e estes constituem as essências e as leis do ser de todas as coisas que existem no mundo sensível e mutável. Assim, as verdades eternas são eternamente necessárias tanto quanto o próprio Deus ³⁴. À escuta daquilo que vários estudiosos alegam a respeito do tema em Santo Agostinho, podemos estabelecer como doutrina da iluminação aquilo que “concerne ao conhecimento humano das verdades divinas, sejam elas ideias eternas (como o imutável, a verdade, a felicidade), sejam regras divinas (por exemplo: o imutável é preferível ao mutável, o verdadeiro ao duvidoso, o

unde vos hausí, antepono”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 14 ago. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 99.

³² BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

³³ Novaes, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: Estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: discurso editorial, 2007, p. 163

³⁴ Cf. Coreth, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 124

eterno ao temporal). Em síntese, a iluminação da razão humana, como conhecimento, manifesta a ação do Deus eterno, sábio e bom na criatura mutável, racional e pecaminosa”³⁵. Esta é a luz interior que ilumina todo o homem. As ideias eternas e as regras divinas, ou seja, a Suma Verdade é esta luz que ilumina a inteligência humana e está acima dela porque a fez, enquanto que a razão e a inteligência estão abaixo dela, porque criadas por ela. Mas como entender aqui a metáfora da luz? A luz que ilumina todo homem, como está citada no parágrafo supradito, não é definitivamente aquela percebida pelos sentidos corporais, que ilumina os olhos e o corpo humano, esta luz “referida em João 1,9 ilumina a razão de todos os homens e nutre os corações puros dos que acreditam em Deus e são convertidos, afastando-se do amor pelas coisas corporais e temporais para cumprirem os preceitos divinos. Tal luz incide sobre a razão, é própria para o conhecimento, e ilumina o coração, direcionando a vontade e tornando-a o amor do que deve ser amado”³⁶.

No capítulo trinta e nove da obra *De Vera Religione*, podemos nitidamente perceber que o critério para chegar até a verdade e, portanto, também a Deus, é a passagem necessária daquilo que é mutável para o imutável. Ao analisarmos a realidade das coisas, podemos notar que a beleza das mesmas é reflexo da beleza interior, da beleza que é Deus. O fato das belezas contingentes e mutáveis procederem de uma beleza contrária a elas é possível constatar no momento em que vemos o ser humano afastar-se da verdade, mas a verdade não se afastar dele. A fim de que este homem supere o vício, o sofrimento e a dor, faz-se necessário voltar a encontrar a harmonia, pois em seu interior há uma divisão, do ser humano com ele mesmo; e o fundamento desta harmonia é a verdade. O movimento de interiorização é necessário primeiramente pela condição moral: para que o homem reencontre a concórdia e a harmonia na verdade. Num segundo momento, quando olhamos para a beleza expressa no mundo exterior e constatamos que ela procede de outra, vemos que podemos julga-la a partir do sentido interno; notamos, então, a ordem das coisas, ou seja, que aquilo uma vez julgado é menor do que aquele que julga. Portanto, o sentido externo é julgado pelo sentido interno, que por sua vez é julgado pela razão.

Para ir além de si mesmo, como exorta Agostinho³⁷, a fim de adentrar no interior mais profundamente, o critério usado é sempre o da mutabilidade, fundamental na filosofia agostiniana. Para ele, o exterior é mutável, ou seja, não se explica por si mesmo, e a instância que julgamos o exterior é o interior; o exterior flui, é mutável, já o interior, onde encontramos a verdade, a qual é imutável, está além das próprias coisas. Como lembra-nos o Pe. Lima Vaz:

“O tempo não é o lugar da inadequação e da dispersão. Ele é, para o espírito, o lugar do erro. Se o erro é, essencialmente, a mutabilidade, a que se sujeita a mente enquanto julga ser o que não é, ele (Agostinho) mostra a implicação temporal de um espírito que procura o verdadeiro fora da verdade. Mas, por outro lado, já aqui

³⁵ Ayoub, Cristiane Negreiros Abbud. *Iluminação Trinitária em Santo Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19

³⁶ *Ibidem*, p. 41

³⁷ Cf. AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 98.

aparece a articulação dialética que permitirá passar da mutabilidade da mente que erra à verdade transcendente e imutável que preside o discernimento do erro”³⁸.

O movimento de interioridade aqui segue justamente esta sequência: Da exterioridade ao sentido interior, deste à razão e à alma, e desta última, à Deus. A interioridade para Agostinho não se resume em apenas estudarmos as partes da alma – encontrar o “animus”, ou “mens”, dentro da qual estão a razão e a inteligência –; para ele, não basta somente realizarmos a inspeção do espírito, mas o movimento interiorizante só cessa quando chegamos à fonte última da própria luz da razão que é Deus; ele é o fundamento de tudo. Aquele que raciocina, tem o desejo de encontrar o verdadeiro e a verdade. Notamos a existência de uma anterioridade da verdade, pela qual julgamos todas as coisas. A reconciliação com esta verdade, com o mundo e com as coisas, é a retomada da harmonia interior. Vemos que a razão julga todas as coisas a partir da verdade constatada no homem interior, mas não julga a verdade em si mesma; mas sim, julga todas as coisas pela verdade. A razão procura no seu contexto de criatura, de mutabilidade do seu ser, enquanto que a verdade é absoluta e imutável como demonstramos em alguns parágrafos anteriores. Logo, podemos concluir que eu não a crio, mas sou criado por ela. Deus é esta Verdade imutável e, portanto, o fundamento de todas as coisas. A verdade, pois, é imanente e transcendente: imanente porque acessível a todos que realizam este movimento de interiorização e, deste modo, há um vínculo ontológico entre a criatura e o criador; mas transcendente porque Deus é o fundamento último de todas as coisas.

Ao percebermos que a razão julga a partir de razões eternas, que estão na mente de Deus, constatamos que a verdade não é relativa, seu fundamento é Deus; é uma verdade imutável. Para Agostinho o entender é possível a partir de noções. O intelecto funciona a partir de uma verdade que é anterior a ele, que não são ideias inatas e nem mesmo a metapsicose ou conceitos. Mas porque existe o vínculo ontológico entre criador e criatura que nunca se rompe, podemos falar da metáfora do olhar: o olhar da alma é a “mens”, ou seja, a razão e o intelecto. Com este olhar, olhamos para as coisas que existem na luz que ilumina as coisas e os meus olhos. Deus fornece as noções, ou seja, as razões eternas, como por exemplo, ao afirmarmos: “João é bom”. Este é um juízo emitido pela alma, ou um conhecimento produzido pela alma que emite este juízo; porém, a alma (a “mens”), não produz a veracidade do conhecimento, a verdade não é produzida pela alma, mas a ilumina por ser uma instância superior a ela. Afirmar isto, não é afirmar que o homem já nasce com estas noções, ou com princípios e pensamentos vagos, mas que a verdade fornece as regras e os parâmetros, os princípios para que a partir deles o homem tenha condições de dizer: “isto é verdadeiro e isto falso”; torna-se referência para que o homem possa julgar. Isto também não significa que o homem possa ter uma visão direta de Deus – este é o místico, que conhece a luz, ou aquele que já se encontra na visão beatífica, para o qual não há mais mediação – mas é um conhecimento na luz natural da razão.

³⁸ Lima Vaz, Henrique C. de. *Ontologia e história*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 82.

1.4. Nas *Confissiones*

Uma vez que já percorremos todo o caminho desenhado nas linhas anteriores, passando pelas obras *Soliloquia*, *Contra Academicos* e *De vera Religione*, convém-nos agora darmos mais um passo à frente para continuarmos a analisar a questão filosófica posta: adentremos, pois, na análise das *Confissiones*. Esta obra composta de treze livros, Agostinho a escreve no ano de 399, aproximadamente dez anos depois do *De vera Religione*. Nas suas Confissões, o doutor Hiponense expressa o reconhecimento das suas fraquezas humanas – aspecto autobiográfico da obra –, ao mesmo tempo em que exalta a bondade e a providência divinas – aspecto teológico da obra³⁹. Esta é composta de treze livros, sendo que nos nove primeiros vemos um conteúdo com elementos autobiográficos, enquanto que no décimo Agostinho discorre sobre o seu estado de alma atual e sobre a memória, para desenrolar nos últimos três livros o desenvolvimento de sua doutrina interpretando o relato da criação com base no primeiro capítulo do livro do gênesis⁴⁰. O grande tema e pano de fundo das Confissões é justamente a vida feliz adquirida a partir do encontro com o sumo bem: “As Confissões de Agostinho estão em continuidade com a ética antiga, em geral, e com a filosofia helenística e neoplatônica, em particular. Para a ética antiga são centrais os conceitos de felicidade e sumo bem”⁴¹. Em suas *Confissiones* podemos encontrar um Agostinho mais maduro em seu pensamento, retomando os temas principais, também expostos no *De vera Religione*. “Pode-se dizer que as *Confissiones* são simultaneamente uma obra de psicologia, de filosofia, de teologia, de poesia e de mística, embora tudo isso se conjugue para demonstrar a intervenção de Deus através de todas as causas segundas no itinerário espiritual de Agostinho”⁴².

A fim de que possamos continuar nossa reflexão sobre o tema tratado neste trabalho – a saber, o movimento interiorizante –, propomo-nos uma análise de alguns trechos do livro VII das *Confissiones*. Nele, segundo Brachtendorf, Agostinho descreve como podemos alcançar o conhecimento sobre Deus⁴³. A reflexão do Bispo de Hipona desdobra-se ao longo do texto levando-o a construir uma refutação do maniqueísmo – no qual a filosofia neoplatônica terá grande influência – fazendo com que ele chegue, e dê uma solução distinta, ao importante questionamento sobre o que é o mal. Este livro começa com a descrição do estado de alma de Agostinho no momento em que concebia Deus como um ser corpóreo e difuso no universo, ainda antes de conhecer o neoplatonismo. Logo no início, ele já apresenta o argumento sobre a preferência do incorruptível ao corruptível, e do imutável ao mutável; argumento que perpassará toda a reflexão posterior, levando-o à compreensão que Deus não poderá ser concebido como corpóreo, por conta da mutabilidade de todos os corpos; nas palavras de Agostinho:

³⁹ Cf. Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 140.

⁴⁰ Cf. Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 12

⁴¹ Ibidem, p. 14.

⁴² AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 11.

⁴³ Cf. Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 121.

“E, sendo eu homem – e que homem! – esforçava-me por te conceber como supremo, único e verdadeiro Deus, e, com todo o meu ser, acreditava que tu és incorruptível, e inviolável, e imutável, porque, não sabendo por que razão nem por que modo, no entanto via claramente e estava certo de que aquilo que é corruptível é inferior àquilo que não é corruptível, e aquilo que é inviolável, sem qualquer hesitação eu punha-o antes do que é violável, e que o que não está sujeito a nenhuma espécie de mudança é superior àquilo que pode sofrer mudança”⁴⁴.

Neste pequeno fragmento do escrito de Agostinho, podemos notar o argumento que, assim como no *De vera Religione*, nos faz passar das coisas corpóreas mutáveis às incorpóreas para chegar ao imutável. Claramente ele afirma estar certo de que o corruptível, violável e mutável, é inferior ontologicamente àquilo que é incorruptível, inviolável e imutável. Desde este momento, considera ele que a Deus podemos atribuir estas três últimas características, e que não podemos imaginá-lo sob a forma humana; sua maneira de pensá-lo, porém, ainda é materialista/corporalista num primeiro momento, concebendo Deus como um corpo ilimitado, penetrando todas as partes onde se encontram os seres finitos. O argumento para refutar os maniqueus parte justamente desta noção de imutabilidade, pois

“se Deus nunca pode sofrer danos, porque ele deveria se engajar numa luta contra o reino das trevas? – como acreditavam os maniqueus, reino este que seria a origem do mal. A luta dos dois reinos entre si, da qual, segundo os maniqueus, surge o mundo que conhecemos, pressupõe que Deus se defenda contra um ataque das trevas e nisso sofra perdas parciais. Isso já torna o conceito da imutabilidade de Deus inconciliável com o maniqueísmo”⁴⁵.

Assim, se os maniqueus afirmassem a incorruptibilidade da substância de Deus, esta luta dos dois reinos seria desnecessária e uma falsa hipótese; em contrapartida, se dissessem ser corruptível, isto mesmo também seria não somente falso, mas também abominável. O maniqueísmo é refutado em sua contradição.

Uma vez chegada a esta conclusão, Agostinho detém-se agora em outros assuntos: fundamenta a causa do pecado no livre arbítrio da vontade; justifica a incorruptibilidade de Deus; segue mostrando que todas as coisas corpóreas são boas em si mesmas, não, porém como o é Deus, pois este é o sumo bem; e busca resolver o problema da origem do mal. Este último – a origem do mau –, Agostinho o define como sendo a corrupção de um bem, ou de uma substância: “Por isso, ali onde eu via que o incorruptível deve ser preferido ao corruptível, aí te devia eu procurar e daí aperceber-me onde está o mal. Isto é, donde tem origem a própria corrupção, pela qual a tua substância de modo algum pode ser violada”⁴⁶.

⁴⁴ *Confessiones*, VII, I, 1: “Et conabar cogitare te homo et talis homo, summum et *solum et verum Deum*, et te incorruptibilem et inviolabilem et incommutabilem totis medullis credebam, quia nesciens, unde et quomodo, plane tamen videbam et certus eram id, quod corrumpi potest, deterius esse quam id quod non potest, et quod violari non potest, incunctanter praeponere violabili, et quod nullam patitur mutationem, melius esse quam id quod mutari potest”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 05 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 265.

⁴⁵ Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 122.

⁴⁶ *Confessiones*, VII, IV, 6: “Ubi igitur videbam incorruptibile corruptibili esse praeferendum, ibi te quaerere debebam atque inde advertere, ubi sit malum, id est unde sit ipsa corruptio, qua violari substantia tua nullo modo

Ou ainda noutro lugar: “E indaguei o que seria a iniquidade, e não encontrei que fosse uma substância, mas sim a perversidade de uma vontade, que se desvia da suprema substância, de ti, que és Deus, para as coisas ínfimas, e que lança de si o que tem no seu íntimo e intumesce por fora”⁴⁷.

Segundo ele, o mal é, portanto, a corrupção de um bem, a corrupção de uma substância, a perversidade de uma vontade que se desvia de Deus. Esta mesma corrupção a encontramos no corpo do homem, que se corrompe seja pela doença, seja pela idade que avança; mas também se encontra na alma, quando esta usa mal de seu livre arbítrio, exercendo perversamente sua vontade. O homem corrompe-se, de forma que o mal nele crie raízes, no momento que assume uma postura soberba diante de Deus, não querendo mais orientar-se por ele como seu sumo bem, mas ser ele próprio o sumo bem. Isto faz com que este homem volte-se para as coisas materiais, para a exterioridade mutável procurando fruir delas: acaba por trocar Deus imutável, pelas coisas mutáveis do mundo e esquecendo-se de quem é. Disto é prova o próprio testemunho de Agostinho quando relata inúmeros momentos em suas *Confissões* que buscava fruir dos prazeres do mundo, numa vida voltada para as coisas mutáveis e exteriores. Já no início do livro sete ele deixa bem claro o seu estado de alma neste instante de sua vida empedernida pelo mal moral: “Estava já morta a minha adolescência, má e abominável, e entrava na juventude, quanto mais velho em idade, tanto mais abjecto em futilidade, de tal modo que não me era possível conceber uma substância a não ser aquela que se costuma ver com estes olhos do corpo”⁴⁸.

Este mal que corrompe a alma está presente no fato de que esta é ontologicamente superior às coisas materiais presentes no mundo por ser imortal. Porém, quando afasta-se da verdade imutável presente dentro de si mesma, ela volta-se para as coisas mutáveis para fruir delas, e acaba por servir e escravizar-se a algo que lhe é inferior. Este mal moral, ou degradação/corrupção da alma aparece em inúmeros momentos, pois Agostinho aponta, através destes relatos, justamente a necessidade de encontrar o sumo bem para vivermos a partir dele, encontrando a vida feliz. É preciso viver o retorno para Deus e a recuperação de si mesmo, ou seja, conhecer a si mesmo como um ser que pensa, e, desta forma, encontrar a verdade em seu interior:

“O caminho de retorno conduz para dentro, porque o primeiro passo para a superação do materialismo consiste em que o espírito cognoscente se conscientize de si mesmo como cognoscente, isto é, como um espírito que julga as coisas materiais e, por conseguinte, não pode ser ele próprio um objeto material [...]. O

potest”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 05 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 273-275.

⁴⁷ *Ibidem*, VII, XVII, 22: “Et quaesivi, quid esset iniquitas, et non inveni substantiam, sed a summa substantia, te Deo, detortae in infima voluntatis perversitatem proicientis intima sua et tumescentis foras”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 05 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 303-304.

⁴⁸ *Confissões*, VII, I, 1: “Iam mortua erat adulescentia mea mala et nefanda, et ibam in iuventutem, quanto aetate maior, tanto vanitate turpior, qui cogitare aliquid substantiae nisi tale non poteram, quale per hos oculos videri solet”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 05 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 265.

necessário agora é superar o materialismo mediante uma reflexão sobre a natureza do eu próprio, isto é, mediante uma virada para o interior”⁴⁹.

A descoberta do Neoplatonismo como inspirador neste momento, sem sombra de dúvida, é muito importante na vida e na filosofia de Agostinho. É influenciado, sobretudo, por Plotino: “O afastamento da alma de Deus, como também a consequente descida a uma orientação pelo mundo material, representam um tema plotiniano, tal como a concepção de que, no caminho de retorno a Deus, a alma deve inicialmente redescobrir-se como ser espiritual e, a partir daí, ascender a Deus”⁵⁰.

Temos, então, a postura do homem que vive voltado para as coisas materiais, exteriores, corruptíveis e mutáveis; este rejeitando ao sumo bem imutável, também rejeita a vida feliz. Ora, o retorno deste homem para a vida feliz consiste justamente no voltar-se para o interior de si mesmo, pois através do movimento de interiorização ele toma consciência de si mesmo como ser cognoscente, e, portanto, desta verdade do Cógito de ser pensante, que consegue julgar todas as coisas materiais e por isso ele mesmo está acima do mundo material – partindo do princípio de que aquele que julga é maior do que aquilo que é julgado por ele – e não é apenas um ser material, pois que encontra a verdade no interior de si – na alma imaterial e imortal –, e esta verdade não é material. A verdade descoberta no homem interior é imutável, portanto, quem a possui, possui também uma vida feliz que não passa, mas é constante. Este homem descobre ainda a postura da humildade⁵¹ porque, uma vez que constata através do exercício racional – sobretudo da filosofia neoplatônica – que o nous, o logos, o verbo, ou seja, Cristo permanece imutavelmente como Filho de Deus e co-eterno com ele, o Uno, e que as almas recebem dele o serem felizes pela participação de sua sabedoria, este homem também precisa reconhecer que o verbo ou o logos se fez carne, habitou entre nós e morreu pelos ímpios para nos salvar⁵², e isto somente o reconhece pela fé e não pela razão aqueles que humildemente abraçam esta primeira, que vai além da segunda.

Este homem, portanto, começa a conhecer a si mesmo e, no interior de si, a presença de Deus. Este é a Verdade imutável que o ilumina no interior; Verdade da qual vivemos a partir dela e a fruímos para encontrar verdadeiramente a vida feliz. Por este motivo, Agostinho põe-se a dizer:

“E, admoestado a voltar daí para mim mesmo, entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti, e consegui, porque te fizeste meu auxílio. Entrei e vi com o olhar da minha alma, seja ele qual for, acima do mesmo olhar da minha alma, acima da minha mente, uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda carne, nem era uma maior como que do mesmo gênero, como se ela brilhasse muito e muito mais claramente e ocupasse tudo com a sua grandeza. Ela não era isto mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas essas, nem tão pouco estava acima da minha mente como o azeite sobre a água, nem como o céu sobre a terra, mas era superior a mim, porque ela própria me fez, e eu inferior, porque feito por ela. Quem conhece a verdade,

⁴⁹ Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 124.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 124.

⁵¹ Cf. AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 289.

⁵² Cf. *Ibidem*, p.291.

conhece-a, e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor conhece-a. Oh, eterna verdade e verdadeiro amor e amorosa eternidade! Tu és o meu Deus, por ti suspiro dia e noite. E logo que te conheci, tu arrebataste-me, para que eu visse que é aquilo que via e que eu, que isso via, ainda não sou. E deslumbraste a fraqueza do meu olhar, brilhando intensamente sobre mim, e estremei de amor e horror: e descobri que estava longe de ti, numa região de dissemelhança, como se ouvisse a tua voz vinda do alto: Eu sou o alimento dos adultos: cresce e comer-me-ás. Tu não me mudarás em ti, como o alimento da tua carne, mas tu serás mudado em mim. E reconheci que por causa da iniquidade corrigiste o homem e fizeste consumir-se a minha alma como uma aranha, e disse: Porventura nada é verdade, já que ela não está difundida pelos espaços dos lugares, nem finitos nem infinitos? E tu clamaste de longe: Pelo contrário, eu sou o que sou. E ouvi, tal como se ouve no coração, e já não havia absolutamente nenhuma razão para duvidar, e mais facilmente duvidaria de que vivo do que da existência da verdade, a qual se aprende e entende nas coisas que foram criadas”⁵³.

Eis aqui todo o movimento de interiorização! Agostinho inicialmente diz: “E, admoestado a voltar daí para mim mesmo [...]”⁵⁴; ora, voltar de onde? Um pouco antes dizia ele: “E não fixei a atenção nos ídolos dos Egípcios, aos quais com o teu ouro serviam aqueles que transformaram a vontade de Deus em mentira e prestaram culto e serviram a criatura em detrimento do Criador”⁵⁵. O lugar de onde Agostinho precisa voltar é justamente daqui: da exterioridade material, mutável e corruptível, donde servimos a criatura em vez do criador porque estamos apegados a elas e as fruímos; ora a verdade, sendo imutável e imperecível, não pode estar na exterioridade mutável e perecível dos seres corpóreos. Para encontrar esta Verdade, ele deve voltar e entrar no mais íntimo de si mesmo: “[...] entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti, e consegui, porque te fizeste meu auxílio”. O bispo de Hipona entra no mais íntimo de si, ou seja, em seu coração, que designa a mente, composta de razão,

⁵³ *Confessiones*, VII, X, 16: “Et inde admonitus redire ad memet ipsum intravi in intima mea duce te et potui, quoniam factus es adiutor meus. Intravi et vidi qualicumque oculo animae meae supra eundem oculum animae meae, supra mentem meam lucem incommutabilem, non hanc vulgarem et conspicuam omni carni nec quasi ex eodem genere grandior erat, tamquam si ista multo multoque clarius claresceret totumque occuparet magnitudine. Non hoc illa erat, sed aliud, aliud valde ab istis omnibus. Nec ita erat supra mentem meam, sicut oleum super aquam nec sicut caelum super terram, sed superior, quia ipsa fecit me, et ego inferior, quia factus ab ea. Qui novit veritatem, novit eam, et qui novit eam, novit aeternitatem. Caritas novit eam. O aeterna veritas et vera caritas et cara aeternitas! Tu es Deus meus, tibi suspiro die ac nocte. Et cum te primum cognovi, tu assumpsisti me, ut viderem esse, quod viderem, et nondum me esse, qui viderem. Et reverberasti infirmitatem aspectus mei radians in me vehementer, et contremui amore et horrore; et inveni longe me esse a te in regione dissimilitudinis, tamquam audirem vocem tuam de excelso: “Cibus sum grandium: cresce et manducabis me. Nec tu me in te mutabis sicut cibum carnis tuae, sed tu mutaberis in me”. Et cognovi, quoniam *pro iniquitate erudisti hominem et tabescere fecisti sicut araneam animam meam*, et dixi: “Numquid nihil est veritas, quoniam neque per finita neque per infinita locorum spatia diffusa est?. Et clamasti de longinquo: “Immo vero ego sum qui sum”. Et audivi, sicut auditur in corde, et non erat prorsus, unde dubitarem faciliusque dubitarem vivere me quam non esse veritatem, quae per ea, quae facta sunt, intellecta conspicitur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 10 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 295-297.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ *Confessiones*, VII, IX, 15: “et non attendi in idola Aegyptiorum, quibus de auro tuo ministrabant, qui transmutauerunt ueritatem dei in mendacium et coluerunt et seruierunt creaturae potius quam creatori”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 10 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 293-294.

inteligência e vontade; entra no mais íntimo guiado e auxiliado pela Verdade, ou seja, por Deus – e através da graça de Deus –, que é a Verdade encontrada no homem interior. Para realizar esta “virada para o interior”, Agostinho recebe muita influência da filosofia neoplatônica. Já em Platão vemos a necessidade de entender as ideias, ascendendo daquilo que é material, da percepção sensível, para a visão do puramente espiritual a fim de que o filósofo que deseja conhecer a realidade e seu fundamento consiga realizar sua tarefa. Mas é sobretudo dos neoplatônicos que o doutor Hiponense recebe a influência: “Plotino, portanto, torna-se autoridade para Agostinho, sob cuja admoestação ele se afasta da entrega às coisas externas, que se manifestava no materialismo, recolhe-se em si e adentra seu interior”⁵⁶.

E continua ele: “Entre e vi com o olhar da minha alma, seja ele qual for, acima do mesmo olhar da minha alma, acima da minha mente, uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda carne, nem era uma maior como que do mesmo gênero, como se ela brilhasse muito e muito mais claramente e ocupasse tudo com a sua grandeza”. Narra ele que viu com o olhar da sua alma, aquilo que estava acima do mesmo olhar de sua alma. Ora, Agostinho não mais vê a exterioridade e na exterioridade como dizia no início do livro VII: “Não me era possível conceber uma substância a não ser aquela que se costuma ver com estes olhos do corpo”⁵⁷. Ele não vê mais com os olhos do corpo, com o órgão corporal sensível capaz de apreender os objetos que estão fora de si, mas com os olhos da alma, ou seja, com a razão que é caracterizada como órgão da visão intelectual; a visão aqui narrada é espiritual⁵⁸. É a conversão de seu olhar outrora voltado para a exterioridade mutável, agora voltado para a interioridade onde encontra o imutável. Por isso diz que viu com os olhos da alma aquilo que estava acima do olhar da alma, acima da mente; viu a luz imutável da Verdade que ilumina a sua mente. Esta não é uma luz vulgar e visível a toda carne, porque não é material, nem era uma luz maior, porém do mesmo gênero ou substância que a mente: “Ela não era isto mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas essas, nem tão pouco estava acima da minha mente como o azeite sobre a água, nem como o céu sobre a terra, mas era superior a mim, porque ela própria me fez, e eu inferior, porque feito por ela”. Vemos que esta luz imutável não está acima da mente como o azeite sobre a água, porque ela não é material. Sua superioridade à mente é no sentido ontológico: somos inferiores a ela porque ela nos criou, e nós abaixo porque criados por ela; a luz imutável tem o ser em sentido pleno e imutável, nós temos o ser enquanto participamos desta Verdade, porém somos mutáveis. Agostinho supera o pensamento materialista/corporalista e passa para o ponto de vista ontológico: Deus está ontologicamente acima de nós e não espacialmente como o céu sobre a terra; ele é o sumo bem, no qual as criaturas todas têm o seu ser.

Segue ele dizendo: “Quem conhece a verdade, conhece-a (esta luz), e quem a conhece, conhece a eternidade. O amor conhece-a”. A mente é capaz de conhecer a verdade e chegar a esta luz interior que é Deus, a verdade imutável. Para conhecer a verdade é preciso realizar o movimento de interiorização, obter a consciência de si mesmo e da verdade de que pensa

⁵⁶ Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 136.

⁵⁷ *Confessiones*, VII, I, 1: “[...] qui cogitare aliquid substantiae nisi tale non poteram, quale per hos oculos videri solet”. <http://www.augustinus.it/html>. Acesso em: 10 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 265.

⁵⁸ Cf. Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 136.

chegar às verdades universais e necessárias, e quem as conhece, conhece a luz da verdade imutável que ilumina a mente; esta luz que é Deus. A vontade, por sua vez, adere a Deus através do amor. E continua: “E logo que te conheci, tu arrebataste-me, para que eu visse que é aquilo que via e que eu, que isso via, ainda não sou”, ou seja, Deus, a verdade vista acima da mente é aquilo que via Agostinho, mas ele mesmo ainda não era, pois Deus possui o ser em plenitude, é o sumo ser, perfeito em si mesmo e imutável, já o próprio Agostinho é criatura, um ser que depende do sumo ser, pois é mutável. Disto decorre que o nosso ser é diferente do ser de Deus: o primeiro mutável; o segundo imutável. As coisas abaixo de Deus nem são em absoluto e nem não são absolutamente ⁵⁹, pois se são, ou seja, tem o ser, tem-no na medida que receberam-no de Deus, mas não são porque não são aquilo que Deus é: imutável; são porque existem, e não podem nada ser, porque senão não existiriam. “E deslumbras-te a fraqueza do meu olhar [...] e descobri que estava longe de ti, numa região de dissemelhança [...]”. Agostinho descobre que estava longe da verdade, longe de Deus não no aspecto ontológico, mas no aspecto moral/ético, pois percebe a fraqueza de seu olhar voltado para as coisas corpóreas corruptíveis e mutáveis e preso a elas. Por isso estava ele na região da dissemelhança, porque vivia para fruir de coisas mutáveis, não encontrando a vida feliz, ao passo que agora podia voltar-se para o imutável e obtê-la: vê a hierarquia das coisas e conhece que está acima das criaturas, feitas para servi-lo e não ele à elas, mas também que encontra-se abaixo de Deus, a quem deve servir. “E ouvi, tal como se ouve no coração, e já não havia absolutamente nenhuma razão para duvidar, e mais facilmente duvidaria de que vivo do que da existência da verdade [...]”. Além da conversão do olhar – outrora voltado para as coisas sensíveis e mutáveis, agora para as espirituais imutáveis –, notamos que Agostinho ouve a partir do coração, ou seja, além de chegar à existência da verdade pela via da razão, constatando a existência da verdade no homem interior que pensa, agora ele ouve o testemunho da Sagrada Escritura pela via da fé também: “E tu clamaste de longe: Pelo contrário, eu sou o que sou”. O coração, ou seja, a mens, não mais vê no sentido de procurar com suas próprias forças contemplar a Deus, mas ouve pela graça – o que implica ter fé – a verdade que fala no íntimo de seu coração, no interior do espírito.

Assim podemos deslumbrar todo o movimento de interiorização apresentado por Santo Agostinho de Hipona. Mais à frente em seus escritos ele mesmo faz como que um resumo de toda a exposição posta acima, e diz:

“Procurando porque motivo aprovava eu a beleza dos corpos, quer celestes, quer terrestres, e porque estava eu pronto a emitir um juízo correto a respeito das coisas mutáveis e a dizer: isto deve ser assim, aquilo não deve ser assim, buscando, pois, o motivo por que julgava, quando assim julgava, tinha descoberto a imutável e verdadeira eternidade da verdade, acima da minha mente mutável. E assim, gradualmente, desde os corpos até à alma, que sente através do corpo, e da alma até a sua força interior, à qual o sentir do corpo anuncia as coisas exteriores, tanto quanto é possível aos animais irracionais, e daqui passando de novo à capacidade raciocinante, à qual compete julgar o que é apreendido pelos sentidos do corpo; a qual, descobrindo-se também mutável em mim, elevou-se até a inteligência de si e desviou o pensamento do hábito, subtraindo-se às multidões antagônicas dos

⁵⁹ Cf. AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 297.

fantasmas, para que descobrisse com que luz era aspergida quando clamava, sem nenhuma hesitação, que o imutável deve antepor-se ao mutável, o motivo pelo qual conhecia o próprio imutável – porque, se não o conhecesse-se de algum modo, de nenhum modo o anteporia, com certeza absoluta, ao mutável – e chegou àquilo que é, num relance de vista trepidante”⁶⁰.

Neste trecho supradito, vemos Agostinho realizar como que um resumo de todo o movimento de interiorização. No fragmento acima citado, ele realiza o movimento que o leva a descer para o interior de si mesmo a fim de poder subir gradualmente até Deus. Primeiramente olha o doutor Hiponense para as coisas exteriores e mutáveis e aprova a beleza dos corpos sendo capaz de emitir um juízo sobre as coisas mutáveis e julgá-las. Ora, se encontra nele a capacidade para julgar as coisas exteriores mutáveis, isto significa que é e está acima delas ontologicamente, é superior a elas, enquanto que as coisas lhe são inferiores. Buscando, então, o motivo pelo qual julgava as coisas exteriores mutáveis, Agostinho havia descoberto a imutável e verdadeira eternidade da verdade, acima de sua mente mutável. Notamos que o critério para encontrar a verdade e adentrar sempre mais ao interior do homem é a preferência e passagem daquilo que é mutável para o imutável. Desta forma, percebemos como o próprio Agostinho apresenta os paços dados por ele no movimento de interiorização: primeiramente vai dos corpos físicos ou coisas exteriores até a alma que sente através do corpo, demonstrando que a percepção é o grau mais baixo e o primeiro passo apenas. Depois – num segundo momento –, da alma, ele encontra e passa à sua força interior pela qual conseguimos apreender o sentir do corpo como sinais que anunciam as coisas exteriores, o que é constatado em todos os animais. Num terceiro degrau, Agostinho passa à capacidade raciocinante, ou seja, encontra a razão que julga tudo o que é apreendido pelos sentidos do corpo. A razão é, no homem, a capacidade que faz com que ele supere e esteja acima dos demais animais, porém, ela ainda é mutável, pois pode sempre apreender novos dados e adquirir novos conhecimentos, ou ainda variar seus objetos. A razão nos remete a um imutável no momento em que o espírito reflete sobre sua atividade de julgar:

“pois o juízo se pauta por certos critérios e medidas imutáveis, por exemplo, quando alguém afirma que a virtude é melhor que o vício, que o imutável está acima do mutável, ou que divisões na proporção de um para dois, produzem uma relação harmônica. A pretensão à certeza com que o intelecto expõe tais princípios revela um saber implícito sobre sua imutabilidade, pois, se fossem mutáveis, não poderíamos estar certos deles. Desse modo, a reflexão leva às condições de

⁶⁰ *Confessiones*, VII, XVII, 23: “Quaerens enim, unde approbarem pulchritudinem corporum sive caelestium sive terrestrium et quid mihi praesto esset integre de mutabilibus iudicanti et dissenti: Hoc ita esse debet, illud non ita”, hoc ergo quaerens, unde iudicarem, cum ita iudicarem, inveneram incommutabilem et veram veritatis aeternitatem supra mentem meam commutabilem. Atque ita gradatim a corporibus ad sentientem per corpus animam atque inde ad eius interiorem vim, cui sensus corporis exteriora nuntiaret, et quousque possunt bestiae, atque inde rursus ad ratiocinantem potentiam, ad quam refertur iudicandum, quod sumitur a sensibus corporis; quae se quoque in me comperiens mutabilem erexit se ad intellegentiam suam et abduxit *cogitationem a consuetudine*, subtrahens se contradicentibus turbis phantasmatum, ut inveniret quo lumine aspergeretur, cum sine ulla dubitatione clamaret incommutabile praefendum esse mutabili, unde nosset ipsum incommutabile (quod nisi aliquo modo nosset, nullo modo illud mutabili certa praeponeret) et pervenit ad id, quod est in ictu trepidantis aspectus”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 18 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 305-307.

possibilidade do juízo e, passando pelo intelecto humano, ao grau ainda superior: o imutável”⁶¹.

Assim, da razão, o homem eleva-se à inteligência de si mesmo e daí alcança a esfera do divino, do imutável. É através desta quarta instância, por fim, que o homem descobre a luz imutável da verdade eterna: Deus que o ilumina e que é o sumo ser. Agostinho encontra aquele que é absolutamente: Deus.

⁶¹ Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 145.

Capítulo II: A interioridade na salvação do homem pela Fé

Uma vez que chegamos a este momento, tendo constatado a existência da verdade imutável no homem interior através do movimento de interiorização, compete-nos agora empreender a tarefa de mostrar qual o papel e a importância da interioridade na salvação do homem pela fé na autoridade. Para tanto, nos deteremos neste capítulo na quarta parte da obra do doutor Hiponense intitulada *De vera Religione*. Antes de nela entrarmos, porém, faremos uma breve análise sobre a origem do mal e o pecado como defectibilidade da alma e sua perversão, como degradação moral do homem. Posto isto, passaremos à análise da quarta parte propriamente dita, considerando a necessidade da humildade, da passagem daquilo que é visível para o invisível e o homem novo, interior, que nasce a partir do homem velho, exterior, mediante a fé. O critério máximo para esta análise será sempre, com Agostinho, a passagem daquilo que é mutável para o imutável.

2.1. Origem do mal e defectibilidade da alma

Ao voltarmos nossos olhos para o início do capítulo dezoito, notamos a afirmação de Agostinho:

“Ao me objetares: - Por que desfalecem as criaturas? Respondo: - Pelo fato de serem mutáveis. - Por que são mutáveis? - Porque não possuem a suma perfeição. - Por que não possuem a suma perfeição? - Por serem inferiores a quem as criou. - Quem as criou? - O ser absolutamente soberano. - Quem é ele? - Deus, a imutável Trindade, que com infinita sabedoria as fez, e com suma benignidade as conserva. - Para que as fez? - Para que fossem. Porque todo ser, em qualquer grau que se encontre, é algo de bom, visto que o sumo bem é o sumo ser”⁶².

Neste pequeno fragmento, Santo Agostinho começa a tratar da defectibilidade das criaturas. Ele questiona sobre o porquê desfalecem as criaturas, ao que obtemos como resposta o fato delas serem mutáveis. A mutabilidade das criaturas é o fator que permite com que elas desfaleçam ou se deteriorem, e essa mutabilidade origina-se da verdade de não possuírem a suma perfeição. Esta última, as criaturas não a possuem porque são inferiores a quem as criou: Deus, o ser absolutamente soberano, perfeito e imutável, que fez todas as criaturas e as conserva. Deus fez as criaturas para que fossem, ou seja, para que tenham o ser. Assim, as criaturas são, porém sem ter o ser em plenitude, porque são mutáveis, criadas do nada; mas são, tem o ser na medida em que Deus o deu a elas, e por isso são boas em si mesmas. As criaturas são boas em si mesmas porque possuem certa integridade, ao passo que a deteriorização e a morte de seu ser constitui o mal. Porém, em si mesmo todo ser é bom, enquanto que o sumo bem, que não se deteriora, é Deus: “Os seres são bons, mesmo sujeitos à deteriorização. Se eles se deterioram é porque não possuem o bem na plenitude. Por serem

⁶² *De vera Religione*, XVIII, 35: “Sed dicis mihi: Quare deficient? Quia mutabilia sunt. Quare mutabilia sunt? Quia non summe sunt. Quare non summe sunt? Quia inferiora sunt eo a quo facta sunt. Quis ea fecit? Qui summe est. Quis hic est? Deus incommutabilis Trinitas, quoniam et per summam Sapientiam ea fecit, et summa benignitate conservat. Cur ea fecit? Ut essent. Ipsum enim quantumcumque esse, bonum est; quia summum bonum est summe esse”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 18 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 58.

bons, procedem de Deus; por não serem plenamente bons, não são Deus. Por conseguinte, o único bem que não se pode deteriorar é Deus”⁶³.

Agostinho afirma, na discussão realizada no parágrafo supradito, que todos os seres são bons, criados bons por Deus, mesmo sendo sujeitos a deteriorização, fato que revela a mutabilidade de seu ser e contraria toda a doutrina dos Maniqueus, contra quem escreve o opúsculo. Estes últimos acreditavam existir como que dois soberanos senhores, ou dois deuses, um bom e outro mau, de cuja batalha cósmica originavam-se os homens trazendo em si o bem e o mal. Ora, também o homem, em corpo e alma, é criado por Deus sendo bom em si mesmo. Por que é mutável, seu corpo e sua alma podem sofrer tal deteriorização ou deformidade. Donde lhe vem, pois, a deformidade da alma, que o distancia de Deus e lhe corrompe moralmente? Agostinho o explica com suas próprias palavras:

“A primeira deformidade da alma racional é a vontade de executar o que a suma e íntima verdade lhe proíbe. Assim, o homem foi expulso do paraíso para este mundo, passando dos bens eternos aos temporais, da abundância à miséria, da estabilidade à fraqueza. Não passou, porém, do bem substancial ao mal substancial, porque nenhuma substância é má. Mas passou do bem eterno ao bem temporal, do bem espiritual ao bem carnal, do bem inteligível ao bem sensível, do bem sumo ao bem ínfimo. Existe, pois, um bem que a alma racional não pode amar, sem pecar. É o bem que é inferior a ela. Assim o mal é o próprio pecado; e não o objeto amado com afeição pecaminosa”⁶⁴.

O bispo de Hipona mostra-nos, portanto, que “a primeira deformidade da alma racional é a vontade de executar o que a suma e íntima Verdade lhe proíbe”. Ora, já constatamos que esta suma e íntima Verdade é Deus que habita no homem interior. Assim, a deformidade do homem começa no momento em que abandona a Deus, ou seja, a suma Verdade, para voltar-se e buscar pela perversão da vontade, a bens que lhe são inferiores e exteriores. A alma racional começa a corromper-se e deformar-se no momento em que deixa de buscar a Verdade imutável pela razão a fim de gozar dos prazeres sensíveis e exteriores. É desta forma que este mesmo homem troca os bens eternos pelos temporais, passando da abundância à miséria e da estabilidade à fraqueza; pois o temporal é mutável, enquanto os bens eternos são imutáveis. Aqui origina-se o pecado que, segundo Brachtendorf, nasce da “distinção interior-exterior, segundo a qual pecar significa esquecer-se de si mesmo, ou seja, do interior, e voltar-se para fora, para se apegar a coisas exteriores que não correspondem

⁶³ *De vera Religione*, XIX, 37: “[...] quibus autem adversatur vitium, ipsa vitiantur: bona sunt ergo quae vitiantur; sed ideo vitiantur, quia non summa bona sunt. Quia igitur bona sunt, ex Deo sunt: quia non summa bona sunt, non sunt Deus. Bonum ergo quod vitari non potest, Deus est”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 18 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 60.

⁶⁴ *De vera Religione*, XX, 38: “Est autem vitium primum animae rationalis, voluntas ea faciendi quae vetat summa et intima veritas. Ita homo de paradiso in hoc saeculum expulsus est, id est ab aeternis ad temporalia, a copiosis ad egena, a firmitate ad infirma: non ergo a bono substanciali ad malum substancialia, quia nulla substantia malum est; sed a bono aeterno ad bonum temporale, a bono spiritali ad bonum carnale, a bono intelligibili ad bonum sensibile, a bono summo ad bonum infimum. Est igitur quoddam bonum, quod si diligit anima rationalis, peccat; quia infra illam ordinatum est: quare ipsum peccatum malum est, non ea substantia quae peccando diligitur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 18 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 60-61.

realmente à essência do ser humano”⁶⁵. O pecado implica em esquecer-se de si mesmo porque implica em abandonar o conhecimento do homem interior e da Verdade imutável que nele habita, a fim de voltar-se para fora e fruir ou gozar das coisas exteriores, terrenas e mutáveis. Por isso, mostra-nos Agostinho que este homem passou do bem eterno ao bem temporal, do bem inteligível ao bem sensível, do sumo bem ao bem ínfimo.

Não se tornou, porém, uma substância má, porque o mau não é uma substância, mas a perversidade de uma vontade, como afirma: “E indaguei o que seria a iniquidade, e não encontrei que fosse uma substância, mas a perversidade de uma vontade, que se desvia da suprema substância, de ti, que és Deus, para as coisas ínfimas [...]”⁶⁶, ou ainda: “Não é má a árvore que, segundo a Escritura, estava plantada no meio do paraíso, mas a transgressão do preceito divino”⁶⁷. Portanto, todas as criaturas são criadas por Deus e são boas em si mesmas. O mal consiste na perversão desta vontade da alma racional que se desvia do sumo bem ou suprema substância: Deus, para voltar-se às coisas ínfimas, aos bens sensíveis, exteriores e mutáveis. Por isso afirma: “Existe, pois, um bem que a alma racional não pode amar, sem pecar. É o bem inferior a ela. Assim o mal é o próprio pecado; e não o objeto amado com afeição pecaminosa”⁶⁸. O pecado, pois, constitui-se no fato da alma racional amar de forma pecaminosa e buscar pela vontade pervertida os bens inferiores a ela mesma e mutáveis, escravizando-se a eles, em detrimento do sumo bem e verdade imutável que habita em seu interior: Deus. Desta forma “as coisas temporais aliciam o espírito, que tomba da deleitação dos bens eternos para o ‘bonum temporale’, e é arrastado na variedade mutável das espécies sensíveis. Ele vê-se, assim, às voltas com uma trabalhosa abundância ou uma copiosa pobreza, enquanto a dispersão na multiplicidade dos objetos do tempo é para o espírito uma renovada perda”⁶⁹. Notadamente percebemos que o pecado não está em amar as criaturas por elas mesmas, ou seja, enquanto elas refletem a bondade de Deus e, por este motivo, são boas, mas o pecado está justamente em amar as criaturas com afeição pecaminosa que consiste em fruir delas ou apegar-se a elas em detrimento da Verdade imutável, o que implica numa vida voltada para a exterioridade mutável que nos faz esquecer de nós mesmos. É a inversão realizada pela vontade perversa na hierarquia dos valores, pois as criaturas estão ordenadas para o homem e este para Deus, Verdade imutável. O pecado consiste justamente no homem abandonar a Deus e servir as criaturas, o que redundaria para sua deformidade. A vida de interioridade, como veremos posteriormente, põe-se como restauração deste homem voltado para fora, e via de seu reestabelecimento moral justamente porque faz com que se conheça e lembre-se de quem é, e da Verdade que nele habita.

⁶⁵ Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 65.

⁶⁶ *Confessiones*, VII, XVII, 22: “et quaesivi, quid esset iniquitas, et inveni substantiam, sed a summa substantia, te deo, detortae in ínfima uoluntatis peruersitatem proicientis intima sua et tumescentis foras”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 20 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 303-304.

⁶⁷ *De vera Religione*, XIX, 38: “Non ergo arbor illa malum est, quae in medio paradiso plantata scribitur, sed divini praecepti transgressio”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 22 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 61.

⁶⁸ *Ibidem*: “Est igitur quoddam bonum, quod si diligit anima rationalis, peccat; quia infra illam ordinatum est: quare ipsum peccatum malum est, non ea substantia quae peccando diligitur”.

⁶⁹ Lima Vaz, Henrique C. de. *Ontologia e história*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2012, 81-82.

Por hora, continuemos, porém, a reflexão que estamos a realizar. Segundo o Santo doutor, toda criatura é essencialmente boa em si mesma, porque criada por Deus como refletindo sua bondade. Assim, podemos dizer que o mal também não está nas coisas exteriores a nós, pois é definido como uma perversão da vontade. Assim, de certa forma, o mal também se origina de dentro do homem, da perversão de uma faculdade da sua alma, a saber, a vontade, e daí também se origina a deformidade da alma racional, pois diz: “A defectibilidade da alma vem de seus atos e da pena que padece pelas dificuldades – consequência dessa defectibilidade. Todo mal reduz-se a isso. Ora, o agir ou o padecer não são substâncias. Portanto, a substância não é um mal”⁷⁰. Assim, percebemos que o mal, não sendo substância, origina-se do bem, mais precisamente da corrupção do bem e, desta forma, ele não está nas coisas, mas na vontade perversa do homem que insiste em realizar aquilo que a verdade eterna proíbe. Uma vez que este homem usa mal o seu livre arbítrio realizando atos contra a Verdade, e, portanto, contra Deus, padece das penas que consiste nas consequências más de seu pecado; esta é sua culpabilidade. Ora, este mal corrompe o homem moralmente, pois o distancia de Deus, da Verdade imutável, fazendo com que se esqueça de si mesmo, de quem é. Ele abandona o bem imutável com o qual encontrava a alegria perene, para buscar os prazeres sensíveis, passageiros e mutáveis, nos quais não há verdadeira alegria. A inversão na hierarquia dos valores, como enunciada no parágrafo supradito, fica muito clara nos exemplos dados por Agostinho da sequência. Ele afirma que nem a água e nem o animal que vive no ar são maus porque ambos são substâncias; porém, o mal está na precipitação voluntária deste animal na água e sua consequente asfixia, pois não é da sua natureza viver na água. O mesmo acontece com o estilete metálico construído com um lado para escrever e outro para apagar. Ora, se alguém quiser escrever pelo lado que se apaga e apagar pelo lado que se escreve, a ação má é realizada pelo sujeito que usa mal o objeto, pois este não é mau em si mesmo. O mesmo acontece, por fim, com o exemplo da luz: se alguém fixa seu olhar na luz do sol ao meio dia, seus olhos serão feridos, o que não significa que a luz ou o sol são maus, mas a ação realizada mediante o livre arbítrio é má.

O exemplo mais eloquente, porém, é este que se segue:

“Tampouco a luz, se – feita para os olhos – for cultuada, como se fosse a luz da sabedoria para o espírito. Ela não se tornaria mal por isso. O mal é a prática supersticiosa com a qual se serve dela, uma criatura, em vez de servir o Criador. E esse mal desaparecerá quando a alma, reconhecendo o Criador, submeter-se a ele unicamente, e compreender que todas as outras coisas lhe estão sujeitas”⁷¹.

⁷⁰ *De vera Religione*, XIX, 39: “Vitium ergo animae est quod fecit, et difficultas ex vitio poena quam patitur; et hoc est totum malum. Facere autem et pati non est substantia: quapropter substantia non est malum”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 27 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 61-62.

⁷¹ *De vera Religione*, XIX, 39: “Neque cum eadem lux quae ad oculos pertinet, pro luce sapientiae quae ad mentem pertinet, colitur, ipsa fit malum: sed superstitione malum est, quae creaturae potius quam Creatori servitur; quod malum omnino nullum erit, cum anima recognito Creatore, ipsi uni se subiecerit, et cetera per eum subiecta sibi esse persenserit”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 27 set. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 62.

A inversão na hierarquia dos valores que deforma e degrada a alma racional está justamente neste fato: em vez de servir ao Criador e cultivar a Verdade imutável, luz de sabedoria para o espírito, o homem volta-se para as criaturas, e apega-se a elas, e as serve, colocando-as no lugar de Deus. Nisto consiste a idolatria e o pecado. O mal consiste justamente nisto! Pois este homem está voltado para as coisas exteriores e sensíveis, uma vez tendo deixado de buscar e encontrar a Verdade imutável em seu interior; serve as criaturas que foram feitas para ele e a ele submetidas. Peca porque procura servir os bens passageiros e mutáveis ao invés do sumo bem, eterno e imutável, razão de sua alegria. O mal está nesta prática supersticiosa que desaparecerá quando a alma reconhecer o seu Criador e submeter-se a ele unicamente, compreendendo que as demais criaturas lhe estão sujeitas. Ora, para conseguir reconhecer seu Criador, ela precisará necessariamente voltar-se para dentro de si mesma e, realizando o movimento de interiorização, chegar à Verdade imutável presente no homem interior. Isto porque “o mundo das belezas corpóreas flui levado pela lei das mudanças sucessivas. Ocupa assim grau ínfimo – pois não pode possuir, ao mesmo tempo, todas as perfeições. À medida que uns desaparecem e outros se sucedem, a beleza das formas temporais vai irradiando a única beleza”⁷². Ora, somente Deus, a Verdade imutável, pode possuir ao mesmo tempo todas as perfeições, ao passo que a beleza das criaturas apenas irradia a beleza daquele que é a única Beleza: Deus.

Faz-se necessário, portanto, a regeneração da alma pela graça:

“Na verdade, quando a alma, regenerada pela graça de Deus, restituída na sua integridade e submissa a seu único criador – juntamente com o corpo também restaurado na sua estabilidade primitiva, digo, quando a alma começar a dominar o mundo em vez de ser dominada por ele então não haverá mais nenhum mal para ela. Isso porque essa beleza inferior e mutável das coisas temporais, em vez de a envolverem, estarão submissas a ela”⁷³.

Para que a alma racional seja regenerada, ela precisa necessariamente começar a dominar o mundo em vez de ser dominada por ele, ou seja, precisa deixar de submeter-se às criaturas, ao mundo sensível e mutável, e submeter-se a Deus para obedecer a Verdade imutável que habita no homem interior. Para tanto, esta alma precisa voltar-se para dentro de si mesma, realizar o movimento de interiorização a fim de não mais deixar-se arrastar pelos seus apetites sensíveis que a levam a servir as criaturas, mas pela razão procurar a luz da Verdade interior e deixar-se orientar por ela, para servir ao seu Criador. Desta forma conseguirá dominar o mundo de forma que não haverá mais nenhum mal para ela, pois realizará sua essência e terá reestabelecida a ordem dos valores tal como a Verdade imutável a

⁷² *De vera Religione*, XXI, 41: “[...] quia rapitur in ordinem successionis extrema corporum pulchritudo. Nam ideo extrema est, quia simul non potest habere omnia; sed dum alia cedunt atque succedunt, temporalium formarum numerum in unam pulchritudinem complent”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 03 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 65.

⁷³ *De vera Religione*, XXIII, 44: “Porro cum anima per Dei gratiam regenerata, et in integrum restituta, et illi subdita uni a quo est recreata, instaurato etiam corpore in pristinam firmitatem, non cum mundo possideri, sed mundum possidere coeperit, nullum ei malum erit: quia ista infima pulchritudo temporalium vicissitudinum, quae cum ipsa peragebatur, sub ipsa peragetur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 03 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 67.

criou e estabeleceu. Assim, a beleza inferior das criaturas estarão submissas ao homem, e este a Deus.

2.2. A restauração do homem começa pela fé na autoridade

Pois bem, tendo dado o passo realizado nos parágrafos supraditos, convém-nos agora discorrer sobre a restauração e a salvação deste homem voltado para a exterioridade das criaturas mutáveis. Adentramos agora na quarta parte da obra *De vera Religione*, na qual estudaremos o papel do movimento de interiorização na salvação do homem pela fé na autoridade. Já no início do capítulo vinte e quatro, nos colocamos diante do texto de Agostinho:

“Eis porque a restauração que em sua bondade inefável a divina Providência propões à alma é também mui bela em seus graus e ordem. Deus emprega dois meios: a autoridade e a razão. A autoridade exige a fé e prepara o homem para a reflexão. A razão conduz à compreensão e ao conhecimento. A autoridade, porém, jamais caminha totalmente desprovida da razão, ao considerar Aquele em quem se deve crer. Certamente, a suma autoridade será a verdade conhecida com evidência. Mas como nós estamos imersos no temporal – cujo amor nos impede de conhecer o eterno – o melhor remédio – não por sua natureza e excelência – isto é, o tratamento mais adequado, será também um temporal, que convida à salvação, não os sábios, mas os crentes”⁷⁴.

Notadamente percebemos que a Providência divina propõe à alma dois meios para realizar sua restauração e salvação: a fé na autoridade divina e a razão. Esta restauração (medicina) da alma consiste justamente em conhecer a Deus e conhecer a si mesma para chegar à Verdade imutável, a fim de não mais viver orientada para as criaturas temporais e mutáveis, mas sim para o eterno Deus: “Da dissipação de tantas coisas transitórias, voltará ao Uno imutável”⁷⁵; restauração que reestabelece a ordem correta dos valores: as criaturas servem ao homem, e este a Deus. Segundo Agostinho, o caminho do reestabelecimento do homem começa pela autoridade que exige a fé e prepara o homem para a reflexão, enquanto que a razão conduz à compreensão e ao conhecimento. Certamente a suma autoridade, afirma o santo, será a verdade conhecida com evidência. Ora, por qual motivo então o caminho do reestabelecimento do homem há de começar pela autoridade? Ele explica-se: “Como nós estamos imersos no temporal – cujo amor nos impede de conhecer o eterno – o melhor

⁷⁴ *De vera Religione*, XXIV, 45: “Quamobrem ipsa quoque animae medicina, quae divina providentia et ineffabili beneficentia geritur, gradatim distincteque pulcherrima est. Distribuitur enim in auctoritatem atque rationem. Auctoritas fidem flagitat, et rationi praeparat hominem. Ratio ad intellectum cognitionemque perducit. Quamquam neque auctoritatem ratio penitus deserit, cum consideratur cui sit credendum: et certe summa est ipsius iam cognitae atque perspicuae veritatis auctoritas. Sed quia in temporalia devenimus, et eorum amore ab aeternis impedimur, quaedam temporalis medicina, quae non scientes, sed credentes ad salutem vocat, non naturae et excellentia, sed ipsius temporis ordine prior est”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 03 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 69.

⁷⁵ *De Vera Religione* XII, 24: “sine dubitatione reparabitur, et a multis mutabilibus ad unum incommutabile revertetur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 03 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 48.

remédio – não por sua natureza e excelência – isto é, o tratamento mais adequado, será também um temporal, que convida à salvação, não os sábios, mas os crentes”⁷⁶. O homem quando imerso no temporal, permanece voltado para as criaturas corpóreas mutáveis as quais ama através da vontade pervertida e, justamente porque não conhece a si mesmo e no interior de si a Verdade imutável, também fica impedido de conhecer o eterno por este motivo. O melhor remédio pela sua natureza e excelência seria realmente voltar-se, através da reflexão racional, para conhecer o eterno. Porém, o homem imerso nas coisas temporais não consegue ainda inteligir o eterno e imutável: precisa, pois, de um tratamento adequado ao seu estado. Este tratamento será também um temporal que chame à salvação não àqueles que são sábios, ou seja, não a estes que precisam inteligir a verdade eterna e imutável, pelo motivo de ainda não o conseguirem realizar, mas chamem pela fé àqueles que crerem, pois esta prepara o homem para a reflexão racional e já lhe dá a verdade – pela fé – a qual deverá também alcançar ou ao menos investigar – pela razão.

Deste modo, abraçando a fé, o homem começa a penetrar na revelação divina contida na autoridade. Esta é um testamento superior que o prepara para a reflexão espiritual, realizada através da razão. Através dos dados da fé, a razão poderá, então, realizar sua ascensão do visível ao invisível, do temporal ao eterno⁷⁷. Temos, pois, uma dupla exigência a realizar: “que é nosso dever aspirar à inteligência daquilo que cremos, dado que o fim último do homem não é crer em Deus, e sim conhecê-lo; e que é preciso partir da fé para chegar ao conhecimento de Deus”⁷⁸. O movimento de interiorização na salvação do homem pela via da fé é notado no momento em que percebemos que a razão é a condição primeira da própria possibilidade da fé. Ora, diante de todas as criaturas presentes na face da Terra, somente o homem é capaz de crer porque é dotado do exercício racional. Assim, seguimos a reflexão feita por Gilson:

“O homem existe como os bosques e as pedras; vive como as plantas; move-se e sente como os animais; mas, além disso, pensa, e este pensamento (mens), pelo qual conhece o inteligível, é também nele a marca deixada por Deus em sua obra: é por isso que ele é feito à imagem de Deus. Digamos, então, que o homem tem um pensamento (mens); o pensamento exerce uma atividade que lhe é própria a fim de adquirir o conhecimento, trata-se da razão (ratio); enfim, o próprio conhecimento obtido pela razão, ou visto da verdade enfim adquirida, é a inteligência: intellectus. Enfim, o homem é à imagem de Deus por ser um pensamento que se enriquece progressivamente mais e mais da inteligência, graças ao exercício da razão. Assim, a razão está naturalmente ali antes da inteligência e também antes da fé. Depreciar a razão, ou detestá-la, seria menosprezar em nós a imagem de Deus, isso em que fomos feitos superiores a todos os outros seres vivos”⁷⁹.

⁷⁶ *De Vera Religione* XXIV, 45: “Sed quia in temporalia devenimus, et eorum amore ab aeternis impedimur, quaedam temporalis medicina, quae non scientes, sed credentes ad salutem vocat, non naturae et excellentia, sed ipsius temporis ordine prior est”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 03 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 69-70.

⁷⁷ Cf. AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 69.

⁷⁸ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, 153.

⁷⁹ Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, 64-65.

Desta forma, podemos notar que a razão, possibilitando o exercício da fé na autoridade, já leva o homem a voltar-se não somente às realidades superiores que o transcende, mas leva-o a olhar para seu interior e nele encontrar a própria razão que o faz superior não somente aos outros animais, mas a todas as demais criaturas. Este homem constata, então, que é superior a todas as criaturas porque pode realizar o ato de fé, proporcionado pela razão, e pode julgar estas criaturas. A razão é, portanto, capaz de crer, de realizar o ato de fé, e todo aquele que crê pode constatar em si mesmo a existência do exercício racional que o permite crer; ora, este já é um olhar para seu interior ainda no âmbito da fé.

Posto isto, Agostinho afirma: “É no lugar onde alguém caiu que é preciso que ele se apoie para se reerguer. Portanto, são precisamente sobre as formas carnis que nos detém que encontraremos apoio para conhecer aquelas outras formas que a carne não manifesta”⁸⁰. Começa ele e discorrer sobre o reerguimento do homem que está voltado para as coisas corpóreas mutáveis, afirmando ser necessário encontrar apoio nas ditas formas carnis, a fim de conhecer aquelas outras formas que a carne não manifesta, ou seja, as espirituais. Para tanto, entramos na discussão do primeiro passo a ser definido: em quem devemos crer? Naqueles que nos propõem muitos deuses a adorar, ou naqueles que nos propõem um só apenas? Agostinho defende a tese de que devemos escolher acreditar naqueles que nos propõem apenas um único Deus a adorar, e nos apresenta os seguintes argumentos: aqueles que adoram a muitos deuses são concordes em existir um Senhor e ordenador de todas as coisas; e é pela unidade que começamos a contar os números. Apela ele ainda para o exemplo da autoridade do homem que sintetiza toda a ciência da natureza num único princípio, e para o fato da multidão do gênero humano só encontrar poder no consenso, e conclui que também em “matéria religiosa, é mais aceitável e digna de fé a autoridade daqueles que apelam para o Uno”⁸¹. De fato, seguindo esses argumentos, facilmente tendemos a concordar com Agostinho, pois também todas as criaturas tem o ser, não, porém, o ser imutável a absoluto que é Deus, o Uno, mas nosso ser depende do ser de Deus e está ordenado para ele como sendo ele o princípio que é causa de todo o existente. Assim, podemos notar que ele, começando a reflexão pelas coisas visíveis, como a constatação de que há muitas ciências, chega a inteligir as coisas invisíveis, como a existência de um único princípio que as sintetiza. No fato da alma poder realizar esta abstração dos primeiros princípios e verdades universais permanece também o fato da interioridade.

Agostinho discorre na sequência sobre os sinais visíveis ou milagres pelos quais nossos antepassados creram em Deus elevando-se das coisas temporais às eternas. Porém, no tempo da Igreja esses milagres não foram mais consentidos porque agora se faz necessário que o espírito não mais exija coisas visíveis, mas apenas creia realizando, assim, o ato

⁸⁰ *De vera Religione*, XXIV, 45: “Nam in quem locum quisque ceciderit, ibi debet incumbere ut surgat. Ergo ipsis carnalibus formis, quibus detinemur, nitendum est, ad eas cognoscendas quas caro non nuntiatagora”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 10 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 70.

⁸¹ *De vera Religione* XXV, 46: “[...] ita in religione qui ad unum vocant, eorum maior et fide dignior esse debet auctoritas”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 10 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 71.

racional que possibilita o ato de fé, e encontrando já uma instância interior. Porém, ele afirma que “nunca a autoridade humana deverá ser preferida à reflexão de uma alma purificada e elevada à evidência da verdade. A esse grau de elevação, porém, jamais o orgulho dá acesso”⁸². Agostinho nos convida a abandonar o orgulho, como mostra Gilson: “Agostinho nos convida a abandonar o orgulho humano e a receber a verdade que Deus nos oferece em lugar de querer conquista-la: a fé torna-se então a primeira, a inteligência segue-a”⁸³. Assim, a humildade faz com que o homem inicie seu caminho pela fé na verdade dada por Deus pela autoridade, a fim de chegar, posteriormente, à reflexão de uma alma purificada e elevada à evidência desta verdade, da qual já está em posse. O caminho para chegar à tal evidência começa pela fé em Deus.

2.3. As Idades do homem exterior e do homem interior

Na sequência, o Santo Doutor começa a discorrer sobre as idades do homem velho, designado por ele como exterior e terreno, e do homem novo, definido como interior e celestial. Vemos nestas distinções a análise das idades do corpo e da alma humana. As idades do homem velho, corporal e material definem-se pela passagem dos anos e tende à velhice e à morte, enquanto que as idades do homem novo, interior, definem-se pelos progressos da alma e tende como fim à vida eterna. Desta maneira, notamos nitidamente que o homem possui uma alma e um corpo, de forma que a alma é uma substância distinta do corpo e sua parte mais nobre. O princípio pelo qual se pode provar a distinção entre a alma e o corpo é justamente este:

“As coisas nas quais o pensamento reconhece necessariamente propriedades essenciais distintas são também necessariamente distintas. Logo, será suficiente definir a alma e o corpo para saber se suas essências se confundem. Ora, por definição, um corpo é uma coisa extensa em comprimento, largura e profundidade. Todos os geômetras o reconhecem e, para eles, é corpo aquilo que ocupa um lugar segundo as três dimensões do espaço, de tal modo que às partes menores de um corpo corresponda um espaço menor e que as partes maiores ocupem um espaço maior. Ora, nada disso pode ser considerado como pertencente à natureza da alma. Logo a alma não é um corpo”⁸⁴.

A alma, por sua vez, é capaz de pensar, e este pensamento da alma racional corresponde à “mens”, constituída pela razão e pela inteligência; uma vez que a razão é o movimento pelo qual o pensamento passa de um de seus conhecimentos a outro os associando ou dissociando, e a inteligência, sendo uma atividade superior à razão, é iluminada diretamente pela luz divina, alcançando, pela visão interior, a verdade que esta luz divina descobre para ela⁸⁵. Desta maneira, o pensamento da alma racional apreende sua própria

⁸² Ibidem: “nam ipsi rationi purgatoris animae, quae ad perspicuam veritatem pervenit, nullo modo auctoritas humana praeponitur: sed ad hanc nulla superbia perducit”.

⁸³ Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, p. 65.

⁸⁴ Ibidem, p. 99-100.

⁸⁵ Cf. Ibidem, p. 96.

existência como uma evidência imediata assim como discorreremos longamente no capítulo primeiro. Desta maneira, apreende-se como uma inteligência, pois consegue saber que é e que existe e, portanto vive, mesmo em meio à dúvida: “a única coisa, pois, de que a alma está certa é de ser um pensamento; ela tem o direito de se distinguir de tudo que ela não é, e o dever de não atribuí-lo a si mesma”⁸⁶.

Uma vez realizada esta distinção, passemos agora a analisar as idades do homem velho e exterior, com base na sua estrutura corporal, tal como apresentada por Agostinho do capítulo vinte e seis da obra que temos seguido. Primeiramente afirma o santo que todo homem, ao nascer neste mundo, entretém-se somente com suas condições naturais e de aprendizado. Na primeira idade, este homem passa a cuidar de seu corpo e das necessidades básicas que dizem respeito à vida do corpo. A sua segunda idade corresponde à infância; idade da qual nos lembramos de algumas coisas. A terceira idade, por sua vez, corresponde à adolescência, na qual o corpo desenvolve-se e tona-se capaz de procriar: é o desenvolvimento físico, fisiológico do corpo humano. A quarta idade do corpo, apresentada por ele é a juventude. Nesta o homem já exerce suas funções públicas, sob a imposição das leis, e os ânimos carnis com os impulsos libidinosos são mais intensos e violentos. A quinta idade do homem exterior corresponde à idade madura na qual o homem vive em certa paz. A sexta idade corresponde ao declínio e desgaste do corpo que começa a ficar mais e mais sujeito a fraquezas e enfermidades, até chegar à morte corporal. Nestas seis idades do homem velho e exterior podemos perceber uma vida inteiramente dedicada ao corpo e aos bens corporais e coisas temporais; é uma vida imperfeita e imprópria, pois sua consequência é a morte, uma vez que todos os bens temporais são corruptíveis e mutáveis. Este é o homem terreno com suas vãs preocupações. Mesmo que tenha o que estes chamam de felicidade: morar em cidade terrena bem organizada, sob governo de reis e chefes e regida por leis, jamais encontrará de fato a vida feliz que se obtém dos bens eternos e imutáveis.

Em contrapartida, o homem novo é interior e espiritual. Agostinho afirma na sequência:

“Outros, porém, tendo necessariamente começado por aí, renascem interiormente, mortificam-se, eliminam por seu crescimento na sabedoria, tudo o que resta do homem velho. Apegando-se estreitamente às leis divinas, esperam para depois da morte visível a renovação integral. Esse é o chamado homem novo, interior e celestial. Ele possui também, por analogias, suas idades espirituais, que se distinguem não pelos anos, mas por seus progressos”⁸⁷.

Ora, o homem que renasce interiormente inicia justamente a mortificação de tudo o que resta do homem velho porque começa a perceber, pelo exercício racional, a mutabilidade

⁸⁶ Ibidem, p. 101.

⁸⁷ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Nonnulli autem istam vitam necessario ab illo incipiunt, sed renascuntur interius, et ceteras eius partes suo robore spiritali et incrementis sapientiae corrumpunt et necant, et in caelestes leges, donec post visibilem mortem totum instauretur, adstringunt. Iste dicitur novus homo, et interior, et caelestis, habens et ipse proportione, non annis, sed pro vectibus distinctas quasdam spirituales aetates suas”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 73.

das criaturas corporais e do próprio corpo. O renascimento interior inicia-se justamente pelo exercício racional. Neste primeiro movimento para possuir a sabedoria, o homem realiza o ato reflexivo que lhe permite apegar-se não mais às coisas mutáveis e corpóreas, mas estreitamente apegar-se às leis divinas: o ato reflexivo possibilita neste homem a realização do ato de fé na autoridade de forma a torná-lo capaz de possuir a esperança da renovação integral que será realizada depois da morte visível. Este é o homem novo, como chama-o o doutor Hiponense, capaz de cultivar a interioridade e tender para as coisas celestiais e não mais tão somente às coisas terrenas; ele possui também suas idades por analogia às idades do homem velho, mas estas se distinguem porque realiza-se através dos progressos da alma racional.

Entremos, pois, a discorrer sobre as idades do homem interior. Queremos fazê-lo traçando um paralelo entre estas idades ditas por Agostinho na obra *De vera Religione*, juntamente com suas reflexões sobre os graus da atividade da alma em sua obra *De quantitate animae*. Na primeira idade, declara o santo: “Na primeira idade, a História, sempre benfazeja, o alimenta em seu regaço, pelos exemplos fornecidos”⁸⁸. Agostinho afirma que nesta primeira idade do homem interior a alma é alimentada pela História, ou seja, a vida e os feitos dos homens que já viveram nesta terra de maneira virtuosa tornam-se exemplos para este homem novo, de maneira que se sente movido à mesma vida virtuosa. Assim são os exemplos dos filósofos diversos que lemos, ou os santos cuja vida nos move à luta pela santidade, dentre outros personagens da história que nos fazem inclinar à vida virtuosa e feliz. O próprio Agostinho reconhece ter começado seu caminho de busca pela verdade através da leitura de Cícero, mais precisamente do diálogo *Hortensius*, através do qual começa a “levantar-se para retornar a Deus”⁸⁹. Assim, a própria história com seus exemplos exorta o homem à vida interior. Já no diálogo sobre a grandeza da alma, Agostinho considera como primeiro grau da atividade da alma o fato desta última animar o corpo, pois diz: “[...] a alma humana dá vida a este corpo terreno e mortal com sua presença, dá-lhe unidade e o conserva na unidade, não lhe permite desagregar-se e diluir-se, faz com que o alimento se distribua de modo uniforme a todos os membros, fornece a cada um o que é seu, preserva sua harmonia e proporção, não somente quanto à beleza, mas também quanto ao crescimento e à procriação”⁹⁰.

Neste primeiro grau, portanto, a alma humana é a responsável por dar vida e animar o corpo terreno e mortal através da sua presença nele, lhe confere a unidade e o faz permanecer na unidade, de forma que dando vida ao corpo e permanecendo um em si mesmo, estando vivo e sendo alguém, pode alimentar-se da história que o precede como vimos nas linhas anteriores. Notamos aqui com evidência que a alma é, segundo Agostinho, o princípio vivificador do homem, pois sendo ela uma substância completa em si mesma, une-se ao corpo para formar com ele uma nova substância, e desta maneira, vivificá-lo e animá-lo. Assim, “esta alma única confere ao corpo a vida, a beleza interior e exterior, e toda sua organização”

⁸⁸ Ibidem: “Primam in uberibus utilis historiae, quae nutrit exemplis”.

⁸⁹ AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 91.

⁹⁰ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 70: “Haec igitur primo, quod cuius animadvertere facile est, corpus hoc terrenum atque mortale praesentia sua vivificat; colligit in unum, atque in uno tenet, diffuere atque contabescere non sinit; alimenta per membra aequaliter, suis cuique reddit, distribui facit; congruentiam eius modumque conservat, non tantum in pulchritudine, sed etiam in crescendo atque gignendo”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 339.

⁹¹. É a alma também que não permite ao corpo desagregar-se ou diluir-se mantendo-o um e organizando todas as suas funções internas, pois esta alma permanece toda inteira em todo o corpo, e toda inteira em cada uma de suas partes ⁹². “Totalmente presente em cada uma das partes do corpo, a alma pode fazer valer em todas elas a totalidade de sua energia. Agostinho determina esta presença de *intentio vitalis*: tensão e atenção vital, traduzindo uma espécie de cuidado imaterial da alma pelo corpo” ⁹³. Dizemos, pois, que esta primeira idade do homem interior e grau de atividade da alma corresponde à animação do corpo pela alma – o que também observamos na plantas: suas funções vegetativas –, e o alimentar-se desta última dos exemplos fornecidos pela história.

“Na segunda idade, o homem começa a esquecer o que é simplesmente humano e tende ao que é divino. Não se sente mais limitado por autoridade humana; mas dá paços seguindo sua própria razão e adianta-se no seguimento da lei soberana e imutável” ⁹⁴. Nesta idade o homem deixa, pois, os exemplos da história, abandona o simplesmente humano para buscar o que é divino. Desta maneira, deixa de seguir a autoridade humana para seguir sua própria razão, ou seja, passa do fato de alimentar-se dos exemplos de homens para obter aquilo que lhe é mais interior: o exercício racional. Este exercício racional permite ao homem realizar o ato de fé e por este motivo assume agora o seguimento da lei soberana e imutável, encontrada na autoridade. A razão também começa aqui a dobrar-se sobre si mesma a fim de encontrar o eterno e imutável, ou seja, a Verdade que habita em seu interior. Já no *De Quantitate Animae*, afirma Agostinho sobre o segundo grau:

“Sobe mais um grau e observa o poder da alma nos sentidos, nos quais a vida se mostra mais patente e manifesta. [...] Agora, conforme determinara, fica atento ao que seja o poder da alma nos sentidos e no próprio movimento de um ser animado mais perfeito nesse sentido; [...]. A alma se aplica ao tato e por ele sente e distingue o que é frio, áspero, liso, duro, leve, pesado. Além disso, discerne pelo paladar, pelo olfato, pela audição e pela visão as inúmeras diferenças de sabores, de odores, de sons, de formas. Em todas essas operações aceita e apetece o que for adequado à natureza de seu corpo; rejeita e evita o que é contrário” ⁹⁵.

No segundo grau da atividade da alma, notamos o poder da alma através dos sentidos corporais através dos quais recebe as impressões sensíveis, própria de todos os animais. A

⁹¹ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 182

⁹² Cf. *Ibidem*, p. 183

⁹³ *Ibidem*

⁹⁴ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Secundam iam obliviscentem humana, et ad divina tendentem, in qua non auctoritatis humanae sinu continetur, sed ad summam et incommutabilem legem passibus rationis innititur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 73.

⁹⁵ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 71: “Ascende itaque alterum gradum, et vide quid possit anima in sensibus, ubi evidentior manifestiorque vita intellegitur. [...]Nunc quod institueram, intende quae sit vis animae in sensibus, atque in ipso motu manifestioris animantis, quorum nobis cum iis quae radicibus fixa sunt, nulla potest esse communio. Intendit se anima in tactum, et eo calida, frigida, aspera, lenia, dura, mollia, levia, gravia sentit atque discernit. Deinde innumerabiles differentias saporum, odorum, sonorum, formarum, gustando, olfaciendo, audiendo videndoque diiudicat. Atque in iis omnibus ea quae secundum naturam sui corporis sunt, adsciscit atque appetit; reiiicit fugitque contraria”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 340.

alma racional recebe as impressões sensíveis através de seus quatro sentidos: tato, paladar, olfato, visão e audição através dos quais é capaz de discernir as características das diversas formas sensíveis. Assim, aceita o que lhe agrada e é adequado à natureza de seu corpo, rejeitando o que lhe desagrade e seja contrário. Mas, podemos notar ainda que, sendo esta a idade do seguimento da razão e, portanto, do exercício racional e reflexivo, a alma torna-se capaz de realizar a atividade, neste segundo grau, de extrair dos sentidos as imagens que repetidamente observou das coisas por meio deles, refletindo isto nos sonhos, por exemplo. É capaz também de guardar na memória tudo aquilo que abstraiu dos sentidos e constituir a força de um hábito. É capaz de realizar uma imaginação reprodutiva ou memória sensível, que é ao mesmo tempo superior à vida (anima) e inferior ao pensamento (mens) ⁹⁶.

“Na terceira idade, já mais seguro, casa a cupidez de sua sensualidade com o vigor de sua razão e, sua alma (psíquica), unindo-se a seu espírito, cobrindo-se sobre o véu do pudor, goza interiormente de doçura quase conjugal. Já não vive bem, só por obrigação, mas mesmo quando todos consentissem no permissivismo, não teria nenhum prazer em pecar” ⁹⁷. Nesta terceira idade, o homem casa os apetites carnis, a sensualidade, com o vigor racional, ou seja, não deixa-se mais levar pelos seus apetites sensíveis, mas subjuga-os à razão de forma a controlá-los todos e dominá-los. Desta forma, este homem une sua alma psíquica, ou sua imaginação reprodutiva/memória sensível, ou seja, a “anima”, com sua mente, de maneira a ordenar racionalmente toda a sua sensibilidade contida na imaginação. A alma, portanto, o princípio vital do homem não está mais ordenado para os sentidos de modo a viver inteiramente para eles, mas agora é capaz de avaliá-los e julgá-los segundo a mente, pelo exercício racional, e penetra mais fundo no interior de si mesmo. Assim, esta alma cobre-se com o véu do pudor, pois já não encontra prazer algum em consentir no pecado que a levaria para as coisas sensíveis e mutáveis, uma vez que descobre esta instância interior da razão. Já quanto ao terceiro grau da atividade da alma, diz:

“Ergue-te, agora, ao terceiro grau, o qual é próprio do ser humano, e pensa na memória das inumeráveis coisas, das inveteradas pelo hábito, nas gravadas e retidas pela reflexão e pelos sinais, em tantas obras de artistas, no cultivo dos campos, na construção de cidades [...], no poder do raciocínio e da investigação, [...]. São grandes essas realidades e exclusivamente humanas. Mas ainda são comuns a doutos e rudes, e bons e maus” ⁹⁸.

⁹⁶ Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010, p. 95.

⁹⁷ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Tertiam iam fidentiorem, et carnalem appetitum rationis robore maritatem, gaudentemque intrinsecus in quadam dulcedine coniugali, cum anima menti copulatur, et velamento pudoris obnubitur, ut iam recte vivere non cogatur, sed etiamsi omnes concedant, peccare non libeat”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 73.

⁹⁸ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 72: “Ergo attollere in tertium gradum, qui iam est homini proprius, et cogita memoriam non consuetudine inolitaram, sed animadversione atque signis commendatarum ac retentorum rerum innumerabilium, tot artes opificum, agrorum cultus, exstructiones urbium, variorum aedificiorum ac moliminum multimoda miracula; inventiones tot signorum in litteris, in verbis, in gestu, in cuiuscemodi sono, in picturis atque figmentis; tot gentium linguas, tot instituta, tot nova, tot instaurata; tantum librorum numerum, et cuiuscemodi monumentorum ad custodiendam memoriam, tantamque curam posteritatis; officiorum, potestatum, honorum dignitatumque ordines, sive in familiis, sive domi militiaeque in republica, sive in profanis, sive in

Neste grau da atividade da alma, vemos o exercício do poder racional, próprio do homem, e da investigação de todas as artes na construção do conhecimento. Este grau proporciona ao homem pensar em todas as coisas e impressões guardadas na memória através da reflexão, de forma que consegue construir o conhecimento natural, obtendo aquilo que é próprio da natureza humana e não dos demais animais.

“Na quarta idade, prossegue, intensificando e regulando esse mesmo esforço. Desabrocha em homem perfeito, pronto e disposto a enfrentar todas as perseguições e turbilhões deste mundo e a triunfar”⁹⁹. A quarta idade do homem interior é justamente a perfeição da união entre sensualidade e razão, ou seja, a perfeição do domínio racional sobre os impulsos carnis e apetites sensíveis. Este triunfa sobre os turbilhões deste mundo e vence este mundo material e mutável, como diz mais adiante: “Não poderá ser vencido por homem algum aquele que vence suas próprias paixões. Com efeito, não será vencido aquele a quem o adversário não lhe arrebatou as coisas que ele ama. Então, aquele que ama somente aquilo que não lhe pode ser arrebatado, é incontestavelmente invencível”¹⁰⁰. Assim, atinge a perfeição aquele homem que ama a razão e o exercício racional, a filosofia, e desta forma, não está voltado para o apego aos bens materiais mutáveis, que passam e levam embora o prazer que proporcionam, mas está voltado para o prazer e alegria alcançados pelo exercício de sua razão. Este não será vencido nem pelas suas paixões desordenadas e nem pela sua sensualidade, mas triunfará delas pela razão, pois ama a um bem imaterial que não é passageiro:

“Portanto, passa e salta para o quarto grau, no qual começam a bondade e todo louvor verdadeiro. Eis porque a alma se atreve a se antepor não somente a seu corpo, se ele se considera uma parte do universo, mas também ao próprio universo, a não considerar os bens do universo como seus, a discernir e desprezá-los ao compará-los ao seu poder e à sua beleza. Daí que, quanto mais se compraz em seus bens, mais se distancia das imundícies e se purifica toda e se torna cada vez mais pura e ataviada; fortifica-se contra todas as adversidades que intentam demovê-la de seu alvo e de seus projetos; mostra grande apreço pela sociedade humana e nada quer que aconteça ao outro do que não quer para si; obedece à autoridade e aos preceitos dos sábios e acredita que Deus lhe fala por meio deles. Nesta tão brilhante atuação da alma, é preciso considerar o trabalho e o grande conflito contra as adversidades e as

sacris apparatus; vim ratiocinandi et excogitandi, fluvios eloquentiae, carminum varietates, ludendi ac iocandi causa milleformes simulationes, modulandi peritiam, dimetiendi subtilitatem, numerandi disciplinam, praeteritorum ac futurorum ex praesentibus coniecturam. Magna haec et omnino humana. Sed est adhuc ista partim doctis atque indoctis, partim bonis ac malis animis copia communis”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 341.

⁹⁹ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Quartam iam idipsum multo firmiter ordinatiusque facientem et emicantem in virum perfectum, atque aptam et idoneam omnibus et persecutionibus, et mundi huius tempestatibus ac fluctibus sustinendis atque frangendis”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 73-74.

¹⁰⁰ *De vera Religione*, XXXII, 60: “Sed nec ab homine vinci potest, qui vitia sua vicerit. Non enim vincitur, nisi cui eripitur ab adversario quod amat. Qui ergo amat id solum quod amanti eripi non potest, ille indubitanter invictus est, nec ulla cruciatur invidia”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 85-86.

seduções deste mundo. Nesse mesmo afã de purificação resta ainda o temor da morte muitas vezes não grande, mas frequentemente intensíssimo”¹⁰¹.

Neste quarto grau de atividade da alma, vemos que ela se antepõe não somente ao seu corpo material, mas também a todo o universo, a todas as criaturas, não as considerando mais como sendo suas e as desprezando, uma vez que descobriu que seu poder e sua beleza lhes são superiores. Assim, chega ela à perfeição da quarta idade de dominar todos os apetites sensíveis distanciando-se das imundícies e se purificando cada vez mais; começa a realizar aqui sua restauração, pois não serve mais às criaturas que outrora estava apegada, mas pela razão as subjuga a si mesma. Começa a conquistar a sabedoria. Esta é a brilhante atuação da alma racional, pois trabalha fortemente contra as adversidades e seduções do mundo com seus bens mutáveis, triunfando até mesmo do temor da morte corporal pela fé na vida eterna. A Deus “a alma se entrega com piedade e confiança para ser ajudada e aperfeiçoada nessa tão difícil tarefa de sua purificação”¹⁰² das coisas mutáveis deste mundo.

“Na quinta – nessa idade da tranquilidade e sossego completo – ele vive nas riquezas e abundância do reino inalterável da sabedoria inefável e soberana”¹⁰³. O homem alcança, nesta quinta idade, a tranquilidade e sossego da inalterável sabedoria, e desfruta de suas riquezas e abundâncias. Esta sabedoria é o sumo bem ao qual todos os filósofos aspiram para obter a vida feliz. O caminho da sabedoria conduz a alma às razões e leis eternas, imutáveis e necessárias: “A contemplação das razões e leis eternas, porém, pressupõe que a alma humana renuncie à soberba, pois ninguém pode atingir tal contemplação sem sujeitar-se àquelas mesmas leis; e com isso, ela pratica o ato de humildade por excelência. Portanto, a humildade é o começo da sabedoria. E a sabedoria é a contemplação das coisas eternas e imutáveis”¹⁰⁴. O exercício de julgar as sensações e de medir os corpos e as figuras que o espírito humano realiza, leva-o a constituir e encontrar razões eternas.

“Depois de isto realizar, ou seja, quando a alma se libertar de toda imperfeição e estiver limpa de todas as manchas, então, finalmente, se mantém alegremente em si mesma e nada teme absolutamente para si e não se angustia por nenhum motivo. Portanto, este é o quinto grau. Uma coisa, porém, é realizar a purificação, e outra,

¹⁰¹ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 73: “Suspice igitur atque insili quarto gradui, ex quo bonitas incipit, atque omnis vera laudatio. Hinc enim anima se non solum suo, si quam universi partem agit, sed ipsi etiam universo corpori audet praeponere, bonaque eius bona sua non putare, atque potentiae pulchritudinique suae comparata discernere atque contemnere: et inde quo magis se delectat, eo magis sese abstrahere a sordibus, totamque emaculare ac mundissimam reddere et comptissimam; roborare se adversus omnia, quae de proposito ac sententia dimovere moliuntur; societatem humanam magni pendere, nihilque velle alteri quod sibi nolit accidere; sequi auctoritatem ac praecepta sapientium, et per haec loqui sibi Deum credere. In hoc tam praeclaro actu animae inest adhuc labor, et contra huius mundi molestias atque blanditias magnus acerrimusque conflictus. In ipso enim purgationis negotio subest metus mortis saepe non magnus, saepe vero vehementissimus”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 341-342.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Quintam pacatam atque ex omni parte tranquillam, viventem in opibus et abundantia incommutabilis regni summae atque ineffabilis sapientiae”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 74.

¹⁰⁴ Bohner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 170.

manter-se na pureza; e uma é a ação com a qual se renova, estando manchada, e outra, a ação pela qual não consente em se manchar novamente”¹⁰⁵.

Neste grau de atividade, a alma mantém-se alegremente em si mesma e nada teme ou angustia-se porque encontrou e permanece na sabedoria. Através da purificação realizada de todos os bens mutáveis, mantém-se na pureza da contemplação das razões e leis eternas e imutáveis. Aqui vive inteiramente para Deus e encontra tranquilidade.

“Na sexta – idade de transformação total na vida eterna – ele esquece totalmente a vida temporal e passa àquela forma perfeita, à imagem e semelhança de Deus”¹⁰⁶. Nesta sexta idade, o homem abandona tudo o que é temporal para assumir a perfeição da transformação total na vida eterna. Assim ele realiza plenamente a imagem e semelhança de Deus, privilégio exclusivo da alma humana:

“Diz a Escritura que Deus formou o homem à sua semelhança. Ainda que toda criação se assemelhe de certo modo a Deus, a dignidade de imagem propriamente dita é apanágio do ser humano; e neste, ela encontra tão somente na alma, e nesta, só no espírito ou na mente. Pois é mediante o espírito ou a mente que a alma se abre diretamente para Deus, e dele se torna capaz”¹⁰⁷.

A imagem de Deus, da Santíssima Trindade aparece na alma humana pelo trinômio: mente, conhecimento e amor, ou ainda: memória, entendimento e vontade. “Mas esta ação, ou seja, o desejo de entender o que é verdadeiro e sumo, é o mais sublime olhar da alma; não há outro mais perfeito, melhor e mais virtuoso. Portanto, este será o sexto grau, pois uma coisa é purificar o próprio olhar da alma para que não olhe inútil e temerariamente e enxergue mal, outra coisa é preservar e fortalecer sua saúde, e outra coisa ainda é dirigir o olhar sereno e firme ao que pode ser visto”¹⁰⁸. O entender aquilo que é mais sublime e sumo é, pois, o mais sublime olhar da alma que vê em sua mente a imagem de Deus para realiza-la. Aqui vive a alma inteiramente para a suma beleza que é Deus e permanece junto dele. Assim, o olhar da alma que já fora purificado para que não olhe inútil e enxergue mal, ou seja, para que não dirija-se para as coisas mutáveis e exteriores, agora preserva-se e fortalece-se em sua saúde,

¹⁰⁵ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 74: “Quod cum effectum erit, id est, cum fuerit ab omni tabe anima libera maculisque diluta, tum se denique in seipsa laetissime tenet, nec omnino aliquid metuit sibi aut ulla sua causa quidquam angitur. Est ergo iste quintus gradus: aliud est enim efficere, aliud tenere puritatem; et alia prorsus actio qua se inquinatam redintegrat, alia qua non patitur se rursus inquinari”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 343.

¹⁰⁶ *De vera Religione*, XXVI, 49: “Sextam omnimodae mutationis in aeternam vitam et usque ad totam oblivionem vitae temporalis transeuntem perfecta forma, quae facta est ad imaginem et similitudinem Dei”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 74.

¹⁰⁷ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 184.

¹⁰⁸ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 75: “Sed haec actio, id est, appetitio intellegendi ea quae vere summeque sunt, summus aspectus est animae, quo perfectiorem, meliorem rectioremque non habet. Sextus ergo erit iste gradus actionis: aliud est enim mundari oculos ipsam animae, ne frustra et temere aspiciat, et prave videat; aliud ipsam custodire atque firmare sanitatem; aliud iam serenum atque rectum aspectum in id quod videndum est, dirigere”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 343-344.

pois vê em si mesmo a imagem e semelhança de Deus para manter seu olhar sereno e firme nesta verdade que pode ser vista. Com efeito, não se pode ver a imagem e semelhança de Deus em nosso interior antes da purificação de todas as coisas mutáveis e de seus prazeres e paixão; estes não enxergam a luz da verdade interior. “Com efeito, conforme creio, é reto o espírito que possibilita à alma não se deixar desviar nem errar na procura da verdade. Ele, sem dúvida, não se renova na verdade, se antes não purificar o coração, ou seja, se antes o pensamento não se reprimir de toda paixão e sordidez e delas se purificar”¹⁰⁹.

“Na sétima (idade), é o repouso eterno e a beatitude perpétua, na qual não se distinguem mais as idades”¹¹⁰. Na sétima idade o homem conquista e alcança o repouso eterno da contemplação da Divindade. “Na visão e contemplação da verdade, que é o sétimo e último grau da alma, o qual não é certamente grau, mas certa mansão aonde se chega pelos outros graus, como dizer qual seja a alegria, o gozo do sumo e verdadeiro bem, de cuja serenidade e eternidade é o sopro?”¹¹¹. Aqui neste último grau de atividade da alma ela vê e contempla a verdade onde goza do sumo e verdadeiro bem que é Deus, Verdade eterna e imutável à qual permanece unida. Deus é o sumo e verdadeiro bem porque seu ser é imutável e eterno, enquanto que a bondade das criaturas depende dele. O fim último da sabedoria é o conhecimento e o amor de Deus: “No começo de todos os seres está Deus, o sumo ser concebível os homens podem errar acerca de sua natureza; mas todos estão acordados em afirmar que Deus é algo em comparação do qual nada se pode pensar de melhor ou mais sublime”¹¹². Deus é, portanto, a verdade suprema e o fim último a que aspira nossa vontade. “Se nós nos mantivermos com perseverança no caminho que Deus nos indica, o qual recebemos para nele nos mantermos, chegaremos pela virtude e sabedoria de Deus àquela suprema causa, ou supremo autor, ou supremo princípio de todas as coisas, ou denomine-se de outro modo com mais propriedade, a essa realidade tão grande”¹¹³. Nesta última idade do homem interior e grau da atividade da alma, o homem que dedica-se à vida interior chega, pois, à suprema causa, autor ou princípio de todas as coisas: Deus. Assim, através de todos estes passos que demos para aqui chegar, podemos observar a grande responsabilidade da alma com relação ao corpo, pois enquanto mediadora, a dita alma domina o corpo para submetê-lo, consigo mesma, a Deus. A alma une-se, desta forma, ao corpo para formar com

¹⁰⁹ Ibidem: “Spiritus enim rectus est, credo, quo fit ut anima in veritate quaerenda deviare atque errare non possit. Qui profecto in ea non instauratur, nisi prius cor mundum fuerit, hoc est, nisi prius ipsa cogitatio ab omni cupiditate ac faece rerum mortalium sese cohibuerit et eliquaverit”.

¹¹⁰ *De vera Religione*, XXVI, 49: Septima enim iam quies aeterna est, et nullis aetatibus distinguenda beatitudo perpetua”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 74.

¹¹¹ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 76: “Iamvero in ipsa visione atque contemplatione veritatis, qui septimus atque ultimus animae gradus est; neque iam gradus, sed quaedam mansio, quo illis gradibus pervenitur; quae sint gaudia, quae perfructio summi et veri boni, cuius serenitatis atque aeternitatis afflatus, quid ego dicam?” <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 344.

¹¹² Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 172.

¹¹³ *De Quantitate Animae*, XXXIII, 76: “Illud plane ego nunc audeo tibi dicere, nos si cursum quem nobis Deus imperat, et quem tenendum suscepimus, constantissime tenerimus, perventuros per Virtutem Dei atque Sapientiam ad summam illam causam, vel summum auctorem, vel summum principium rerum omnium, vel si quo alio modo res tanta congruentius appellari potest”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Grandeza da Alma*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 344.

ele uma substância e animá-lo ou vivificá-lo. A natureza inferior ou corporal, portanto, une-se, por meio da natureza superior da alma, com a natureza suprema que é Deus. “Este domínio e esta sujeição da alma a Deus se realizam em sete graus, desde a função anímica mais humilde – a de vivificar o corpo – até à mais elevada, que é a contemplação da Divindade”¹¹⁴. Através de tudo o que até aqui discorreremos, podemos contemplar o homem velho e o homem novo: o primeiro é capaz de viver por si mesmo durante toda a sua existência neste mundo, enquanto que o segundo não poderia formar-se no curso desta vida senão na companhia do primeiro. Assim, “É necessário que homem novo se inicie do velho, e conviva com ele até a morte visível. Ainda que enquanto um vai se enfraquecendo, o outro vai se desenvolvendo”¹¹⁵.

¹¹⁴ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 183.

¹¹⁵ *De vera Religione*, XXVII, 50: “nam et ab ipso incipiat necesse est, et usque ad visibilem mortem cum illo, quamvis eo deficiente, se proficiente, perduret”. <http://www.augustinus.it/html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 74.

Capítulo III: A interioridade na salvação do homem pela Razão

Pois bem, uma vez que chegamos até o presente momento, tendo percorrido nas linhas supraditas sobre o movimento de interiorização na salvação do homem pela fé, resta-nos agora fazê-lo, nas linhas que posteriormente irão desenhar-se, na salvação do homem pela razão. O faremos percorrendo sobre duas obras de Agostinho, a saber: *De Vera Religione* e suas *Confessiones* investigando o problema enunciado. No entanto, assim como temos realizado até o presente momento, nossas principais reflexões serão realizadas na obra *De Vera Religione* de modo que valer-nos-emos de todo apoio necessário das *Confessiones*.

3.1. Das coisas sensíveis e mutáveis às inteligíveis

Ao voltarmos os olhos de nossa mente para a quinta parte da obra *De Vera Religione*, logo percebemos Agostinho a refletir sobre até onde pode ir a razão na sua ascensão do visível ao invisível, do temporal ao eterno, atingindo, desta forma, a vida sensível para chegar, posteriormente, à vida do espírito: “Vejam, agora, até onde pode ir a razão na sua ascensão do visível ao invisível, do temporal ao eterno”¹¹⁶. É por esta causa que o Doutor Hiponense começa a analisar a vida sensível através do exercício da contemplação da natureza, a qual diz não ser nem em vão nem inútil, pois ao questionar-se sobre “a beleza do céu, a disposição dos astros, o esplendor da luz, a alternância dos dias e noites, o ciclo mensal da lua, a disposição do ano em quatro estações”¹¹⁷, dentre outras características, ele chega a conclusão que a existência de todos os seres guarda sua própria característica e natureza. Diz ainda que “esse espetáculo não é feito para exercermos sobre ele vã e transitória curiosidade, mas sim para nos elevar gradualmente até as realidades imperecíveis e permanentes”¹¹⁸. Ora, diante de todas as criaturas que podemos contemplar na natureza, chegamos, pois, ao questionamento de qual seja a Natureza viva que tem consciência de todos os fenômenos, ou seja, que tenha consciência e conheça todas as criaturas existentes no mundo, pois esta com clareza merece lugar elevado em nossa estima, uma vez que a mesma natureza determinou que a substância viva tenha prioridade sobre a substância sem vida¹¹⁹. Aqui já notamos a ascensão feita pela razão das coisas naturais, ou seja, das criaturas, para a superioridade do homem que pode perceber o sensível e julgá-lo, emitindo juízos.

Posteriormente, nas suas *Confessiones*, vemos Agostinho realizar uma reflexão semelhante:

¹¹⁶ *De vera Religione*, XXIX, 52: “videamus quatenus ratio possit progredi a visibilibus ad invisibilia, et a temporalibus ad aeterna conscendens”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 77.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*: “In quorum consideratione non vana et peritura curiositas exercenda est, sed gradus ad immortalia et semper manentia faciendus”.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*: “Proximum enim est, attendere quae ista sit natura vitalis, quae cuncta ista sentit: quae profecto quoniam vitam dat corpori, praestantior eo sit necesse est. Non enim qualiscumque moles, quamquam ista visibili luce praefulgeat, si vita caret, magni aestimanda est. Quaelibet namque viva substantia cuilibet non vivae substantiae, naturae lege praeponitur”; ou seja: “De tal espetáculo ergue-se logo a questão sobre qual seja essa natureza viva que tem consciência de todos os fenômenos. Se ela confere vida ao corpo é preciso que ela lhe seja superior. Uma massa qualquer, mesmo refulgente como essa luz que vemos, se não possuir a vida, não merece lugar elevado em nossa estima. É lei da natureza que a substância viva tenha prioridade sobre a substância sem vida”.

“Mas eis que o céu, e a terra, e todas as coisas que neles existem me dizem a mim, por toda a parte, que te ame, e não cessam de o dizer a todos os homens, de tal modo que eles não têm desculpa. [...]. E que é isto? Interroguei a mole do universo acerca do meu Deus e ele respondeu-me: Não sou eu, mas foi ele mesmo que me fez. Interroguei a terra e ela disse: Não sou eu; e todas as coisas que nela existem responderam-me o mesmo. Interroguei o mar, e os abismos, e os seres vivos que rastejam, e eles responderam-me: Não somos o teu Deus; procura acima de nós. Interroguei as brisas que sopram, e o ar todo com os seus habitantes disse-me: Anaxímenes está enganado; eu não sou Deus. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas, e dizem-me: Nós também não somos o Deus que tu procuras. E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dissei-me alguma coisa a seu respeito. E elas exclamaram, com voz forte: Foi ele que nos fez. Contemplá-las era a minha pergunta e a resposta delas era a sua beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: Tu quem és? E respondi: um homem. E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior. Qual destas coisas é aquela em que eu devia procurar o meu Deus, que eu já tinha procurado por meio do corpo desde a terra até ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? Mas o interior é, sem dúvida, o melhor. Por isso a este, como presidente e juiz, é que todos os mensageiros do corpo faziam saber as respostas do céu, da terra, e de todas as coisas que neles existem, quando dizem: Não somos Deus e Foi ele que nos fez. O homem interior conheceu estas coisas por meio do homem exterior; eu, enquanto homem interior, conheci estas coisas, eu, eu enquanto espírito, por meio da capacidade de sentir do meu corpo. Interroguei a mole do universo acerca do meu Deus, e ele respondeu-me: Não sou eu, mas foi ele que me fez”¹²⁰.

Neste fragmento das *Confissões* de Agostinho, vemo-lo ascender das criaturas materiais e corpóreas ao interior de si mesmo, e à Deus que tudo criou. Trata-se aqui da mesma discussão citada acima na obra *De vera Religione*, pois, tanto lá como também aqui, vemos Agostinho elevar-se gradualmente das coisas sensíveis mutáveis, para as coisas inteligíveis e imutáveis. Ora, esta ascensão deverá levar-nos primeiro a interrogar as criaturas sensíveis; depois ao interior de si mesmo, para chegar, por fim, a Deus no interior e acima de

¹²⁰ *Confissões*, X, VI, 8-9: “Sed et caelum et terra et omnia, quae in eis sunt, ecce undique mihi dicunt, ut te amem, nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles. [...]Et quid est hoc? Interrogavi terram, et dixit: "Non sum"; et quaecumque in eadem sunt, idem confessa sunt. Interrogavi mare et abyssos et reptilia animarum vivarum, et responderunt: "Non sumus Deus tuus; quaere super nos". Interrogavi auras flabiles, et inquit universus aer cum incolis suis: "Fallitur Anaximenes; non sum Deus". Interrogavi caelum, solem, lunam, stellas: "Neque nos sumus Deus, quem quaeris", inquit. Et dixi omnibus his, quae circumstant fores carnis meae: "Dicite mihi de Deo meo, quod vos non estis, dicite mihi de illo aliquid". Et exclamaverunt voce magna: *Ipsa fecit nos*. Interrogatio mea, intentio mea; et responsio eorum, species eorum. Et direxi me ad me et dixi mihi: "Tu quis es?". Et respondi: "Homo". Et ecce corpus et anima in me mihi praesto sunt, unum exterius et alterum interius. Quid horum est, unde quaerere debui Deum meum, quem iam quaesiveram per corpus a terra usque ad caelum, quousque potui mittere nuntios radios oculorum meorum? Sed melius quod interius. Ei quippe renuntiabant omnes nuntii corporales praesidenti et iudicanti de responsionibus caeli et terrae et omnium, quae in eis sunt, dicentium: "Non sumus Deus", et: "Ipsa fecit nos". Homo interior cognovit haec per exterioris ministerium; ego interior cognovi haec, ego, ego animus per sensum corporis mei. Interrogavi mundi molem de Deo meo, et respondit mihi: "Non ego sum, sed ipse me fecit". <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 20 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 447-449.

si mesmo. Ele interroga – nas *Confessiones* – toda a criação, todas as criaturas a respeito de Deus e onde pode encontra-lo: “E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito. E elas exclamaram, com voz forte: Foi ele que nos fez”¹²¹. Notadamente percebemos aqui Agostinho a interrogar todas as criaturas a respeito de Deus, ou seja, começa ele sua busca e investigação pelas criaturas, pelo conhecimento sensível, a fim de chegar ao conhecimento intelectual. Começa a perceber que todas as criaturas, por serem mutáveis, não podem ser causa de si mesmas, mas outra é sua causa: Deus. Começa a dirigir-se então a si mesmo: “Dirigi-me, então, a mim mesmo e a mim mesmo disse: Tu quem és? E respondi: um homem. E eis que estão em mim, ao meu serviço, um corpo e uma alma, uma coisa exterior, outra interior”. Assim, da análise das criaturas exteriores, uma vez percebendo que outra é a causa delas que não elas mesmas, Agostinho volta-se para si mesmo, e percebe que nele há um corpo e uma alma, o primeiro exterior e o segundo, interior. Percebe ainda que deve buscar a Deus, causa de todas as criaturas, através daquilo que lhe é interior, pois este “como presidente e juiz, é que todos os mensageiros do corpo faziam saber as respostas do céu, da terra, e de todas as coisas que neles existem, quando dizem: Não somos Deus e Foi ele que nos fez”. Ou seja, o homem interior é capaz de conhecer todas as criaturas deste mundo através do homem exterior, através dos sentidos corporais: “O homem interior conheceu estas coisas por meio do homem exterior; eu, enquanto homem interior, conheci estas coisas, eu, eu enquanto espírito, por meio da capacidade de sentir do meu corpo”. Desta maneira, podemos notar a superioridade do homem com relação às demais criaturas, pois ele é capaz de conhecer todas as coisas deste mundo e de julgá-las, e assim, Agostinho realiza uma primeira ascensão: das criaturas sensíveis eleva-se àquela Natureza viva que tem consciência de todos os fenômenos: “Ninguém contesta que os animais irracionais vivem e sentem. Do mesmo modo é aceito ser superior a eles a alma humana. Não pelo fato de ela perceber o sensível, mas pelo poder que ela tem de julgar”¹²².

Vemos estabelecido na filosofia de Agostinho uma gradação hierárquica na ordem do saber. Como discorreremos longamente no capítulo primeiro do presente trabalho, o sujeito que duvida sabe que existe, que vive e que pensa. Assim, podemos perceber que todas as criaturas físicas presentes neste mundo existem, mas não tem, todavia, o viver e nem o pensar. Já os animais irracionais existentes no mundo vivem e existem, até mesmo sentem, através dos sentidos corporais, as demais criaturas a sua volta – fato que os torna superior às criaturas que apenas existem – porém, estes animais não pensam. Por fim, o homem, possui a capacidade de conhecer, de viver e de existir e, desta forma, torna-se superior às demais criaturas, pois tem o poder de perceber todo o sensível e de julgá-lo. Agostinho, para realizar toda sua reflexão, adota “as duas regras seguinte: 1º) aquilo que inclui certas outras perfeições, sem estar incluído nelas, é mais perfeito que estas; 2º) aquilo que julga de outras coisas é mais perfeito que as coisas sujeitas ao seu julgamento. Assim equipado, Agostinho prossegue

¹²¹ Ibidem.

¹²² *De vera Religione*, XXIX, 53: “Sed quia irrationalia quoque animantia vivere atque sentire nemo ambigit, illud in animo humano praestantissimum est, non quo sentit sensibilia, sed quo iudicat de sensibilibus”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 20 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 78.

cautelosamente o seu caminho”¹²³. A ordem do conhecimento sensível estabelece, desta maneira, um sentido interior (sentos interior) que é capaz de julgar tudo aquilo que é captado pelos sentidos exteriores. Isto pode-se notar no momento em que percebemos que cada sentido do corpo humano tem seu objeto próprio; porém, alguns objetos são comuns a dois sentidos ao mesmo tempo, como é o caso dos corpos que podem ser percebidos pelo tato e pela visão. Ora, se sabemos aquilo que compete a cada sentido em particular e aquilo que pode ser percebido por vários sentidos em comum, este conhecimento não pode provir dos sentidos externos, mas pressupõe uma força interior capaz de julgar os sentidos: o sentido interior¹²⁴. “Não só isso: nós sentimos, e sabemos que sentimos. Este conhecimento tampouco, pode proceder dos sentidos externos; também ele deve atribuir-se, como segunda função, ao sentido interior. Que esta força superior deva ser um sentido, Agostinho o conclui do fato de a encontrarmos também nos animais. De forma que não ultrapassamos, ainda, o nível do reino animal”¹²⁵. Para fazê-lo, é necessário chegar à evidência racional no homem, como dizíamos no início do parágrafo, realizando o movimento de interiorização.

Desta forma, para continuarmos nossas reflexões, colocamo-nos diante do texto de Agostino:

“Com efeito, encontram-se muitos animais cuja vista é mais penetrante do que a dos homens. Com outros sentidos que possuem, chegam a perceber mais agudamente as propriedades dos corpos. Mas para levantar um julgamento sobre isso, não é possível a vida exclusivamente sensível. É preciso possuir a razão. E o que está ausente nos animais é o que faz a nossa superioridade. O ser que julga é superior à coisa julgada – isso é fácil de constatar. Além do mais, o ser racional não julga somente a respeito de objetos sensíveis, mas também sobre os seus próprios sentidos. Por exemplo, o ramo mergulhado na água parecerá quebrado, apesar de continuar inteiro. Os olhos sentiram com clareza dessa maneira, porque a vista pode nos comunicar o fenômeno, mas não julgar sobre o erro. É claro que assim como a vida sensitiva é superior ao corpo inorgânico, a vida racional é superior a ambos”¹²⁶.

Neste fragmento dos escritos de Agostinho, podemos nitidamente notar a gradação hierárquica estabelecida por ele. O homem é superior a todas as criaturas físicas e aos animais irracionais justamente porque possui a capacidade de levantar um julgamento sobre todas estas coisas, pois para julgar não basta somente possuir vida sensitiva, é preciso possuir a razão. Isto é claríssimo porque todo ser que julga é superior à coisa julgada e superior a todos

¹²³ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 154.

¹²⁴ Cf. *Ibidem*.

¹²⁵ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 154-155.

¹²⁶ *De vera Religione*, XXIX, 53: “Nam et vident acutius, et ceteris corporis sensibus acrioribus corpora attingunt pleraque bestiae quam homines: sed iudicare de corporibus non sentientis tantum vitae, sed etiam ratiocinantis est; qua illae carent, nos excellimus. Iam vero illud videre facillimum est, praestantiorum esse iudicantem, quam illa res est de qua iudicatur. Non solum autem rationalis vita de sensibilibus, sed de ipsis quoque sensibus iudicat; cur in aqua remum infractum oporteat apparere cum rectus sit, et cur ita per oculos sentiri necesse sit: nam ipse aspectus oculorum renuntiare id potest, iudicare autem nullo modo. Quare manifestum est, ut sensualem vitam corpori, ita rationalem utrique praestare”. <http://www.augustinus.it/html>. Acesso em: 20 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 78.

os outros seres que não têm capacidade de exercer o julgamento – porque exatamente não possuem razão. Além disto que dizemos agora, o ser racional não apenas julga a respeito dos objetos sensíveis, mas também sobre os seus próprios sentidos, assim como mostra Agostinho com o exemplo do ramo: este mergulhado na água parece estar quebrado, pois os olhos apenas nos comunicam o fenômeno, ao passo que nos faz necessário o uso da razão para chegarmos à conclusão de que este ramo permanece inteiro, separando assim o fenômeno captado pelo sentido, do fato real da ilusão provocada pelo desvio da luz ao passar pela água refletindo a imagem do ramo de maneira turva. A razão consegue chegar, pois, à conclusão de que o ramo está inteiro. Assim temos a ordem: a vida sensitiva é superior ao corpo inorgânico, enquanto que a vida racional é superior a ambos. Já realizamos até aqui a ascensão das criaturas meramente físicas para as sensíveis, e destas para a criatura racional: o homem. Passamos, pois daquilo que está fora, para o interior deste último.

O mesmo que fica supradito é o que encontramos no trecho que segue-se das *Confissiones*:

“Acaso esta beleza não é visível a todos aqueles que tem intacta a capacidade de sentir? Porque é que ela não diz o mesmo a todos? Os animais pequenos e grandes vêem-na, mas não a podem interrogar. Com efeito, neles, a razão não preside aos sentidos, para avaliar o que eles transmitem. Os homens, porém, podem interrogá-la, a fim de que contemplem e entendam as coisas invisíveis de Deus, por meio das coisas que foram criadas, mas, amando estas, ficam sujeitos a elas, e, uma vez submetidos, não conseguem avaliá-las”¹²⁷.

Interroga o doutor Hiponense, neste trecho, se a beleza das criaturas não é visível a todos aqueles que têm intacta a capacidade de sentir e o porquê ela não diz o mesmo a todos. Ora, de fato todos os animais a vêem-na, mas não a podem interrogar justamente porque neles a razão não preside aos sentidos para avaliar o que eles transmitem. Em outras palavras, nos demais animais não há exercício racional; este está presente apenas no homem, o que faz deste último o ser superior a todos os outros seres. O homem não fora feito para servir as demais criaturas e nem para ficar sujeito a elas, pois se fosse submetido a elas tornar-se-ia escravo das ditas criaturas corpóreas, não podendo avaliá-las e nem realizar a sua natureza, encontrando a Deus e vivendo conforme a razão. As demais criaturas, desta maneira, estão submetidas ao homem, porque este pode julgá-las pelo exercício racional, e pode avaliar os dados de seus sentidos. Os homens podem interrogar a beleza das criaturas a fim de que, as contemplando, possam chegar às coisas invisíveis de Deus, que as criou, por meio das coisas que foram criadas. Notamos, pois, que o movimento de interiorização ao mesmo tempo que leva-nos a contemplar o interior do homem, e nele encontrar a razão, leva-nos também a nos deixarmos de submeter às criaturas corpóreas – deixar de estar escravizado e apegado à elas –

¹²⁷ *Confissiones*, X, VI, 10: “Nonne omnibus, quibus integer sensus est, apparet haec species? Cur non omnibus eadem loquitur? Animalia pusilla et magna vident eam, sed interrogare nequeunt. Non enim praeposita est in eis nuntiantibus sensibus iudex ratio. Homines autem possunt interrogare, ut *invisibilia Dei per ea, quae facta sunt, intellecta* conspiciant, sed amore subduntur eis et subditi iudicare non possunt”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 20 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 451.

a fim de as submeter a si mesmo, enquanto que o homem, ao encontrar a verdade imutável, que é Deus, pode submeter-se a Ele. Encontra assim a verdadeira ordem da hierarquia.

3.2. Da razão interior à Verdade Imutável

Até o presente momento pudemos demonstrar que o caminho para ascender do visível ao invisível pela razão começara pela contemplação das criaturas, passando pela constatação de que o homem é superior a elas, pois possui uma razão capaz de julgá-las. Vimos que a vida sensitiva é superior ao corpo inorgânico, e a vida racional é superior a ambas. Assim iniciamos o movimento de interiorização, passando das criaturas mutáveis exteriores, para a razão interior. A questão agora que buscamos responder com Agostinho é se a alma racional julga com suas próprias normas, ou se haverá alguma natureza que lhe seja superior:

“Se a alma racional julga conforme as suas próprias normas, não haverá nenhuma natureza que lhe seja superior. Todavia, vemos que ela é evidentemente mutável, pois ora é douta, ora ignorante. Julga tanto melhor quanto mais for instruída. E quanto mais lhe for familiar a arte, a ciência ou a doutrina em questão. Portanto, é sobre a essência da arte que será preciso indagarmos. Entendo referir-me aqui por arte, não ao que se obtém pela experiência, mas ao que se descobre pela inteligência intuitiva (raciocinando)”¹²⁸.

Desta maneira, podemos perceber que encontrar a razão no homem interior é encontrar algo superior ao corpo inorgânico e à vida sensitiva. Todavia, a razão ainda é uma instância mutável, pois, como afirma o santo doutor no texto citado, a alma racional, se julgasse com suas próprias normas, nada lhe seria superior, porém ela ora é douta, e ora ignorante. Além disso, percebemos que a razão julga melhor quanto mais for instruída e quanto mais lhe for familiar a arte, ciência, ou doutrina, ou seja, a razão vai adquirindo aos poucos o seu conhecimento, fator que também revela a sua mutabilidade. Ao notarmos, portanto, a mutabilidade desta alma racional, vemos que ela também não pode ser a referência e o parâmetro para si mesma, e que há uma natureza que lhe é superior: a verdade eterna e imutável. A alma racional não julga todas as coisas segundo as suas próprias normas, mas descobre estas mesmas normas através da inteligência intuitiva, ou seja, raciocinando. Agostinho começa, pois, a interrogar-se sobre a essência da arte, o que não se obtém mais pela experiência, mas justamente pela inteligência.

Posto isto que fica supradito, o doutor Hiponense começa a citar alguns exemplos como o saber daquele que solda as pedras com massa de cal ser esta mais sólida do que o barro, ou o saber daquele que eleva construções elegantes onde peças semelhantes são dispostas em ordem simétrica. Segundo ele, o que nos agrada nestes exemplos, dentre outros

¹²⁸ *De vera Religione*, XXX, 54: “Itaque si rationalis vita secundum seipsam iudicat, nulla iam est natura praestantior. Sed quia clarum est eam esse mutabilem, quando nunc perita, nunc imperita invenitur; tanto autem melius iudicat, quanto est peritior; et tanto est peritior, quanto alicuius artis vel disciplinae vel sapientiae particeps est: ipsius artis natura quaerenda est. Neque nunc artem intellegi volo, quae notatur experiundo, sed quae ratiocinando indagatur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 20 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 79.

por ele citados, é a harmonia que assegura igualdade e unidade pela semelhança dos elementos iguais e pela sua proporção. Ora, ainda que possamos:

“encontrar entre os corpos perfeita igualdade e semelhança quem ousará dizer, depois de diligente consideração, que algum corpo é real e simplesmente uno? Todo corpo muda, passando de um aspecto a outro, ou de lugar a outro, é composto de partes, cada uma ocupando seu lugar próprio e distribuídas as partes, em lugares diversos. Certamente, a verdadeira igualdade e semelhança, assim como a verdadeira e primeira Unidade não são percebidas pelos olhos corporais, nem por nenhum sentido, mas por uma intelecção do espírito”¹²⁹.

Assim, podemos constatar que, mesmo havendo igualdade e semelhança entre os corpos, nenhum corpo é real e simplesmente uno porque todos são mutáveis, quer porque passa de um aspecto a outro, ou de um lugar a outro. E ainda: todo corpo é composto de partes, cada uma ocupando seu próprio lugar, o que mostra que nenhum corpo pode ser uno. Porém, a verdadeira igualdade e semelhança, que jamais muda, e que é a verdadeira e primeira unidade não pode ser percebida pelos olhos corporais e nem por sentido algum, mas tão somente pela intelecção do espírito. Esta é a verdade imutável que está acima da alma racional, e que esta última pode chegar pela intelecção a fim de que tudo possa julgar com ela e através dela.

Segue Agostinho dizendo:

“Todas as coisas sensivelmente belas – sejam elas obras da natureza, sejam elaborações da arte humana – não podem subsistir na beleza, sem tempo e lugar, tal o corpo e seus diferentes movimentos. Entretanto, aquela igualdade e unidade, que só o espírito conhece e pela qual julga a beleza corpórea – conhecida pelos sentidos – essa igualdade e unidade não se encontram repartidos no espaço, nem se movem no tempo”¹³⁰.

Assim, todas as coisas que percebemos belas pelos sentidos, tais como as obras da natureza ou elaborações da arte humana, não podem subsistir na beleza sem tempo e lugar, ou seja, são bens corporais que para existir necessariamente precisam estar inseridos em tempo e espaço e sujeita aos movimentos e à mutabilidade. Porém, aquela igualdade e unidade, ou seja, a verdade imutável, que somente o espírito conhece, não se encontra no espaço repartida e nem movendo-se no tempo, pois é verdade eterna e imutável que está acima da razão e ilumina esta mesma razão para que esta possa julgar toda beleza corpórea, captada, esta sim,

¹²⁹ *De vera Religione*, XXX, 55: “quis est qui summam aequalitatem vel similitudinem in corporibus inveniatur, audeatque dicere, cum diligenter consideraverit quodlibet corpus vere ac simpliciter unum esse; cum omnia vel de specie in speciem, vel de loco in locum transeundo mutantur, et partibus constant sua loca obtinentibus, per quae in spatia diversa dividuntur? Porro ipsa vera aequalitas ac similitudo, atque ipsa vera et prima unitas, non oculis carnis, neque ullo tali sensu, sed mente intellecta conspiciuntur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 80.

¹³⁰ *De vera Religione*, XXX, 56: “Et cum omnia quae sensibiliter pulchra sunt, sive natura edita, sive artibus elaborata, locis et temporibus sint pulchra, ut corpus et corporis motus; illa aequalitas et unitas menti tantummodo cognita, secundum quam de corporea pulchritudine sensu internuntio iudicatur, nec loco tumida est, nec instabilis tempore”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 81.

pelos sentidos. Esta verdade eterna e lei imutável a razão a encontra através da intelecção para julgar todas as coisas sensíveis. Portanto, não faz sentido afirmar que podemos julgar sobre a esfericidade da roda, mas não do pequeno vaso, bem como não faz sentido dizer que podemos julgar a semelhança dos anos no que diz respeito ao tempo com relação ao movimento dos astros e não a dos meses e dos dias. Em outras palavras, podemos dizer que a razão julga a todas as coisas com esta verdade ou lei imutável:

“Se alguma coisa, pois, se move harmoniosamente, no espaço ou conforme as horas ou momentos mais breves, esse fenômeno é regulado por lei única, a qual é invariável. Se, pois, a mesma lei de igualdade e semelhança ou proporção serve para julgar as dimensões mais ou menos grandes de objetos e movimentos, essa lei é superior a tudo mais e por um poder real. [...] Com efeito, é uma mesma e abrangente lei. Tomemos, por exemplo, a lei do quadrado, que nos faz julgar tal praça do fórum, tal pedra retangular, tal quadro, tal jóia quadrangular. [...] Como, pois, duvidar de que essa lei seja nem maior nem menor do que os intervalos do espaço e do tempo, mas que com poder supera tudo? Pelo fato de essa lei de todas as artes ser absolutamente imutável, enquanto o espírito – que recebeu o dom de constatar isso – está sujeito às variações do erro, é claro que existe acima de nossa mente uma lei imutável chamada Verdade”¹³¹.

Agostinho afirma que a lei única e invariável é que regula tudo o que move-se harmoniosamente no espaço ou conforme as horas e conclui dizendo que se as dimensões mais ou menos grandes de objetos e movimentos são julgados pela mesma lei de igualdade e semelhança ou proporção, esta lei é superior a tudo mais. Agostinho usa aqui, aquele critério que acima descrevemos: “aquilo que julga de outras coisas é mais perfeito que as coisas sujeitas ao seu julgamento”¹³². Para demonstrar que é uma e abrangente lei que a tudo julga, ele nos apresenta o exemplo da lei do quadrado: seja a praça do fórum, ou a pedra quadrada, ou o quadro, ou ainda a jóia quadrangular, todos estes bens são julgados quadrados por uma única e mesma lei que define o que é o quadrado; logo, esta lei é acima de todas estas coisas e acima da mente da alma racional, pois esta alma, encontrando esta verdade eterna, a usa para emitir seu julgamento sobre todas as coisas deste mundo. Segundo Agostinho, o espírito é capaz de constatar estas verdades imutáveis e eternas através da intelecção e, através delas, tudo julgar. Mas o espírito mesmo está sujeito às variações e erros, enquanto que esta Verdade que existe ontologicamente acima da mente, é imutável e eterna. Assim,

¹³¹ Ibidem: “Sed sive per haec spatia, sive per horas, sive per breviora momenta convenienter moveatur aliquid, eadem una et incommutabili aequalitate iudicatur. Quod si minora et maiora spatia figurarum atque motionum secundum eandem legem parilitatis, vel similitudinis, vel congruentiae iudicantur, ipsa lex maior est his omnibus, sed potentia. Ceterum spatio aut loci aut temporis, nec maior nec minor: quia si maior esset, non secundum totam iudicaremur minora; si autem minor esset, non secundum eam iudicaremur maiora. Nunc vero cum secundum totam quadraturae legem iudicetur et forum quadratum, et lapis quadratus, et tabella et gemma quadrata; rursus secundum totam aequalitatis legem iudicentur convenire sibi motus pedum currentis formicae, et secundum eam gradientis elephantis: quis eam dubitet locorum intervallis ac temporum, nec maiorem esse, nec minorem, cum potentia superet omnia? Haec autem lex omnium artium cum sit omnino incommutabilis, mens vero humana cui talem legem videre concessum est, mutabilitatem pati possit erroris, satis apparet supra mentem nostram esse legem, quae veritas dicitur”.

¹³² Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 154.

“acima da razão está a Verdade, que julga e modera a razão. [...] Não pode haver dúvida de que julgamos em dependência daquelas normas interiores que compartilhamos com outros espíritos não somos nós que as julgamos. Não somos nós que determinamos que o eterno deve ser preferido ao temporal, ou que sete mais três são dez; apenas descobrimos que assim é: sed tantum ita esse cognoscens non examinatore corrigi, sed tantum laetatur inventor. É claro, outrossim, que tais verdades não se situam no mesmo plano da razão humana, posto que esta é mutável, ao passo que aquelas são imutáveis. A razão progride no saber; elas, ao contrário, são insuscetíveis de progresso. Resplandecem invariavelmente com toda a sua clareza, mesmo que as contemplemos com a vista turvada. Donde se segue que não são inferiores nem iguais à razão, mas superiores a ela”¹³³.

Notamos que o critério usado por Agostinho, a saber: passar das coisas mutáveis para às imutáveis, está presente e perpassa toda a sua reflexão. Assim, vemos claramente que a existência das verdades eternas diante do espírito finito e da razão humana mutável, leva-o a realizar a ascensão para encontrar a transcendência, e nesta encontrar a Deus: “A partir do que foi visto, é incontestável que aquela natureza imutável que se acha acima da alma racional é Deus. Aí se encontra a primeira vida, a primeira essência, aí está a primeira sabedoria. É a Verdade imutável, justamente chamada a lei de todas as artes e a Arte do onipotente Artífice”¹³⁴. Esta natureza imutável, Deus, está ontologicamente acima da alma racional, acima da “mens”; ele é eterno e imutável, enquanto que as criaturas todas são temporais e mutáveis. Temos, então, a ordem hierárquica posta e enunciada por Agostinho: “Assim sendo, a alma toma consciência de que não é por si mesma que pode julgar sobre a forma e o movimento dos corpos. Ao mesmo tempo, ela reconhece que sua própria natureza é superior à natureza daquelas coisas sobre as quais julga. Contudo, reconhece também, ser ela mesma de natureza inferior àquela de quem recebe o poder julgar. E que não é capaz de julgar sobre essa natureza que lhe é superior”¹³⁵. O descobrimento e reestabelecimento desta ordem hierárquica na vida do homem é a realização de sua salvação pela razão e de seu reestabelecimento moral, pois, se não descobre sua superioridade com relação às criaturas sensíveis, corporais e mutáveis, mas, pelo contrário, afeiçoa-se a elas e apega-se, desejado fruir delas, permaneça escravo daquilo ao qual foi criado para julgar e não ser subjugado. Assim vemos, por exemplo, o homem que é dominado pelas suas paixões desordenadas e não as domina, desejando fruir cada vez mais dos prazeres sensíveis: este, ao invés de dominar e julgar as criaturas sensíveis com sua razão, usando delas com sobriedade, deixa-se dominar por elas e escraviza-se a elas; não encontra a beatitude da Sabedoria e da Verdade imutável. Em contrapartida, aquele que toma consciência e reconhece que sua própria natureza é superior à natureza daquelas coisas sensíveis mutáveis sobre as quais julga, e que não é por si mesmo que julga sobre as formas e os movimentos dos

¹³³ Ibidem, p. 156.

¹³⁴ *De vera Religione*, XXXI, 57: “Nec iam illud ambigendum est, incommutabilem naturam, quae supra rationem animam sit, Deum esse; et ibi esse primam vitam et primam essentiam, ubi est prima sapientia. Nam haec est illa incommutabilis veritas, quae lex omnium artium recte dicitur et ars omnipotentis artificis”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 15 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 82.

¹³⁵ Ibidem: “Itaque cum se anima sentiat nec corporum speciem motumque iudicare secundum seipsam, simul oportet agnoscat praestare suam naturam ei naturae de qua iudicat; praestare autem sibi eam naturam, secundum quam iudicat, et de qua iudicare nullo modo potest”.

corpos, mas sim pela Verdade imutável que lhe é superior, este não viverá para as criaturas, justamente porque se redescobre, realiza o movimento de interiorização para reconhecer sua natureza superior. Este saberá julgar todas as demais criaturas sensíveis e também julgar os fenômenos que lhe chegam pelos sentidos. Saberá ainda reconhecer que eles mesmo – este homem dotado de alma racional – é inferior, por sua vez, àquela natureza de quem recebe o poder de julgar. Reconhece e submete-se à Verdade imutável que está acima de sua razão, acima de sua mente; submete-se a Deus, pois não é capaz de julgar sobre esta natureza que lhe é superior.

Esta mesma verdade é expressa pelo santo doutor nas *Confissiones*:

“Os homens, porém, podem interroga-la (as criaturas), a fim de que contemplem e entendam as coisas invisíveis de Deus, por meio das coisas que foram criadas, mas amando estas, ficam sujeitos a elas, e, uma vez submetidos, não conseguem avaliá-las. E elas não respondem aos que tão-só perguntam, sem avaliar, nem mudam a sua voz, isto é, a sua beleza, se um apenas vê, enquanto o outro, vendo, interroga, de modo a aparecer a um de uma maneira, e a outro de outra; mas, aparecendo da mesma maneira a ambos, é muda para o primeiro, e fala para o segundo: mais ainda, fala a todos, mas só a compreendem aqueles que conferem com a verdade, dentro de si mesmos, a voz percebida de fora. Com efeito, a Verdade diz-me: O teu Deus não é a terra e o céu, nem corpo algum. Isto diz a natureza das coisas. Estás a ver? A matéria é menor na parte do que no todo. Já tu, ó alma, sou eu que to digo, és superior porque és tu que animas a mole do corpo, proporcionando-lhe a vida que nenhum corpo confere ao corpo. De resto, o teu Deus é também para ti a vida da tua vida”¹³⁶.

Os homens possuem a razão justamente para questionar e julgar as criaturas sensíveis em sua totalidade; porém, se amam a estas, ficam sujeitas a elas e não conseguem avaliá-las, uma vez submetidos a elas. Ou seja, os homens que não conheceram a si mesmos, e sua natureza superior a das criaturas sensíveis mutáveis, acabam por escravizar-se a elas e não chegam a Deus, sua beatitude, e à Sabedoria eterna. Assim não basta apenas ver as criaturas, mas é preciso questioná-las sobre sua natureza mutável e julgá-las através da luz da Verdade, que encontramos dentro de nós, acima da mente, mas que através do exercício racional, ilumina a razão humana para julgar e constatar com verdade que Deus não é nem o céu, nem a terra e nenhuma das criaturas sensíveis e corpóreas, pois são mutáveis. Isto diz a natureza das coisas, e podemos ver a partir do momento em que as questionamos; vemos não com a luz física dos olhos, mas com a luz interior da razão. Desta maneira, a matéria é menor na parte do que no todo, ou seja, a matéria é composta e mutável, enquanto que a alma é superior ao

¹³⁶ *Confissiones*, X, VI, 10: “Homines autem possunt interrogare, ut *invisibilia Dei per ea, quae facta sunt, intellecta* conspiciant, sed amore subduntur eis et subditi iudicare non possunt. Nec respondent ista interrogantibus nisi iudicantibus nec vocem suam mutant, id est speciem suam, si alius tantum videat, alius autem videns interroget, ut aliter illi appareat, aliter huic, sed eodem modo utrique apparens illi muta est, huic loquitur; immo vero omnibus loquitur, sed illi intellegunt, qui eius vocem acceptam foris intus cum veritate conferunt. Veritas enim dicit mihi: “Non est Deus tuus terra et caelum neque omne corpus”. Hoc dicit eorum natura. Vident: moles est, minor in parte quam in toto. Iam tu melior es, tibi dico, anima, quoniam tu vegetas molem corporis tui praebens ei vitam, quod nullum corpus praestat corpori. Deus autem tuus etiam tibi vitae vita est”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 451.

corpo, porque o anima e lhe confere vida, sendo ela sem divisões nenhuma, e nem suscetível a divisões. Assim também Deus é para o homem a vida de sua vida, ou seja, a vida da alma; e esta alma pode viver submetendo as criaturas a si, através da razão, pois lhe é superior, enquanto que se submete a Deus, Verdade eterna e imutável, pois lhe é inferior. Assim realiza a sua natureza.

3.3. Da unidade imperfeita das coisas mutáveis à Unidade perfeita do Uno

Desta maneira, diante de todas as reflexões que nos trouxeram até o presente momento, podemos afirmar que todo homem que deseja e busca a Verdade, deseja e busca, no fundo, ao próprio Deus e com ele está. Ao realizar esta passagem das coisas sensíveis à razão, e desta última para Deus, o homem já encontra em si uma instância interior e espiritual, permanecendo unido a Deus-Verdade: “Pois, se como todos os seres racionais, nós julgamos dos que nos são inferiores conforme a verdade, ao se tratar da própria Verdade, ela é que nos julga, unicamente, ao lhe estarmos unidos”¹³⁷. No momento em que encontramos a Verdade realizando o movimento de interiorização, percebemos que a todas as criaturas sensíveis podemos julgar, no entanto, somos julgados pela Verdade que está acima de nós – esta é a ordem hierárquica do conhecimento, segundo Agostinho. Ora, esta Verdade é uma pessoa: Jesus Cristo, que na Santíssima Trindade nem mesmo o Pai o julga, porque não lhe é inferior, mas julga através desta Verdade: “Ao se tratar da Verdade em pessoa (JesusCristo), nem mesmo o Pai o julga, porque ele não lhe é inferior. E quando o Pai julga, é por essa Verdade que ele julga”¹³⁸. Notamos, desta forma, que o Pai e o Filho possuem a mesma substância, uma vez que o primeiro não é superior nem inferior ao último; mas se o primeiro julga através do último, é ele Pai, enquanto a Verdade, Filho. Dito isto, Agostinho segue fazendo uma exegese de alguns trechos da Sagrada Escritura reafirmando o que dissera até aqui: “É porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento (Jo 5,22) e que O homem espiritual julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado (II Cor 5,10)”¹³⁹. Neste ponto, notadamente percebemos que a reflexão feita pela razão para chegar à Verdade realizando a salvação do homem, toca-se com a revelação divina, ou seja, o caminho da salvação deste homem pela fé. Aquilo que a fé já nos havia dado, agora a razão chegara e obteve através de seu exercício. O Filho, Jesus Cristo, é quem julga todas as coisas porque é ele a Verdade, e todo homem que chega e descobre a Verdade em seu interior, torna-se homem espiritual, sendo capaz de julgar também todas as coisas pela Verdade: “Dito de outra forma, nenhum homem o julga, mas ele é julgado somente por aquela lei pela qual pode julgar todas as coisas”¹⁴⁰.

¹³⁷ *De vera Religione*, XXXI, 58: “Ut enim nos et omnes animae rationales, secundum veritatem de inferioribus recte iudicamus; sic de nobis, quando eidem cohaeremus, sola ipse Veritas iudicat”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 83.

¹³⁸ *Ibidem*: “De ipsa vero nec Pater, non enim minor est quam ipse, et ideo quae Pater iudicat, per ipsam iudicat”.

¹³⁹ *Ibidem*: “qui Pater dicitur; ex quo omnis paternitas in caelo et in terra nominatur. Pater ergo non iudicat quemquam, sed omne iudicium dedit Filio: et, spiritalis homo iudicat omnia, ipse autem a nemine iudicatur”.

¹⁴⁰ *De vera Religione*, XXXI, 58: “id est a nullo homine, sed a sola ipsa lege secundum quam iudicat omnia”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 84.

Estar unido, pois, à Verdade que é Deus, que é Cristo, é realizar a vida reestabelecida em sua moralidade, justamente porque é viver segundo a sua natureza. O homem unido à Verdade é um homem espiritual, pois realizou a passagem daquilo que lhe era exterior para encontrar no interior de si mesmo a verdade, e, ultrapassando-se, encontrar a Deus. Assim, não vive mais voltado para as criaturas sensíveis, temporais e mutáveis, não está mais apegado a elas e servindo-as, desejando encontrar nos prazeres sensíveis a vida feliz, mas agora, tendo encontrado a salvação pela via da razão, este homem percebe que pode julgar tudo aquilo que lhe chega pelos sentidos, e por esta causa, é superior a isso tudo. Conhecendo a si mesmo, encontra a Verdade pela via da razão para julgar todas as coisas por ela, a ela submetendo-se para estar unido a Deus. É o que diz: “O homem espiritual, pois, julga tudo, porque está acima de tudo, quando está com Deus. E ele está com Deus, quando entende de maneira muito pura, e que ama com caridade total o que entende. Assim, o quanto está em seu poder, identifica-se com a própria Lei pela qual julga tudo. Essa mesma Lei não pode ser julgada por ninguém”¹⁴¹. Imagem desta realidade é o sistema legislativo mantido pelos homens, pois ao instituir uma lei, os homens a julgam. Porém, uma vez instituída e promulgada, não cabe mais a nenhum homem julgá-las, mas obedecê-las, bem como aos juízes julgar conforme estas leis, através delas. O legislador temporal, portanto, age conforme a Lei eterna uma vez que julga todas as coisas segundo a lei imutável determinada. Assim, “é privilégio das almas puras conhecer a lei eterna, mas não o direito de a julgar. Isso porque há esta diferença: para conhecer, basta constatar que uma coisa é assim ou não. Para julgar, porém, nós acrescentamos alguma coisa por onde significamos que ela pode ser também de outro modo”¹⁴². Somente conhece a Lei eterna estas almas puras, ou seja, as almas que não mais servem às criaturas sensíveis, mas buscam a Verdade eterna através do movimento de interiorização, levadas pelo exercício racional. Estas almas puras tem o direito de julgar todas as coisas mutáveis, pois constataram a verdade, mas não podem julgar a Verdade – que é Deus –, pois nada podem acrescentar a ela.

Posto isso, Agostinho começa a investigar sobre a “unidade”. Para isto, realiza ele novamente o ato de iniciar pelas coisas sensíveis, a fim de chegar às inteligíveis. Começa por analisar a atitude do arquiteto que “voltado para a terra, baseia-se em seu olhar, sem compreender a causa. Mas em presença de alguém dotado de olhar interior, que veja as coisas invisíveis, não desistirei. Hei de perguntar por que essa simetria agrada. Isso para que ele tente julgar com precisão sobre o prazer humano. Chegará, assim, a dominá-lo. Deixará de estar preso a ele. Julgará não conforme o mesmo prazer, mas a respeito dele”¹⁴³. Agostinho

¹⁴¹ Ibidem: “Omnia ergo iudicat, quia super omnia est, quando cum Deo est. Cum illo autem est, quando purissime intellegit, et tota caritate, quod intellegit, diligit. Ita etiam, quantum potest, lex ipsa etiam ipse fit, secundum quam iudicat omnia, et de qua iudicare nullus potest”.

¹⁴² Ibidem: “Aeternam igitur legem mundis animis fas est cognoscere, iudicare non fas est. Hoc autem interest, quod ad cognoscendum satis est ut videamus ita esse aliquid vel non ita: ad iudicandum vero addimus aliquid quo significemus posse esse et aliter; velut cum dicimus: Ita esse debet, aut, ita esse debuit, aut, ita esse debebit; ut in suis operibus artifices faciunt”.

¹⁴³ *De vera Religione*, XXXII, 59: “nihil audebit amplius. Inclinator enim recumbit oculis, et unde pendeat non intellegit. At ego virum intrinsecus oculatum, et invisibiliter videntem non desinam commonere cur ista placeant, ut iudex esse audeat ipsius delectationis humanae. Ita enim superfertur illi, nec ab ea tenetur, dum non secundum ipsam, sed ipsam iudicat”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 85.

inicia dizendo que para muitos o prazer humano, sensível e mutável, é a meta; porém, por conta disto, não são capazes de julgar sobre o porquê dos objetos visíveis nos deleitarem tanto, e, desta maneira, não chegam à causa. Chama como exemplo para enunciar a questão o trabalho do arquiteto. Este, ao elevar uma ogiva de um dos lados da construção, começa a elevar outra do outro lado a fim de que a obra torne-se simétrica e bela, para que as partes iguais se correspondam e possa, desta maneira, com sua beleza, deleitar o olhar. Ora, Agostinho nos diz que o arquiteto não ousará ir mais longe porque seu olhar está voltado para aquilo que é terreno, não conseguindo ir mais longe. Ainda não chegara a possuir o olhar interior, pois este vê através da razão, através da verdade conhecida pelo exercício racional, enquanto aquele é exterior e vê somente o sensível. Mas o olhar interior, ou seja, a razão, o exercício racional consegue ver as coisas invisíveis, consegue chegar às verdades eternas. Aquele que possui este olhar, portanto, consegue responder ao porque da simetria de tal construção agradar, ou seja, consegue julgar a respeito do prazer humano e a respeito daquilo que causa este prazer; consegue, assim, dominar todo prazer sensível, e não deixar-se dominar e subjugar por ele. Uma vez que consegue dominar este prazer, já não estará mais preso a ele; julgará não conforme o prazer, como alguém que está apegado a ele e não consegue transcender-se do mesmo, mas a respeito dele, pois encontrara a verdade, invisível e imaterial, e através desta julga.

Aquilo que agrada o sujeito, ou o arquiteto, na visão estética descrita acima é justamente a simetria, as partes da obra que tende com evidência para sua unidade. Ora, Agostinho agora põe-se a investigar se esta unidade, observada no mundo material, nas coisas sensíveis, realiza plenamente esta unidade ou se distanciam-se dela. Segundo ele, nenhuma forma ou corpo algum está desprovido de certo vestígio de unidade, porém, por mais belos que sejam, justamente por serem corpos e suas partes estarem dispersas no espaço, não podem realizar a unidade perfeita à qual aspiram. Todavia, onde podemos ver tal unidade perfeita? Onde a podemos encontrar? Pois se não a vemos, como conseguimos imitá-la no exemplo dado do arquiteto ou em tantas outras obras que julgamos serem belas por haverem realizado esta unidade, mesmo que não plenamente? Ora, com os olhos corporais apenas vemos objetos corporais e, portanto, a unidade realizada pelos corpos sensíveis, mas com a mente, porém, com o olhar interior, podemos ver a suma e eterna Unidade:

“com teus olhos corporais só vês objetos corporais. É, pois, só com a mente que vemos a Unidade. Mas onde a vemos? Se ela estivesse só onde está o nosso corpo os orientais não a veriam... (E contudo, eles julgam a respeito dos corpos como nós). Portanto, ela não está circunscrita em lugar. Presente em toda parte onde é possível julgar, ela não está presa no espaço, em locais determinados. E, contudo, de lugar algum ela está ausente, por seu poder”¹⁴⁴.

¹⁴⁴ *De vera Religione* XXXII, 60: “nam istis oculis non nisi corporalia vides: mente igitur eam videmus. Sed ubi videmus? Si hoc loco esset ubi corpus nostrum est, non eam videret qui hoc modo in Oriente de corporibus iudicat. Non ergo ista continetur loco; et cum adest ubicumque iudicanti, nusquam est per spatia locorum, et per potentiam nusquam non est”. <http://www.augustinus.it/html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p.85-86.

Ora, esta Unidade que podemos ver apenas com a mente é a Verdade eterna e imutável, que não está presa dentro do tempo e do espaço, mas os transcende.

Agostinho começa agora a indagar sobre a sensação e o conhecimento que nos chega através dos sentidos. Segundo ele, nossos sentidos não nos levam ao engano, porque, primeiramente, eles não podem mentir, uma vez que a beleza dos corpos que não possui nenhuma vontade, não pode mentir por si só; em segundo lugar, os sentidos não podem tão pouco levar ao engano, a não ser que se tome essa beleza por aquilo que ela não é verdadeiramente. Ora, segundo ele mentir é querer passar pelo que não se é, e, em contrapartida, enganar é passar por outro do que se é sem o querer. Uma vez que todo mentiroso tem a intenção de enganar e os sentidos como os objetos não possuem vontade para terem intensão, concluímos que os sentidos não mentem. Porém, estes sentidos podem nos levar ao engano se tomarmos a sua beleza pelo que ela não é de verdade ¹⁴⁵. Ora, em que momento podemos ser enganados pelos sentidos? Primeiramente, no momento em que tomamos a beleza das criaturas que sentimos pelo que ela não é: a suma beleza, e suma Unidade. “Se a unidade não fosse senão mentira dos corpos, deveríamos nos guardar de crer neles, para não cairmos na ilusão dos criadores de ilusões. Ao investigar melhor, porém, vemos que tal mentira vem de que eles parecem apresentar a nossos olhos corporais um ideal perceptível só à mente” ¹⁴⁶. Ora, a suma e plena Unidade somente percebemos com a mente, pois é a Verdade Imutável e Eterna, Deus; ao passo que, com nossos sentidos, percebemos apenas objetos corporais que nos apresentam uma certa unidade, mas sem a realizar plenamente:

“Resumindo, se a beleza das coisas visíveis nos enganam é porque elas contêm certa unidade, sem contudo a realizar plenamente. Compreendamos, se formos capazes, o que nos leva ao engano: não é o que seja o objeto, mas o que ele não é. Todo corpo é verdadeiro corpo, mas com unidade falha. Não é o Uno supremo. Não o reproduz plenamente. E contudo, não seria um corpo se não tivesse essa certa unidade. Finalmente, ele não poderia ter essa unidade, se não a recebesse daquele que é o Uno supremo” ¹⁴⁷.

¹⁴⁵ Cf. *De vera Religione*, XXXIII, 61: “Quod si eam corpora mentiuntur, non est credendum mentientibus, ne incidamus in vanitates vanitantium: sed quaerendum potius, cum ideo mentiantur, quia eam videntur ostendere oculis carnis, cum illa mente pura videatur utrum in tantum mentiantur, in quantum ei similia sunt, an in quantum eam non assequuntur. Nam si assequerentur, quod imitantur implerent. Si autem implerent, omnimodo essent similia. Si omnino essent similia, nihil inter illam naturam et istam interesset. Quod si ita esset, non eam mentirentur: id enim essent quod illa est. Nec tamen mentiuntur diligentius considerantibus: quia ille mentitur qui vult videri quod non est: quod autem non volens aliud putatur quam est, non mentitur, sed fallit tamen. Nam ita discernitur mentiens a fallente, quod inest omni mentienti voluntas fallendi, etiamsi non ei credatur: fallens autem esse non potest, qui non fallit. Ergo corporea species, quia nullam voluntatem habet, non mentitur: si vero etiam non putetur esse quod non est, nec fallit”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 86-87.

¹⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁷ *De vera Religione*, XXXIV, 63: “Et si propterea nos fallit rerum visibilium pulchritudo, quia unitate continetur, et non implet unitatem; intellegamus, si possumus, non ex eo quod est nos falli, sed ex eo quod non est. Omne quippe corpus verum corpus est, sed falsa unitas. Non enim summe unum est, aut in tantum id imitatur ut impleat: et tamen nec corpus ipsum esset, nisi utcumque unum esset. Porro utcumque unum esse non posset, nisi ab eo quod summe unum est, id haberet”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 89.

Ora, este Uno supremo é Deus, Verdade Imutável, de quem todos os corpos recebem o ser uno, mas não plenamente. Enganar-se é tomar as criaturas corporais, estes objetos, como uno supremo, pois esta inversão faz com que vivamos subjugados pelo sensível, ao passo que estar submetido ao Uno supremo, nos torna livres, podendo subjugar todo o sensível através do Uno.

Desta maneira, Agostinho afirma que os sentidos não nos enganam: “Nem mesmo os olhos se enganam, pois só podem transmitir à alma (racional) a sua impressão. Ora, se não somente os olhos, mas todos os sentidos corporais transmitem a própria impressão, tal qual, pergunto-me o que devemos exigir a mais deles. Suprimamos assim os criadores de ilusões e não haverá mais ilusão”¹⁴⁸. Agostinho admite que os sentidos transmitem à alma suas impressões; o objeto sentido causa na alma uma sensação, ele próprio porém, é incapaz de sensação, sendo esta última unicamente da alma. Para exemplificar isto, Agostinho dá novamente o exemplo do ramo posto dentro da água. Ora, a visão transmite à alma o fenômeno visto; se aquele que, ao constatar o fenômeno, conclui que o ramo está quebrado, este se torna mal juiz, pois é por conta da densidade da água que desvia a luz que temos a impressão de estar quebrado o ramo:

“Sendo o que é, a vista não podia nem mesmo devia, por sua natureza, sentir outra sensação de um fenômeno verificado dentro da água. Visto que o ar é um meio ambiente diferente do da água, é normal que a sensação seja uma através do ar, e outra através da água. A vista, portanto, está certa. Foi feita somente para ver. A alma (racional) é que está no erro. O espírito é que recebeu o dom de contemplar a suma beleza, não foi a vista”¹⁴⁹.

A alma racional está no erro justamente porque não foi capaz de julgar através da Verdade interior, que é a suma beleza contemplada pelo espírito e não pelos olhos corporais. Estes últimos somente transmitem à alma as impressões do objeto, e não poderia ser de outro modo, pois os olhos corporais foram feitos somente para ver. Porém, a alma racional foi feita para julgar todas as impressões sensíveis transmitidas pelos sentidos através da verdade contemplada em seu interior, a fim de concluir com um conhecimento verdadeiro. A vista corporal não pode contemplar a suma beleza da Verdade, pois esta é imaterial, de forma que somente a mente chega a vê-la: “Guardemo-nos de buscar os valores mais altos, entre os mais baixos, e a esses não vamos nos apegar. Saibamos julgá-los, para não sermos julgados por eles. Isto é, concedamos a eles, o quanto a sua forma de ser o merece – o da última ordem.

¹⁴⁸ *De vera Religione*, XXXIII, 62: “Sed ne ipsi quidem oculi fallunt; non enim renuntiare possunt animo nisi affectionem suam. Quod si non solum ipsi, sed etiam omnes corporis sensus ita renuntiant ut afficiuntur; quid ab eis amplius exigere debeamus ignoro. Tolle itaque vanitantes, et nulla erit vanitas”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 87.

¹⁴⁹ *De vera Religione*, XXXIII, 62: “Nam ille pro sua natura non potuit aliter in aqua sentire, nec aliter debuit: si enim aliud est aer, aliud aqua, iustum est ut aliter in aere, aliter in aqua sentiatur. Quare oculus recte; ad hoc enim factus est ut tantum valeat: sed animus perverse, cui ad contemplandam summam pulchritudinem mens, non oculus factus est”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 88.

Sem o que, procurando os principais valores entre os últimos, seremos relegados do primeiro ao último plano”¹⁵⁰.

Posto isso, Agostinho começa a discorrer sobre a falsidade das fantasias da imaginação, a fim de continuar suas investigações acerca do Uno: “Ó almas obstinadas! Dai-me um homem que contemple (estas verdades), sem imaginar nada de carnal. Dai-me quem veja que unicamente o Uno perfeito é o princípio de todas as coisas que possuem unidade, nelas plenificando ou não, essa unidade”¹⁵¹. Somente o Uno perfeito é o princípio de todas as coisas que possuem unidade, ou seja, a unidade de todos os seres corporais vem deste Uno perfeito. Ora, este Uno perfeito é Deus, e para contemplar esta verdade é preciso que nada imaginemos de carnal, é preciso separarmos as criaturas corporais e a imaginação que delas temos dentro de nós, no pensamento; ao passo que também precisamos compreender que o Uno buscado é verdadeiro objeto de contemplação do espírito, e não está nas ilusões produzidas pela imaginação, como queriam os maniqueus. Agostinho afirma categoricamente que não poderemos encontrar o Uno naquelas representações dos maniqueus chamadas de “phantasmata” da imaginação. Isto porque Agostinho tem a nítida preocupação de separar o objeto conhecido, do conhecimento que temos dele:

“Dai-me alguém que saiba pensar assim: Se não há senão uma Roma, fundada, como dizem, à margem do Tibre, por certo Rômulo, ilusória é esta Roma que meu pensamento imagina. Ela não é a mesma, nem lá estou eu presente pelo espírito. Se tal acontecesse, eu saberia, certamente, o que lá se passa, agora. Se o sol é um só, ilusório é este que meu pensamento imagina. Aquele, real, realiza seu curso em determinados espaço e tempo. O sol da minha imaginação, eu o ponho onde quero e quando quero. Se um é aquele amigo meu, falso é o que trago em minha imaginação. O primeiro não sei onde esteja agora, o segundo eu o imagino onde quiser. Eu mesmo, certamente sou um só, e neste lugar sinto o meu corpo, e contudo, por um artifício de minha imaginação vou aonde quero e falo com quem me apraz”¹⁵².

Ora, qual questionamento levanta o doutor Hiponense com estas indagações? Quando diz: “Se não há senão uma Roma, fundada às margens do rio Tibre, por certo Rômulo, ilusória é essa Roma que meu pensamento imagina”, o que ele quer designar com isso? Agostinho questiona dessa forma para poder separar justamente o objeto conhecido do conhecimento que

¹⁵⁰ *De vera Religione*, XXXIV, 63: “Non ergo summa quaeramus in infimis, nec ipsis infimis invidiamus. Iudicemus ea, ne cum ipsis iudicemur; id est, tantum eis tribuamus, quantum species meretur extrema, ne cum in novissimis prima quaerimus, a primis inter novissima numeremur”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 88.

¹⁵¹ *De vera Religione*, XXXIV, 64: “O animae pervicaces, date mihi qui videat sine ulla imaginatione visorum carnalium. Date mihi qui videat omnis unius principium non esse, nisi unum solum a quo sit omne unum, sive id impleat, sive non impleat”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 89.

¹⁵² *Ibidem*: “qui iam sibi noverit dicere: Si una Roma est, quam circa Tiberim nescio quis Romulus dicitur condidisse, falsa est ista quam cogitans fingo: non enim est ipsa, nec ibi sum animo; nam quid ibi agatur modo, utique scirem. Si unus est sol, falsus est iste quem cogitans fingo: nam ille curricula sua certis locis et temporibus peragit; istum ego ubi volo, et quando volo constituo. Si unus est ille amicus meus, falsus est iste quem cogitans fingo: nam ille ubi sit nescio; iste ibi fingitur, ubi volo. Ego ipse certe unus sum, et hoc loco esse sentio corpus meum; et tamen figmento cogitationis pergo quo libet, loquor cum quo libet”.

temos dele. O mesmo acontece com o exemplo do sol, do amigo e de si mesmo na sequencia do texto. Desta forma, podemos notar que

“a sensação já é uma forma de conhecimento espiritual; o objeto sensível, ao contrário, é algo de corporal. [...] Antes de mais nada, torna-se claro que o objeto sensível é atingido pela sensação, da qual ele é causa; ele próprio, porém, é radicalmente incapaz de sensação. Quando se diz que o mel é doce, não se pretende significar que ele percebe a doçura, mas que causa a sensação de doçura. A sensação, ao invés, é própria à alma: seria um erro misturar qualquer coisa de corpóreo à ideia do conhecimento sensível”¹⁵³.

O conhecimento sensível, portanto, é próprio da alma que sente através do corpo, é próprio da alma que atua sobre o corpo e como que “observa” o corpo para, desta maneira, perceber todas as mudanças ocorridas no corpo e produzir a sensação. A sensação é, pois, um conhecimento espiritual porque está presente na alma e corresponde ao objeto, que, por sua vez, é algo de corporal, pertence ao mundo real e causa a sensação. A sensação é uma atividade da alma:

“É interessante notar que é precisamente na análise do conhecimento sensível que o maniqueus de outrora, que não lograra sobrelevar-se aos sentidos, encontra uma luz invisível aos sentidos. Acima daquela única luz acessível ao discípulo de Manés, e no mesmo ato em que verifica a existência dessa luz, Agostinho discerne uma nova espécie de luz: alia enim lux, quae sentitur oculis; alia quae per óculos agitur, ut sentiatur. Esta outra luz promana da própria alma: haec lux, qua ista manifesta sunt, utique in anima est. E assim, a partir das coisas externas, conseguimos retornar ao nosso próprio interior”¹⁵⁴.

Dessa maneira, não é possível encontrar o Uno perfeito na imaginação, pois a imaginação é construída pelo pensamento na medida em que este recebe os dados dos sentidos que correspondem aos objetos corporais do mundo real, que não possuem a unidade em plenitude. Agostinho condena, desta maneira, a ilusão dos maniqueus que achavam poder encontrar o Uno nas imagens retidas dentro de si mesmos, na memória, pois estas mesmas imagens provém da sensação, e é justamente na investigação do conhecimento sensível que ele encontra uma luz invisível aos sentidos, retornando ao interior de si mesmo. É capaz de julgar os sentidos pela razão, pela mens que conhece a verdade e através dela julga – esta é a luz verdadeira. Por isso ele condena a imaginação como ilusória:

“Todas essas coisas são ilusórias e ninguém entende a falsidade. Portanto, não uso a faculdade de compreender quando me entrego a fantasiar as coisas nas quais devo crer. Pois só o verdadeiro deve ser objeto a ser contemplado pela inteligência. [...] Onde estará o verdadeiro objeto da contemplação do espírito? A quem se questiona desse modo, já se pode dizer: É luz verdadeira aquela que te faz reconhecer que tudo isso não é verdadeiro. É por ela que vês aquele Uno, por cujos reflexos vislumbra a

¹⁵³ Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 158.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 160-161

unidade em todas as coisas vistas. Vês, porém, que elas são mutáveis, não idênticas ao Uno”¹⁵⁵.

É pela luz da razão que questionamos e constatamos que nas coisas materiais e corpóreas, bem como na imaginação não há um uno senão imperfeito, a unidade de todas as coisas vistas, coisas que são mutáveis, e por isso sua unidade não é nem plena, nem perfeita; outrossim, é pela razão interior, pela mens que vemos aquele Uno, objeto da contemplação do espírito, e constatamos a sua plenitude e perfeição da qual a unidade das coisas mutáveis é reflexo e podemos distingui-las da perfeição do Uno supremo.

“Se as considerações acima perturbam o olhar de vossa mente, quietai-vos. Não luteis senão contra o mau hábito das imaginações corpóreas. Vencei-as e tudo mais será vencido”¹⁵⁶. Uma vez que constatamos através do olhar da mente, pela reflexão racional que aquele Uno perfeito não se encontra nem nas coisas corpóreas deste mundo, nem no mau hábito das imaginações corpóreas, mas naquela Verdade que habita o interior do homem, encontraremos a quietude e a paz.

“É por certo o Uno que nós procuramos. Não há nada mais simples do que ele. Procuremo-lo, pois, em toda simplicidade de coração. ‘Tranquilizai-vos e reconheci: Eu sou Deus’ (Sl 45,11). Não se trata do repouso da ociosidade, mas do repouso do pensamento, libertado do espaço e do tempo. O turbilhão das imaginações soltas impede ver a unidade inalterável. O espaço apresenta-nos objetos a amar. O tempo arrebatam-nos o que amamos, não deixando na alma senão multidão de imagens que excitam a cupidez, em todos os sentidos. A alma torna-se então inquieta, atormentada no seu ardente, mas inútil desejo de possuir os objetos que a possuem”¹⁵⁷.

Agostinho afirma a simplicidade deste Uno que é Deus, procurado pela razão com grande exercício, mas encontrado antes pela fé com toda simplicidade. Nele há o repouso! Não aquele da ociosidade que nos faz paralisar no descanso irresponsável, mas aquela ociosidade do repouso do pensamento que se vê livre do espaço e do tempo para contemplar aquele Uno. O turbilhão das imaginações soltas, que nos impede de contemplar a unidade

¹⁵⁵ *De vera Religione*, XXXIV, 64: “Falsa sunt haec; nec quisquam intellegit falsa. Non ergo intellego, cum ista contemplor, et istis credo; quia verum esse oportet quod intellectu contemplor: numquid forte sunt ista quae phantasmata dici solent? Unde ergo impleta est anima mea illusionibus? Ubi est verum, quod mente conspicitur? Ita cogitanti iam dici potest: Illa lux vera est qua haec non esse vera cognoscis. Per hanc illud unum vides, quo iudicas unum esse quidquid aliud vides, nec tamen hoc esse quod illud est, quidquid mutabile vides”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 90.

¹⁵⁶ *De vera Religione*, XXXV, 65: “Quod si haec intueri palpitat mentis aspectus, quiescite; nolite certare, nisi cum consuetudine corporum: ipsam vincite, et victa erunt omnia”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 90.

¹⁵⁷ *De vera Religione*, XXXV, 65: “Unum certe quaerimus, quo simplicius nihil est. Ergo in simplicitate cordis quaeramus illum. *Agite otium*, inquit, *et agnoscetis quia ego sum Dominus*: non otium desidiae, sed otium cogitationis, ut a locis ac temporibus vacetis. Haec enim phantasmata tumoris et volubilitatis, constantem unitatem videre non sinunt. Loca offerunt quod amemus, tempora surripiunt quod amamus, et relinquunt in anima turbas phantasmatum, quibus in aliud atque aliud cupiditas incitetur. Ita fit inquietus et aerumnosus animus, frustra tenere a quibus tenetur, exoptans”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 90-91.

inalterável que é Deus, reflete justamente o desejo que a alma tem de possuir os objetos que a possuem, ou seja, o apego às coisas mutáveis que atormentam e inquietam a alma. Atormenta e inquieta justamente porque são mutáveis; porque uma vez que o espaço apresenta-nos abjetos para amar, o tempo arrebatava o que amamos, deixando na alma somente as imagens que excitam nossa cupidez. Percebemos que estes objetos não têm senão um reflexo da unidade perfeita, pois justamente porque possuem uma unidade imperfeita, é que são mutáveis e deterioram-se. A alma deseja possuir estes objetos, mas na verdade não percebe que não pode julgá-los, não percebe que está acima deles, e acaba por ser possuída por eles, vivendo uma espécie de escravidão, resultando num esquecimento de quem é e de sua natureza. O homem, dessa maneira, em vez de direcionar-se para Deus, para o Uno e sua beleza, direciona-se para as criaturas, e esquece-se de si mesmo. Este precisa reencontrar-se com aquilo que é através do exercício racional da mens, e redescobrir a capacidade de julgar, a capacidade da razão. Mais que isto, precisa descobrir que sua razão ainda é mutável e, portanto, não pode ser fundamento de si mesma. Outro será seu fundamento: a Verdade imutável, pela qual tudo julga – Deus. Deus é o fundamento de toda ordem:

“A alma é convidada ao repouso, isto é, a não amar objetos os quais não poderia amar, sem penar. Pois ela poderá se tornar senhora deles. Em vez de ser possuída, ela se possuirá. ‘O meu jugo, diz o Senhor, é suave’ (Mt 11,30). Quem se submete a esse jugo, submete tudo o mais a si. Aquele que está submisso não oferece resistência. Mas infelizes os amigos deste mundo! Seriam senhores do mundo se o quisessem. Que se tornem filhos de Deus, pois ‘a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus’ (Jo 1,12). Sendo amigos do mundo, porém, temem tanto ser separados desse amor, que parece nada lhes ser mais penoso do que não mais penar”¹⁵⁸.

É a este repouso que a alma é chamada a viver, o repouso de não amar as coisas mutáveis de forma a penar, mas estimá-las na medida em que elas são o que são, ou seja, reconhecer a sua natureza mutável e as julgar pela razão, para amá-las nesta proporção; na medida em que refletem a beleza daquele Uno perfeito, uma vez que possuem somente unidade imperfeita, porque mutável. Assim, a alma torna-se senhora destes objetos, pois em vez de ser possuída por eles, ela os possui. Consegue realizar este movimento justamente porque encontra o Uno perfeito acima de si mesma, e submete-se a Ele – recupera assim a ordem estabelecida, submetendo-se ao jugo de Deus. Infelizes são, portanto, os amigos deste mundo mutável e passageiro, que possui apenas uma unidade imperfeita, pois são possuídos por ele ao invés de dele serem senhores, na capacidade de julgar, imanente a si mesmos. Infelizes, porque sendo amigos do mundo, vivem no temor de serem separados desse amor, justamente porque o objeto desse amor é mutável e passageiro. Para encontrarem descanso e não mais o penar, precisam fazer-se filhos de Deus, encontrando e amando aquele Uno

¹⁵⁸ Ibidem: “Vocatur ergo ad otium, id est, ut ista non diligat quae diligunt sine labore non possunt. Sic enim eis dominabitur, sic non tenebitur, sed tenebit. *Iugum meum*, inquit, *leve est*. Huic iugo qui subiectus est, subiecta habet cetera. Non ergo laborabit; non enim resistit quod subiectum est. Sed miseri amici huius mundi, cuius domini erunt, si filii Dei esse voluerint, quoniam dedit eis potestatem filios Dei fieri; amici ergo huius mundi tam timent ab eius amplexu separari, ut nihil eis sit laboriosius, quam non laborare”.

perfeito, constatando que ele está acima de nós, e nós por ele podemos a tudo julgar pelo exercício da razão:

“Se está claramente manifesto que a falsidade faz crer na existência daquilo que não é, compreende-se que a verdade seja a que manifeste aquilo que é. Vimos que os corpos nos enganam, à medida que não realizam plenamente aquele Uno, ao qual se acham levados a imitar. Esse princípio Uno é por quem existe tudo o que de algum modo existe. É por ele que aprovamos tudo o que explicitamente esforça-se por se assemelhar a ele. E, naturalmente, desaprovamos tudo o que tende a se afastar dessa unidade, e tornar-se dessemelhante. Daí se compreende que exista alguém de tal modo semelhante àquele princípio uno – de quem recebe a unidade tudo o que de certo modo é uno – e que realize perfeitamente a tendência a lhe ser semelhante: esse alguém é a Verdade, o Verbo, que existe desde o princípio, o Verbo de Deus, Deus em Deus”¹⁵⁹.

Agostinho discorre neste trecho afirmando que a falsidade faz crer na existência daquilo que não é, ao passo que a verdade manifesta aquilo que é. Ora, os corpos nos enganam na medida em que não realizam plenamente aquele Uno, ao qual imitam, contudo, de certa forma imperfeita. Assim, o Uno é por quem tudo aquilo que existe tem o ser e é capaz de existência. Este Uno perfeito é nossa referência, é a Verdade pela qual julgamos todas as coisas, pois é através dele que aprovamos tudo o que esforça-se por assemelhar-se a ele e desaprovamos aquilo que tende a afastar-se dessa unidade, tornando-se dessemelhante. Mas haverá alguém que seja semelhante àquele princípio Uno e que realize perfeitamente a tendência de lhe ser semelhante? Sim, esse alguém é o Verbo de Deus, é a Verdade que existe desde o princípio – é Cristo. Portanto o Uno é somente Deus, sendo que a falsidade vem das coisas que imitando o Uno, não conseguem realizar este ideal; porém, a Verdade, o Verbo é aquele que consegue esta realização. Ele é tal como o Uno. Assim, “todos os outros seres podem ser ditos semelhantes ao Uno, à medida que existem, pois nessa mesma medida são verdadeiros. Quanto a ele, é na verdade a perfeita semelhança, e, portanto, a Verdade”¹⁶⁰. Podemos concluir, dessa forma, que todas as coisas são verdadeiras na medida em que existem, e existem na medida em que são semelhantes ao Uno perfeito: “Assim, as coisas verdadeiras são verdadeiras à medida que existem – e existem à medida que são semelhantes àquele Uno primordial. Por ele, todas as coisas que existem recebem forma, porque ele é a

¹⁵⁹ *De vera Religione*, XXXVI, 66: “Sed cui saltem illud manifestum est, falsitatem esse, qua id putatur esse quod non est, intellegit eam esse veritatem, quae ostendit id quod est. At si corpora in tantum fallunt, in quantum non implent illud unum quod convincuntur imitari, a quo Principio unum est quidquid est, ad cuius similitudinem quidquid nititur, naturaliter approbamus; quia naturaliter improbamus quidquid ab unitate discedit, atque in eius dissimilitudinem tendit: datur intellegi esse aliquid, quod illius unius solius, a quo Principio unum est quidquid aliquo modo unum est, ita simile sit ut hoc omnino impleat ac sit idipsum; et haec est Veritas et Verbum in Principio, et Verbum Deus apud Deum”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 91-92.

¹⁶⁰ *Ibidem*: “Cetera illius unius similia dici possunt in quantum sunt, in tantum enim et vera sunt: haec est autem ipsa eius similitudo, et ideo Veritas. Ut enim veritate sunt vera, quae vera sunt; ita similitudine similia sunt, quaecumque similia sunt”.

suprema semelhança do princípio. E é a verdade, porque sem nenhuma dessemelhança com ele”¹⁶¹.

Por fim, Agostinho termina suas reflexões com uma análise do pecado:

“Os pecados iludem as almas quando elas, ao procurarem o verdadeiro, negligenciam a Verdade, por amarem mais as obras do que o Artífice e a sua Arte. São punidos os homens por esse erro que consiste em tomar as obras pelo Artífice e a Arte. Deus não é captado pelos sentidos corporais, mas sobrepuja o próprio espírito. Os pecadores tomam as obras pela Arte e pelo próprio Artífice”¹⁶².

Assim, notamos que a falsidade não vem da mentira dos objetos, pois estes apenas mostram aos sentidos a forma que lhes foi dada conforme o seu grau, e nem mesmo da mentira dos sentidos, pois estes, por sua vez, são impressionados conforme a natureza do corpo afetado e transmitem apenas isto à alma racional a qual dirige as suas impressões. A falsidade, porém, e o pecado está na ilusão da alma que ao procurar o verdadeiro, negligencia a Verdade, e, desta forma, ama mais as obras, mais as criaturas mutáveis, do que o Artífice e sua Arte. Notamos a inversão dos valores, a inversão da hierarquia estabelecida pela natureza das coisas, ou seja, ao invés de amar a Verdade e ao Uno perfeito, para ser capaz de julgar as criaturas sensíveis, deixa-se subjugar por estas últimas, e passa a negligenciar a Deus. Põem, portanto, as obras no lugar de Deus, e por esta causa se escravizam. De fato Deus não é percebido pelos nossos sentidos corporais, porém, pelo exercício racional da mens podemos chegar até ele, Verdade eterna e Uno perfeito, a fim de que possamos constatar sua superioridade e nos submetermos a Ele a fim de sermos capazes de julgar todas as coisas pela verdade. Mas todos os que pecam, tomam as obras pela Arte e pelo próprio Artífice. A razão pode salvar o homem no momento em que faz com que ele volte seu olhar para o interior de si mesmo a fim de constatar a capacidade de tudo julgar, e por isso sua superioridade a todas as criaturas sensíveis e mutáveis, ao mesmo tempo que constata a existência da Verdade imutável acima de si mesma, pela qual tudo julga. Assim, quando se orienta para a Verdade e para o Uno – ou seja, para Deus –, esta alma se redescobre e conhece o interior de si mesma e a Deus, de forma que se submete a Deus-Verdade, para poder julgar todas as demais criaturas sensíveis, sendo senhora de tudo o mais, não deixando-se dominar pelas criaturas, mas as dominando, sendo senhora delas. Realiza aqui a hierarquia de sua natureza e seu reestabelecimento moral através do movimento de interiorização: está submissa a Deus-Verdade e submete todas as criaturas sensíveis; a alma é superior a todas as coisas mutáveis deste mundo, sendo senhora delas, mas submete-se à Verdade e ao Uno que lhe é superior, para a tudo julgar por Ele.

¹⁶¹ Ibidem: “Ut ergo veritas forma verorum est, ita similitudo forma similium est. Quapropter vera quoniam in tantum vera sunt, in quantum sunt; in tantum autem sunt, in quantum principalis unius similia sunt: ea forma est omnium quae sunt, quae est summa similitudo Principii; et Veritas est, quia sine ulla dissimilitudine est”.

¹⁶² *De vera Religione*, XXXVI, 67: “sed peccata animas fallunt, cum verum quaerunt, relictas et neglectas veritate. Nam quoniam opera magis quam artificem atque ipsam artem dilexerunt, hoc errore puniuntur, ut in operibus artificem artemque conquirant; et cum invenire nequiverint (Deus enim non corporalibus sensibus subiacet, sed ipsi menti supereminet), ipsa opera existiment esse et artem et artificem”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 23 out. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 92-93.

Considerações Finais

Diante de todas as reflexões que nos trouxeram até aqui, podemos afirmar que o fio condutor da filosofia agostiniana, no que diz respeito ao movimento de interiorização, fundamenta-se em passar, gradativamente, daquilo que é mutável para o imutável e eterno. Ora, realizar a interioridade consiste em viver o movimento que leva-nos de “fora para dentro, e de dentro para o alto”, ou seja, saímos da exterioridade, do mundo sensível das coisas mutáveis, para descobrir (ou redescobrir) a realidade interior, intelectual e racional, e desta transcender-se para a Verdade Imutável: Deus.

Concomitantemente a esta descoberta filosófica que leva-nos a encontrar a Verdade imutável através do movimento interiorizante, notamos que o homem torna-se capaz de posicionar-se diante da realidade da maneira que lhe convém, ou seja, da maneira condigna à sua natureza. Isto porque olhando para seu interior, este homem descobre sua alma racional que é capaz de julgar todas as demais criaturas mutáveis exteriores a ele, sendo também capaz de julgar todas as impressões que dos sentidos se lhe apresentam em forma de objetos. Constata, portanto, sua superioridade a todas estas criaturas exteriores mutáveis, pois possui uma alma racional.

Diante de tal constatação, o homem não mais se sujeita às criaturas mutáveis, ou seja, não procura a verdade naquilo que é mutável, nem deseja satisfazer-se mais nisto. Outrossim, reconhece o valor das coisas mutáveis reconhecendo seu ser, reconhecendo que são; não porém em absoluto, pois se o fossem em absoluto, seriam imutáveis. O homem procura a Verdade através do exercício racional, através do interior; constata que pode julgar todas as coisas através desta verdade e que sua própria alma racional ainda é mutável e, portanto, não pode ser causa nem de si mesma e nem da verdade. Ao constatar que tudo julga através da Verdade, transcende a si mesmo e alcança a Verdade Imutável, acima de si mesmo ontologicamente; esta Verdade Imutável é Deus.

Assim, o homem vê-se superior às demais criaturas mutáveis, e inferior à Verdade eterna e imutável. Ao encontrar esta ordem que realiza sua natureza, o homem também encontra o reestabelecimento de sua ordem moral, pois que não mais está submisso às criaturas exteriores para fruir delas, mas as julga e domina para usar delas como lhe convém. Além disso, submete-se a Deus, à Verdade Imutável para tudo julgar através dela. Isto é o que caracteriza a Verdadeira Religião, pois “entre todos os seres existentes, só foi dado à alma racional e intelectual, o privilégio de encontrar suas delícias na contemplação da divina eternidade, de participar e transformar-se nela até poder merecer a vida eterna. Mas que enquanto a alma espiritual e intelectual se deixar prender pelo amor e o peso das coisas passageiras e inconsistentes, e se afeiçoar aos costumes da vida presente e aos sentidos do corpo, dissipar-se-á em fantasias quiméricas. Daí, serem ridicularizados os que afirmam a existência do mundo invisível, o qual transcende a imaginação e é perceptível unicamente pelo espírito e pela inteligência”¹⁶³.

¹⁶³ *De vera Religione*, III,3: “in quibus animae tantum rationali et intellectuali datum, ut eius aeternitatis contemplatione perfruatur, atque afficiatur ex ea, aeternamque vitam possit mereri; sed dum nascentium atque transeuntium rerum amore ac dolore sauciat, et dedita consuetudini huius vitae atque sensibus corporis,

A Verdadeira Religião, ensina-nos Santo Agostinho, é aquela que conduz o homem a encontrar a Verdade Imutável que lhe transcende. Ora, enquanto a alma racional, espiritual e intelectual, se deixar prender, ou seja, dirigir seu amor para as coisas passageiras e mutáveis, inconsistentes, ela nunca vai encontrar a verdade e seu reestabelecimento moral, pois se escraviza àquilo que poderia dominar se vivesse submetida à Verdade Eterna. Se a alma racional se deixa afeiçoar aos costumes da vida presente e aos sentidos do corpo, nunca realizará o movimento de interiorização para redescobrir o seu interior, e nele, a capacidade e potência da razão. Viverá tão somente voltada para fora, para as coisas sensíveis e mutáveis, dissipando-se na mutabilidade de fantasias quiméricas, nas coisas que não tem o ser e a unidade em plenitude. O mundo invisível é perceptível unicamente pelo espírito e pela inteligência, no momento em que o homem volta seu olhar para o interior de si mesmo e descobre a capacidade existente em sua alma racional de refletir e julgar todas as demais criaturas mutáveis. Investigando a partir de seu interior, com sua razão, com sua “mens”, o homem encontra a Verdade Imutável, e na contemplação da divina eternidade, as suas delícias. Este privilégio somente o tem a alma racional e intelectual.

Por fim, podemos dizer com Santo Agostinho “que a Verdade não se capta com os olhos do corpo, mas com a mente purificada. Toda alma, tendo-a encontrado, pode se tornar feliz e perfeita”¹⁶⁴. A verdade, portanto, não está fora de nós, nas coisas temporais e corporais, mutáveis em si mesmas, mas a Verdade se capta com os olhos da mente, ou seja, através do olhar interior da alma racional. A mente purificada não se dirige mais para fora, mas procura a Verdade Eterna que a transcende; procura a Deus. A alma torna-se feliz e perfeita ao encontrar esta Verdade Imutável. Assim, “antes de tudo deve-se cuidar da alma, para que possa contemplar o exemplar imutável das coisas e a beleza incorruptível, absolutamente igual a si mesma, sem divisão no espaço e sem variação no tempo, mas sendo sempre a mesma, e idêntica em todos os seus aspectos. Beleza essa cuja existência os homens negam, apesar de ser única, verdadeira e suma”¹⁶⁵.

inanibus evanescit imaginibus, irridet eos, qui dicunt esse aliquid, quod nec istis videatur oculis, nec ullo phantasmate cogitetur, sed mente sola et intellegentia cerni queat”. <http://www.augustinus.it.html>. Acesso em: 13 nov. 2013. Tradução: AGOSTINHO (Santo). *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 28.

¹⁶⁴ Ibidem: “... non corporeis oculis, sed pura mente veritatem videri; cui quaecumque anima inhaesisset, eam beatam fieri atque perfectam”.

¹⁶⁵ Ibidem: “quamobrem sanandum esse animum ad intuendam incommutabilem rerum formam, et eodem modo semper se habentem atque undique sui similem pulchritudinem, nec distentam locis, nec tempore variatam, sed unum atque idem omni ex parte servantem, quam non crederent esse homines, cum ipsa vere summeque sit”.

Referências Bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém. 4. Ed. São Paulo: Paulus, 2006
- Santo Agostinho. *De Vera Religione*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002
- Santo Agostinho. *De Trinitate*. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007
- Santo Agostinho. *Solilóquios*. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2007
- Santo Agostinho. *Confissões*. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004
- Lima Vaz, Henrique C. de. *Ontologia e história*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2012
- Coreth, Emerich. *Deus no pensamento filosófico*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009
- Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. 2. Ed. São Paulo: Paulus & Discurso Editorial, 2010
- Novaes, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: Estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: discurso editorial, 2007
- Ayoub, Cristiane Negreiros Abbud. *Iluminação Trinitária em Santo Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2011
- Brown, Peter. *Santo Agostinho: Uma Biografia*. 5. Ed. São Paulo: Record, 2008
- Boehner, Philotheus & Gilson, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012
- Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2008
- Spanneut, Michel. *Os Padres da Igreja séculos IV - VIII*. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2002
- Hamman, A. *Os Padres da Igreja*. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 1980
- Hamman, A. *Santo Agostinho e seu tempo*. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 1989